

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

O BAIRRO ESTÁ *ON-LINE*?
VIVÊNCIAS E SOCIABILIDADE(S) JUVENIS EM UM BAIRRO DA REGIÃO
METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE

JULIANA BATISTA DOS REIS

SÃO CARLOS
2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

O BAIRRO ESTÁ *ON-LINE*?
VIVÊNCIAS E SOCIABILIDADE(S) JUVENIS EM UM BAIRRO DA REGIÃO
METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE

JULIANA BATISTA DOS REIS

Dissertação de mestrado apresentada ao
programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
da Universidade Federal de São Carlos

Orientador: Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo

Co-orientador: Pr. Dr. Juarez Dayrell

SÃO CARLOS
2009

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

R375bo Reis, Juliana Batista dos.
 O bairro está *on-line*? Vivências e sociabilidade(s) juvenis
 em um bairro da região metropolitana de Belo Horizonte /
 Juliana Batista dos Reis. -- São Carlos : UFSCar, 2012.
 98 f.

 Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São
 Carlos, 2009.

 1. Antropologia urbana. 2. Sociabilidade. 3. Periferia
 urbana. 4. Internet. 5. Jovens. I. Título.

CDD: 307.76 (20^a)



BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE

Juliana Batista dos Reis

11/02/2009

Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo
Orientador e Presidente
Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

Prof. Dr. Piero de Camargo Leirner
Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

Profa. Dra. Larissa Maués Pelúcio Silva
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

AGRADECIMENTOS

*Gastei uma hora pensando um verso
que a pena não quer escrever.
No entanto ele está cá dentro
inquieta, vivo.
Ele está cá dentro
e não quer sair.
Mas a poesia deste momento
inunda minha vida inteira
Carlos Drummond de Andrade.*

*Ai frases de pensar!
Pensar é uma pedreira. Estou sendo.
Me acho em petição de lata (frase encontrada no lixo)
Concluindo: há pessoas que se compõem de atos, ruídos, retratos.
Outras de palavras.
Poetas e tontos se compõem com palavras.
Manuel de Barros*

A absorvente tarefa de descrever acontecimentos, apresentar pessoas, esboçar interpretações se faz num certo isolamento. Por um lado, tecer esse texto foi um grande e solitário desafio, por outro, muitas pessoas se fizeram presentes em minha trajetória anterior e durante o mestrado.

Agradeço aos queridíssimos amigos e amigas da graduação em Ciências Sociais na UFMG, especialmente Évelin Nascimento, Denis Soares, Carol Utsch e Daniela Rezende com quem pude compartilhar idéias, angústias e muitos momentos de diversão. Aos amigos de Itabira/BH – Ciça, Cacá, Marcília, Juninho, Ada e Darlan por serem ‘casa’.

Agradeço aos amigos da UFSCar, pessoas fundamentais na minha permanência em São Carlos, interlocutores ao longo do mestrado e companheiros de boas risadas, Cláudia Winterstein, Patrícia Begnami, Victor Hugo Kebbe, Marina Novo, Antônio Júnior Guerreiro, Thaís Moya, Lerisson, Delega, Vinícius Ortiz (doutorado). Agradeço especialmente à Vívian Parreira, meu espelho mineiro em terras paulistas, amiga escorpiana pra toda vida!

Ao Kike, professor orientador que pacientemente me apontou limitações do olhar de uma pesquisadora em iniciação, assim como assinalou outras possibilidades de (re)construir compreensões da pesquisa.

Ao professor Piero Leirner que no exame de qualificação ofereceu novos questionamentos e críticas fundamentais para o desenvolvimento do trabalho.

Agradeço fortemente ao professor Juarez Dayrell, querido amigo, interlocutor, colega, por toda confiança, generosidade e trocas. Ao Observatório da Juventude da UFMG, espaço em que iniciei minha trajetória acadêmica e onde encontrei amigos e colegas de trabalho especialíssimos, Ana Amélia, Lili Magalhães, Saulo, Rodrigo, Zenaide, Áurea. Também aos meninos: Rômulo, Roberto, Marcelo e Bombi!

À toda minha família agradeço a compreensão. Mãe e vó pelo carinho irrestrito e constante, Matheus por ter segurado minha onda nos momentos mais angustiantes e principalmente, pelo companheiro de casa que é...

Por fim, minha mais profunda gratidão a todos de Nova Contagem que compartilharam comigo suas vivências. Um agradecimento especial a Bruna, Son, Moicano, Zé Maria e Hilário, pela acolhida e disponibilidade em colaborar com este trabalho.

RESUMO:

É possível pensar na idéia de uma *periferia na* ou *da* Internet? A partir de uma perspectiva etnográfica essa pesquisa busca descrever algumas práticas juvenis que supõem a formação de vínculos e relações que implicam em determinadas maneiras de vivenciar um bairro de “periferia” da Região Metropolitana de Belo Horizonte - Nova Contagem -. São privilegiados, principalmente, dois "espaços" de observação para compreensão da dinâmica dos processos de socialização e sociabilidade: uma *lan house* e *comunidades* sobre Nova Contagem no site de relacionamentos *Orkut* (www.orkut.com). A pesquisa revela uma intensa interação *on-line* entre jovens moradores de um mesmo bairro além de *comunidades* virtuais criadas em função desse pertencimento. A noção de *periferia* é problematizada enquanto categoria de análise, referência espacial, assim como seus sentidos simbólicos e identitários nas narrativas dos jovens e no contexto do ciberespaço. São reveladas interfaces e (des) continuidades entre os encontros na Internet e as interações face a face na *lan house* e em outros espaços do bairro, dinâmicas complementares e dissonantes na sociabilidade destes jovens.

PALAVRAS-CHAVE: sociabilidade, periferia, internet, jovens

ABSTRACT:

Is it possible to think about periphery on Internet? From an ethnographic view, this research aims to describe some youth practices which suppose the formation of ties and relations implying determined ways of understanding a Belo Horizonte's "peripheral" region: a neighborhood on Nova Contagem. To comprehend the dynamics of socialization process and sociability, we privilege two observational "places": a LAN gaming center and virtual communities about Nova Contagem on website Orkut (www.orkut.com). The research reveals an intense on-line interaction between the youth who lives on the same neighborhood, besides virtual communities created in virtue of this belonging. The notion of periphery is discussed as analysis' category, spatial reference, as well as its symbolic senses presents on youth's testimony. We try to reveal the interfaces and (dis)continuity between the Internet meetings and face-to-face meetings at LAN gaming Center and other activities on neighborhood.

KEYWORDS: sociability, periphery, internet, youth

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

APRESENTAÇÃO.....	9
CAMINHOS E DESLOCAMENTOS NA PESQUISA: NOTAS METODOLÓGICAS.....	13
ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS	15

CAPÍTULO 1.

NOMEAÇÕES E REPRESENTAÇÕES EM TORNO DE NOVA CONTAGEM..... 17

1.1 DO PONTO DE VISTA NORMATIVO: ALGUNS ELEMENTOS GEOGRÁFICOS, DEMOGRÁFICOS E POLÍTICOS	21
1.2 CONTEÚDOS DO ORKUT SOB ASPECTO DE REPRESENTAÇÕES.....	27

CAPÍTULO 2.

SOCIABILIDADE(S): ENTRE ESPAÇOS DO BAIRRO E DA WEB..... 44

2.1 A REDE QUE CONDUZ [OUTRA VEZ] À FEIRA.....	
2.2 ESTAR NA LAN	51
2.3 “CRIAR PERFIL” – CONSTRUIR-SE ON-LINE.....	54
2.4 “ESSA VAI PRO ORKUT!”.....	57
2.5 A CONSTRUÇÃO DA PESSOA ON-LINE.....	59
2.6 ENTRE A NET E A RUA - SOCIABILIDADE(S) ON E OFF-LINE?.....	61

CAPÍTULO 3.

ENTRE (PONTOS) E (NÓS) DAS REDES: JOVENS, RELAÇÕES DE VIZINHANÇA, AMIZADE E TRABALHO 73 |

3.1 A INTERNET COMO CAMPO DE POSSIBILIDADE NOS PROJETOS - “QUEM MEXE COM A INTERNET FICA RICO SEM SAIR DE CASA”	74
3.2 UMA REDE AMPLA: ENTRE BASQUETE, TRABALHO E IGREJA	81
3.3 TRABALHO E AMIZADES: TUDO NUM MESMO LUGAR	85

CONSIDERAÇÕES FINAIS 90 |

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 93 |

MAPAS E FOTOS

FIGURA 1: Mapa da Região Metropolitana de Belo Horizonte.....	22
FIGURA 2: Mapa das regiões administrativas do município de Contagem...	23
FIGURA 3: Página inicial da <i>Comunidade</i> “Nova Contagem”	29
FIGURA 4: Página inicial da <i>Comunidade</i> “Eu tenho medo do 1167”	34
FIGURA 5: Página de um fórum da <i>comunidade</i> “Nova Contagem”	35
FIGURA 6: Página de um fórum da <i>comunidade</i> “Eu tenho medo do 1167”.	35
FIGURA 7: Mapa da Região de Nova Contagem	46
FIGURA 8: Meu perfil no Orkut	57

INTRODUÇÃO

1. APRESENTAÇÃO

*Dentro de nós é que a favela cresce
e, seja discurso, decreto, poema
que contra ela se levante,
não para de crescer.
Carlos Drummond de Andrade*

Periferia, favela, morro, subúrbio, vila, aglomerado, comunidade, gueto, classes populares, pobres, miseráveis, favelados, manos, minas, classe trabalhadora... Sejam por nomeações nativas ou categorias de análise, tais palavras identificam lugares e moradores de áreas que são alvo de uma intensa produção nas Ciências Sociais brasileira na tematização das desigualdades socioeconômicas, em seus diferentes campos de conhecimento sociológico, antropológico ou na ciência política. Se há uma pluralidade de palavras que identificam, problematizam ou indicam a tematização da “periferia” nos estudos urbanos, há também uma multiplicidade de maneiras na apreensão da dinâmica das cidades focalizada nos bairros periféricos, nas práticas, sociabilidades ou vivências e representações de seus moradores.

Neste trabalho, apesar do campo de pesquisa estar fundado em um território circunscrito, bairro da Região Metropolitana de Belo Horizonte, tantas vezes previamente definido por diversos atores como *periferia*, buscou-se pela via etnográfica com os sujeitos moradores dali, principalmente jovens¹, vivências e narrativas que elucidassem suas relações e formas de sociabilidade naquela localidade, assim como os significados atribuídos ao bairro.

Contudo, o que inicialmente amparava meu deslocamento para o campo de pesquisa – o bairro Nova Contagem – pertencente à cidade de Contagem na Região Metropolitana de Belo Horizonte, em certo momento da pesquisa se ampliou para a Internet, o que alguns autores definiriam como ciberespaço, ambiente

¹ Alguns estudos que tematizam a juventude tendem a demarcar uma faixa-etária para definir os sujeitos na investigação, principalmente quando se tratam de estudos quantitativos ou de avaliação das políticas públicas para jovens. Na maioria das definições institucionais, a juventude é considerada o grupo etário particular na faixa dos 15 a 29 anos como indica o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Entretanto, neste trabalho foi o acesso empírico a certos espaços de sociabilidade do bairro, visivelmente compostos por meninos e meninas “jovens” e não propriamente uma definição das idades deles, que melhor defini os sujeitos que estabeleci relações mais próximas. Nesse sentido, “(...) ser jovem foi tomado **menos como uma categoria explicativa** do que como um **ponto de partida, empírico**, para os recortes” (MAGNANI, 2005, p. 173) [grifos meus]

“desterritorializado” ou “não lugar”². Fato ocasionado pelos movimentos e deslocamentos proporcionados pela via etnográfica que me fizeram chegar a uma *lan house*, local improvável de passar despercebido, pois, evidenciava uma intensa sociabilidade juvenil no bairro. Ao mesmo tempo em que buscava me aproximar de moradores e me deslocava no bairro, por outro recurso de pesquisa, percorria a Internet em busca de *sites* e sujeitos que remetiam à Nova Contagem e já esboçava alcançar, por essa ferramenta, pessoas que passaram a ser centrais nesta pesquisa.

Conceitos centrais como *sociabilidade*,

Não é à toa que começo o texto com o sentimento da favela *aumentando dentro de nós*. Acredito que a imagem poética da favela crescendo de distintas formas se assemelha ao crescimento dessa tematização, seja num discurso de “singularização da periferia” enunciado pelo movimento *hip-hop* (GUASCO, 2001; FRÚGOLI, 2005), na

²Marc Augé (1994) define como “não lugar” espaços que se caracterizam pela ausência de aspectos identitários, históricos e relacionais (p.73). Há ainda um tipo de compreensão recorrente nos estudos “clássicos” sobre a rede mundial de computadores da construção de certa unidade do ciberespaço. Local com potencial para reunião das diferenças culturais e territoriais. Cf. Marc Augé (1994) *juventude e periferia* precisaram (e acredito que ainda precisam) ser apontados, defrontados e problematizados. Tal exercício aconteceu ao longo das minhas leituras, nas orientações, no processo de formação de um olhar sobre o bairro e seus moradores, no apuro da minha escuta. Por fim, discorrer sobre as relações de pesquisa que construí com o bairro e seus moradores, ou seja, elaborar uma ordenação textual exigiu uma vigilância constante que me afastasse do hábito de compreender pessoas e situações através de conceitos que me estavam disponíveis de antemão, seja pelas teorias sociais ou por discursos do senso comum.²

Nesse sentido, sinalizo o esforço e um constante aprendizado na ampliação do olhar sobre o objeto, tendo em vista o desafio de buscar entre os sujeitos pesquisados a modulação de categorias que acabam por apontar “(...) para necessidade de relativizarmos expressões tão correntes no jargão das ciências voltadas para o fenômeno urbano, tais como cultura urbana, juventude, modo de vida urbano e tantas outras.” (TOLEDO, 2007, p. 265) ²

No capítulo 2, na tentativa de compor uma etnografia também na internet, as categorias e vivências nativas que busco na *web* acabam por confrontar algumas teorizações.

veiculação de programas de TV³ que buscam evidenciar as positivities das *comunidades*, ou por figurações normativas tão comuns que combinam precariedade e violência.

Á frente nessa introdução, assim como em outros momentos da dissertação explícito e caracterizo movimentos da pesquisa empírica, minha entrada no bairro, encontros com moradores e outros sujeitos que atuam em Nova Contagem. No projeto inicial buscava compreensões sobre um espaço específico do bairro, uma feira livre que acontece aos sábados e domingos. O fato de estar presente, durante alguns meses, nessa feira fez-me perceber que além desse espaço mais amplo, em que uma grande amplitude de moradores se fazia mais frequentemente presente, outros espaços de encontro e sociabilidade eram especialmente juvenis. Minha permanência neste território como campo de observação e interações, possibilitou uma investigação acerca da sociabilidade juvenil atravessada pela *Internet*, bem como perceber as *lans house* como figurações privilegiadas de encontro.

Nas notas metodológicas, indico meus principais interlocutores - donos, funcionários e usuários de *lans house*, e outros jovens centrais com quem pude estabelecer relações mais próximas de pesquisa. Sendo assim, privilegiei determinadas redes de sociabilidade juvenil que se constroem em alguns ambientes da *web* e do bairro. Não obstante, uma malha de sujeitos que cultivei como rede de pesquisa.

Cabe problematizar que o desvio do olhar da investigação para fenômenos atuais - sociabilidade em *lans house* e na *web*, práticas com a *Internet* na periferia, a periferia representada na *Internet* -, precisava se ajustar a problematizações ainda pouco presente nos estudos mais recentes sobre o tema.⁴

Afinal, o universo *on-line* “reflete” as diferentes construções das relações e dimensões simbólicas entre *centro(s)* e *periferia(s)*? Em que medida há no mundo *virtual* distinções e limites entre o que é central e periférico? A *Internet* se configura como espaço invisível de territorialidades onde há apagamento de distâncias geográficas

³ Dentre programas de TV podemos citar, “Cidade dos Homens” e “Central da Periferia” (exibidos pela Globo). Mais recentemente, a TV Record realiza um concurso de jovens modelos, o “Beleza na Comunidade”, antes nomeado “Beleza na Favela”.

⁴ Diversos tipos de levantamentos estatísticos acerca dos usos da *Internet* relacionados a outras dimensões de ordem econômica, faixa etária, locais de acesso, etc. são muito comuns. Cf. WAIZELFIZS (2007). Pesquisa produzida através de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD - de 2005.

e ou sociais? Como apreender formas de sociabilidade e relações de proximidade e distância na rede mundial de computadores? Onde está a *periferia* na rede? É possível pensar na idéia de uma *periferia na Internet* ou *periferia da Internet*? Como categorias usuais da antropologia e sociologia urbana podem dialogar com a constituição do universo *on-line*? A *periferia real* revela-se também *periferia virtual*⁵?

Do ponto de vista da sociabilidade juvenil convém perguntar: O que fazem esses jovens na rede? Sobre o que e como conversam, como se envolvem, com o que se identificam e como se constroem nesse infindo ciberespaço? Eles constituem uma nova rede de relações no bairro e na cidade a partir de um envolvimento *on-line*? Por outro lado, em que medida os laços de amizade no bairro interferem nas interações na net? Tais interações na *web* modificam ou reconfiguram suas relações face a face?

Nesse caso, seria o modelo simmeliano do século XIX, oportuno na compreensão das interações pela Internet ou haveria no ciberespaço especificidades que ainda precisam ser explanadas e explicadas? No decorrer das descrições sobre tais sociabilidade(s) na *lan house* e na *web* ensaio as possibilidades e limites do uso da noção clássica de Simmel (1983) [1903] na compreensão de fatos tão contemporâneos.

“*É nós no Orkut – PERIFERIA*” é a nomeação da maior comunidade no site Orkut, com cerca de 5000 membros, que faz menção em seu nome a *periferia*⁶. Na definição desta comunidade lê-se:

Se você é o tipo de pessoa que admira a cultura da periferia, sabe que é de lá que saem grandes gênios de muitas artes, admira o povo sofrido e batalhador e que, apesar de tantas dificuldades, nunca perde a esperança de uma vida melhor. Se você mora, morou na periferia ou apenas gosta ou respeita as pessoas que moram, este é o seu espaço prá trocar experiências e saber um pouco mais sobre a arte e a ciência de viver na periferia. E é claro que na maior comunidade virtual do mundo, também haveria periferia!

⁵ O intuito desse último questionamento não é compartilhar de uma oposição entre realidade e virtualidade representadas como dimensões dicotômicas entre “real” e “ilusão”, dicotomia corriqueira em algumas análises acadêmicas e da mídia. No capítulo 2 há uma breve problematização desses termos.

⁶ Em definição do próprio site: “O orkut.com é um website de comunidade on-line projetado para amigos. O principal objetivo do nosso serviço é tornar a sua vida social, e dos seus amigos, mais ativa e estimulante”. Já as comunidades no *Orkut* são uma espécie de grupo de discussão, ou grupo de interesse em torno de determinado tema. Em cada uma delas há um “dono” e “moderadores” que podem modelar certas regras com relação ao aceite na participação dos membros, à postagem de conteúdos e eventos ou até mesmo apagar postagens.

Diante disso, depressa poder-se-ia ultimar que a *web*, universo comumente definido sem fronteiras, faz transparecer demarcações sócio-culturais. Porém, cabe retomar o início desse texto e desconfiar do crescimento da *favela*, ou, como Tereza Caldeira (1984) em “A Política dos Outros”, o uso da noção *periferia* para designar “muita coisa e, ao mesmo tempo, (...) para explicar quase nada” (p.7). Em outras palavras, a popularização da nomeação *periferia* “como discurso, decreto ou poema”, e acrescentando ainda, como categoria analítica, representação ou referência espacial⁷. Com esse trabalho espera-se evidenciar alcances etnográficos que acabam por ponderar, confrontar ou ratificar construções teóricas.

2. CAMINHOS E DESLOCAMENTOS NA PESQUISA: NOTAS METODOLÓGICAS

Minhas incursões a campo precisavam tomar outra perspectiva na medida em que meu envolvimento com Nova Contagem remonta ao ano de 2005, quando recém formada em Ciências Sociais, pela Universidade Federal de Minas Gerais, fui trabalhar no bairro em uma política pública do Estado de Minas Gerais, destinada aos jovens entre 12 e 24 anos⁸. Tendo em vista essa experiência, e pesquisa anterior sobre políticas públicas para juventude em Belo Horizonte⁹, pode-se dizer que na perspectiva do Estado, se avistamos a elaboração de políticas públicas, há uma tendência de diagnósticos com imagens estigmatizadoras sobre as periferias e seus moradores. Geralmente, nas elaborações de políticas de juventude, o grupo etário definido como público-alvo é apresentado por imagens já naturalizadas e estereotipadas: pobres, marginalizados, em situação de “risco social”.

⁷ Uma antologia com fragmentos de 19 textos literários relacionados à *periferia* pode ser vista na Revista Sexta Feira nº 8. “Embora tão comum na produção atual, a recorrência do termo ‘periferia’ na literatura nacional é recente. No entanto, apontamentos sobre a condição periférica do país podem ser notados na literatura desde o período colonial. Assim, se o uso do termo periferia não é antigo, as marcas de um Brasil periférico se fizeram sentir na poesia e na ficção ao longo do processo de formação nacional” (CANDIDO [1959], apud ZENI, 2006, p. 245)

⁸ O programa de redução de homicídios – “Fica Vivo!” - da Secretaria Estadual de Defesa Social (SEDS) têm atualmente cerca de 20 núcleos em bairros de todo estado, mas principalmente na RMBH. A implantação se dá a partir de pesquisas realizada pelo CRISP/UFMG (Centro de Estudos de Criminalidade e de Segurança Pública) em regiões que apresentam altos índices de mortalidade juvenil. Em Nova Contagem foi inaugurado em 2005.

⁹ Pesquisa de caráter quantitativo e qualitativo que teve como objetivo: mapear as ações públicas para jovens desenvolvidas pelos órgãos do executivo municipal e acompanhar o programa *Agente Jovem de Desenvolvimento Social e Humano*. Como bolsista de iniciação científica desenvolvi monografia de conclusão “Juventude e Políticas Públicas: reflexões sobre o *Agente Jovem* em Belo Horizonte” (2005). Sobre políticas públicas para juventude Cf. Ruas (1998), Spósito (1993, 2000, 2002), Dayrell (2007).

Há um tempo, uma série de trabalhos já apresenta, através de dados empíricos, a diversidade nas condições de vida dos moradores de periferia, possibilitando desmistificar e contestar caracterizações homogeneizantes. Tais produções, orientadas pelo método etnográfico, evidenciam narrativas de vida que revelam a heterogeneidade das regiões periféricas, em sentidos simbólicos e materiais. (HEILBORN, 1984; MAGNANI, 1984; CALDEIRA, 1984, entre outros).

Movida por tal perspectiva, no projeto inicial desta pesquisa a proposta, ainda muito desfocada, consistia em avistar e problematizar a sociabilidade jovem em espaços e lugares de “lazer” do bairro Nova Contagem, alcançar práticas que em muitas pesquisas estão confinadas àquilo que é denominado de “tempo livre”. Neste sentido, sem estabelecer recortes de pesquisa a um “grupo”, o caminho incidia em alcançar a dimensão socializadora do bairro, suas tensões e harmonias, além de descortinar lugares em que a sociabilidade juvenil pudesse estar em evidência. A partir de uma perspectiva etnográfica a pesquisa buscava descrever as práticas que supõem a formação de vínculos e relações que implicam em determinadas maneiras de vivenciar um bairro de periferia.

Como já conhecia o bairro, minha estratégia de entrada no campo, agora como pesquisadora foi chegar ao espaço que tantos moradores indicavam como o mais “bonito”, “legal”, “movimentado” do bairro. Por cerca de quatro meses minhas incursões em campo se deram numa feira-livre de Nova Contagem. A feira onde há uma variedade de produtos alimentícios, de vestuário e eletrônicos, acontece nas manhãs de sábado e domingo em uma rua central do bairro, próxima a principal via de circulação local, a VP1 – Via Principal 1. Além desse espaço, criei o hábito de jogar basquete com um grupo de meninos que já conhecia e se reuniam às terças e quintas numa quadra local.

As observações participantes serviram para me aproximar de uma configuração do bairro aos finais de semana. Pude nesse espaço estabelecer algumas relações com vendedores, moradores adultos e velhos, sujeitos que aparecem de forma secundária no trabalho. Em outros momentos, acompanhei a feira na companhia de alguns jovens. Em um sábado, enquanto caminhava perto da feira, pude observar uma grande movimentação de jovens. A partir daí concentrei minha presença naquele local – uma *lan house* - e pude alcançar uma rede mais específica de pesquisa, além de observar outra *lan* da região. Nas *lans* realizei observações diretas e participantes com registros fotográficos e em caderno de campo, além de coleta de diversas falas. Por cerca de

quatro meses estive com mais frequência no bairro, principalmente nas *lans*, na quadra de basquete. Realizei cinco entrevistas registradas em áudio e transcritas, três delas com jovens com os quais estabeleci uma interlocução mais próxima, sujeitos centrais na pesquisa. As outras duas foram com o dono e funcionário de uma *lan*, também moradores do bairro.

Ao adentrar para o universo do ciberespaço e dos ambientes de sociabilidade na *web*, segui duas *comunidades* no Orkut sobre Nova Contagem nomeadas “*Nova Contagem*” e “*Eu tenho medo do 1167*”. A escolha dessas *comunidades* foi orientada levando em conta na primeira, seu maior número de membros comparado a outras comunidades sobre o bairro e na segunda por ter percebido a centralidade de um tópico de discussão na “*Nova Contagem*” que revelava a existência da “*Eu tenho medo do 1167*”. A princípio, as duas comunidades, apareciam como imbuídas de significados opostos sobre o bairro.¹⁰

Acompanhei todo o conteúdo e faço uso de alguns textos postados nos fóruns de discussão *on-line*. Pela internet também me comunicava com algumas pessoas com as quais troquei *MSN*. Nesse sentido, o trabalho possibilita o debate da Internet como campo e instrumento de pesquisa nas Ciências Sociais, o alcance de representações e práticas de sociabilidade que podem ser apreendidas pela etnografia *on-line* combinada aos instrumentos de uma investigação qualitativa e interpretativa das dinâmicas de sociabilidade.

3. ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS

Além dessa introdução o trabalho está dividido em três capítulos. No **capítulo 1 - Nomeações e Representações em torno do local** - o bairro é apresentado e descrito a partir de fontes distintas, pelas entrevistas e conversas com moradores, principalmente jovens, com sujeitos que trabalham na região e a partir de análises demográficas e estatísticas sobre Nova Contagem. Opto por usar alguns demográficos casados com análise empírica para problematizar o uso de indicadores e índices que se

¹⁰ No exame de qualificação a banca formada pelo Prof. Piero Leirner e meu orientador Luiz Henrique de Toledo apontaram uma interessante problematização em torno de um espaço de pesquisa *on-line*. Há uma novidade no trabalho de campo que oferece dados de natureza pública. Na medida em que os dados estão disponíveis na Internet eles podem ser conferidos, acrescentados ou mesmo questionados por outros sujeitos.

por um lado, possibilitam a comparação da “pobreza” entre distintas regiões da cidade, por outro, não alcançam a multiplicidade dos sentidos das construções simbólicas das periferias ao estabelecer uma dimensão única de análise. Além disso, na internet alcanço e examino representações juvenis em torno do bairro a partir das duas *comunidades* no *Orkut* em que se vêem discutidas questões à respeito do bairro. Por fim é neste capítulo que de forma sucinta apresento uma problematização dos usos da noção de periferia como categoria de análise nas Ciências Sociais brasileira, além dos seus sentidos identitários.

No **capítulo 2 - Sociabilidade(s): Entre espaços do bairro e da *web*** – são privilegiados os espaços e práticas de sociabilidade percorridos no trabalho de campo - ruas, quadra esportiva, a feira, e as *lans house*. Tais espaços, somados aos lugares de encontro na internet, são palco de configurações de sociabilidade que favoreceram o alcance de redes de relações juvenis e lógicas de interação. O propósito é revelar as interfaces e (des) continuidades entre os encontros na *web* e as interações face a face no bairro, dinâmicas complementares e dissonantes na sociabilidade destes jovens. Tais fenômenos são interpretados, à luz, especialmente, da abordagem teórica de Georg Simmel (1983) [1917] sendo importante ponderar os dispositivos elencados por Simmel para caracterizar a sociabilidade e as ocorrências empíricas observadas.

Já no **capítulo 3 - Entre (pontos) e (nós) das redes: Jovens, relações de vizinhança, amizade e trabalho** – a partir do encontro com três jovens, suas narrativas de vida ajudam a revelar os sentidos atribuídos às suas vivências no bairro, na cidade e na internet. Tendo como referência alguns conceitos como *projeto*, *trajetória* e *campo de possibilidades* (VELHO, 1994), eles aparecem com mais destaque revelando relações e redes de amizade, trabalho e vizinhança atravessadas por vivências em espaços da cidade e da internet.

1.

NOMEAÇÕES E REPRESENTAÇÕES EM TORNO DE NOVA CONTAGEM

*“Quem sou eu para te cantar, favela,
que cantas em mim e para ninguém a noite inteira, inteira de sexta
e a noite inteira de sábado
e nos desconhece, como igualmente não te conhecemos?
Sei apenas do teu mau cheiro: baixo a mim, na vibração,
direto, rápido, telegrama nasal
anunciando morte... melhor, tua vida (...)
Medo: não de tua lâmina nem de teu revólver
nem de tua manha nem de teu olhar.
Medo de que sintas como sou culpado
e culpados somos de pouca ou nenhuma irmandade.
Custa ser irmão,
custa abandonar nossos privilégios
e traçar a planta
da justa igualdade.
Somos desiguais
e queremos ser
sempre desiguais.
E queremos ser
bonzinhos benévolos
comedidamente
sociologicamente
mui bem comportados.
Mas favela, ciao,
que este nosso papo
está ficando tão desagradável.
Vês que perdi o tom e a empáfia do começo?”
(Carlos Drummond de Andrade)*

Mesmo ainda sem ter me deslocado até Nova Contagem, sendo assim bem antes do desenvolvimento dessa pesquisa, quando soube da existência do bairro¹¹, já costumava nomeá-lo com a palavra *periferia*, reproduzindo a maneira como ele me foi

¹¹ Em 2005, quando recém formada em Ciências Sociais atuei no bairro como “técnica social” do Programa Fica Vivo! do Governo do Estado de Minas Gerais.

apresentado. Nesse sentido, de início, o descritor *periferia*, convinha como uma espécie de mapa ou “guia sociológico”. Designava com esse termo, na pretensão de com ele sinalizar que a localidade era marcada pela “pobreza”, distante das áreas mais centrais e comerciais de Contagem e Belo Horizonte e a probabilidade de estar privado de equipamentos públicos, de lazer e saneamento. Com a palavra *periferia*, portanto, acreditava poder assinalar minimamente aos meus familiares e amigos, a região em que teria minha primeira experiência de trabalho como cientista social. De certa forma, permaneci usando a nomeação ao longo dos seis meses que trabalhei no bairro e mesmo na elaboração do projeto de pesquisa de mestrado.

Entretanto, quando do início do trabalho de campo, logo que comecei alguns contatos com os moradores para o desenvolvimento da pesquisa, notei que, costumeiramente, a maneira pela qual muitos moradores designavam Nova Contagem nem sempre estava coadunada pela noção de *periferia*, mas sim por *bairro*, *bairro distante* ou *região*. Passei a problematizar, por isso, os sentidos dessa designação genérica. Como Drummond, na poesia que abre esse capítulo, era preciso questionar minha autoridade narrativa. Qual meu panorama ao predeterminar uma posição ao bairro, sendo que configurações de *centro* e *periferia* precisam sempre de uma perspectiva relacional? Nesse sentido, tarefa apropriada era buscar narrativas e vivências nativas que significassem o bairro, pois ter como ponto de partida a modesta e ao mesmo tempo reificante idéia de periferia parecia insuficiente para chegar às experiências locais. Afinal, *centro* e *periferia* para quem e por quê?

O habitual uso das noções de *periferia* ou mesmo *favela* não sobrevém à toa. Nas Ciências Sociais brasileira, entre grande parte dos estudos na temática das desigualdades sociais, parece haver um consenso sobre a caracterização dos sujeitos de pesquisa, moradores de determinadas regiões da cidade – espacialidades segregadas e

precárias -. Coletivos populacionais, que compartilham precárias “condições” sócio-econômica, compartilham também a experiência coletiva de exclusão política e social¹².

Em trabalho recente, com o sugestivo título “*A invenção da favela: do mito de origem à favela.com*”, Lícia Valladares (2006) percorre as origens e os processos de consolidação de imaginários sobre a favela. Nesse sentido, a autora percorre histórica e socialmente os sentidos do termo, revelando a sua solidificação como categoria das ciências sociais.

A autora apresenta um *mito fundador* ou mito de origem, datado no final do século XIX, quando no Rio de Janeiro, combatentes de Canudos teriam ocupado o Morro da Providência que mais tarde foi nomeado Morro da Favella¹³. Contudo, a nomeação favela que anteriormente identificava tal morro, tomou um sentido generalizante para identificar outras localidades no Rio de Janeiro de semelhante constituição topográfica, até ganhar sentido outros significados semânticos, generalizando-se numa categoria de senso comum. Tal representação estava associada à ocupação ilegal, a precariedade das moradias, contribuindo por estabelecer uma oposição com o restante da cidade. Dualidades muito recorrentes e que acabaram produzindo o “dogma” de que a favela é distinta da cidade. Configuram-se assim oposições incorporadas na linguagem acadêmica e cotidiana: cidade *versus* favela, centro *versus* periferia.

Não é objetivo central percorrer as construções teóricas na vasta produção dos estudos urbanos que tematizam as configurações dos tecidos urbanos, principalmente nas grandes cidades¹⁴. Entretanto, convém apontar o problema em caracterizar periferias e favelas como “*território urbano de pobres*”, que é o segundo dogma assinalado por Valladares (p. 151). Sujeitos de pesquisa que são também por ora identificados como “excluídos”, “segregados”, “incluídos subalternamente” (MARTINS, 1997). A autora defende que na medida em que se consolidam algumas representações sobre a favela como fenômeno social, constroem-se, até entre os cientistas sociais, alguns “dogmas”.

Permanece, por isso, o desafio em escapar e ultrapassar das nomeações, identificações, discursos do poder público, da mídia, da produção sociológica e do

¹² Para uma reconstrução histórica das abordagens das periferias e favelas como problemas sociais e campo de estudos, bem como a problematização de compreensões homogeneizantes e naturalizadas da *exclusão econômica* Cf. Zaluar & Alvito (2003), Frugoli (2005), Valladares (2006).

¹³ Favella é o nome de uma planta do sertão.

¹⁴ A partir de uma densa e minuciosa reflexão sobre a tematização das favelas e periferias nos estudos urbanos, Thaís Rosa (2008) desenvolve interessante dissertação em que investiga a produção do espaço urbano articulada a sua produção e apropriação, tendo como objeto o Gonzaga, “bairro de periferia” de São Carlos/SP.

imaginário social que homogeneízam e caracterizam certas localidades com a pobreza ou a miséria. Não obstante, a “*unidade da favela*” é o terceiro dogma pontuado por Valladares. Nesse sentido, a reconstituição de variações nas representações sobre as favelas mostra como em um primeiro momento ela é idealizada por suas carências. Por outro lado, outra representação marcante é da idéia de unidade e homogeneidade das áreas periféricas. Logo, a idéia de localidades que compartilham uma coesão acaba por reconstituir um lugar simbólico às favelas que opera seu distanciamento com o centro.

Em contraste as abordagens que se pautam nas idéias de segregação e precariedade, há uma produção que analisa os bairros populares a partir de questionamentos sobre essa suposta condição de “carência”¹⁵. Reflexões teóricas construídas pondo à vista os sujeitos e suas vivências cotidianas locais acabam por revelar periferias – no plural -. (FRÚGOLI, 2007, p. 144). Através de instrumentos metodológicos e de pesquisa, como a “observação participante”¹⁶, que emprega meios de alcançar “por dentro” as experiências, heterogeneidade e diversidade se fazem conhecer em um conjunto de pesquisas na antropologia urbana. Em contraposição a uma matriz teórica que tende a reduzir a compreensão das cidades e suas mazelas encurtadas às determinações estruturais, trabalhos como os de José Guilherme Magnani (1984), Teresa Caldeira (1984), Alba Zaluar (1984) e Cyntia Sarti (1996)

“tomaram as áreas periféricas como local de pesquisa, buscando compreender detidamente redes de parentesco e vizinhança, modos de vida, estratégias de sobrevivência, formas de sociabilidade, e representações políticas com ênfase em dimensões cotidianas e em representações simbólicas muito pouco contempladas nas perspectivas macroestruturais. Tratava-se de um outro tipo de olhar sobre a periferia.” (FRÚGOLI, 2005, p.141)

¹⁵ “(...) se está muito longe do suposto estado de **exclusão** crescente descrito em trabalhos inspirados na teoria da marginalidade. Estudos mais recentes sobre a questão dos movimentos sociais urbanos, afirmam, ao contrário, não só a capacidade de mobilização de seus agentes em torno de reivindicações específicas, como ainda o caráter político contido nessas demandas e nas formas de luta através das quais se expressam (...)” (MAGNANI, 1984, p. 16) [*grifo meu*]

¹⁶ Para uma discussão do conhecimento construído através da observação participante ver “Sociedade de Esquina” (2005) em que Foote Whyte revela relações, interesses, expectativas distintas e compartilhadas com seus informantes, instauradas no processo de pesquisa em Cornerville. Ou ainda, do mesmo autor “Treinando a observação participante” em Zaluar, 1995. Vagner Silva (2006) em “*O Antropólogo e sua magia*” aponta questões em torno do trabalho de campo, figurações de pesquisa como a observação participante e a tessitura do texto etnográfico. Problematizar a forma como os dados são captados diz das relações que o pesquisador estabelece com os sujeitos da pesquisa.

A incitação de uma investigação antropológica estimula a dúvida sobre o alcance analítico de indicadores, nomeações e discursos construídos sobre a “pobreza”. O trabalho etnográfico na antropologia aponta a necessidade da relativização de definições como “periferia”, “pobreza”, “exclusão”, pautadas pela homogeneidade de condições de vida de moradores de certas áreas das cidades. Nesse sentido, viabiliza a descoberta de situações que podem indicar fenômenos particulares das “periferias” que talvez não fossem contemplados pelas análises macro sociológicas ou macroestruturais¹⁷.

1.1 DO PONTO DE VISTA NORMATIVO: ALGUNS ELEMENTOS GEOGRÁFICOS, DEMOGRÁFICOS E POLÍTICOS

Nova Contagem é um bairro pertencente à Contagem – cidade da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). O município de Contagem tem a segunda maior população do estado de Minas Gerais. Até a década de 1990, entre os grandes centros urbanos mineiros, só Belo Horizonte tinha mais de 500 mil habitantes. Em 2000, a cidade de Contagem atingiu os 533 mil habitantes, hoje estima-se uma população de 617.749 habitantes (IBGE, 2008)

A criação de um Parque Industrial em 1946, mais tarde denominado Cidade Industrial, como é popularmente conhecido, viabilizou uma crescente industrialização do município. Do ponto de vista econômico, a visibilidade do município na RMBH relaciona-se a esse grande pólo industrial.

As regiões metropolitanas foram inicialmente institucionalizadas pelo Congresso Nacional no início da década de 70, época em que se instalou a Região Metropolitana de Belo Horizonte¹⁸. Várias foram as alterações na composição da Região Metropolitana de Belo Horizonte desde sua implantação em 1973. Inicialmente era composta por 14 municípios, chegando, em 2002, a 34 municípios (figura 1). A cidade de Contagem, destacada no centro do mapa, faz divisas com as cidades de Betim, Esmeraldas, Ribeirão das Neves, Ibirité e a capital.

Sobre a distribuição da população no Estado há uma concentração na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), que historicamente vem sendo responsável

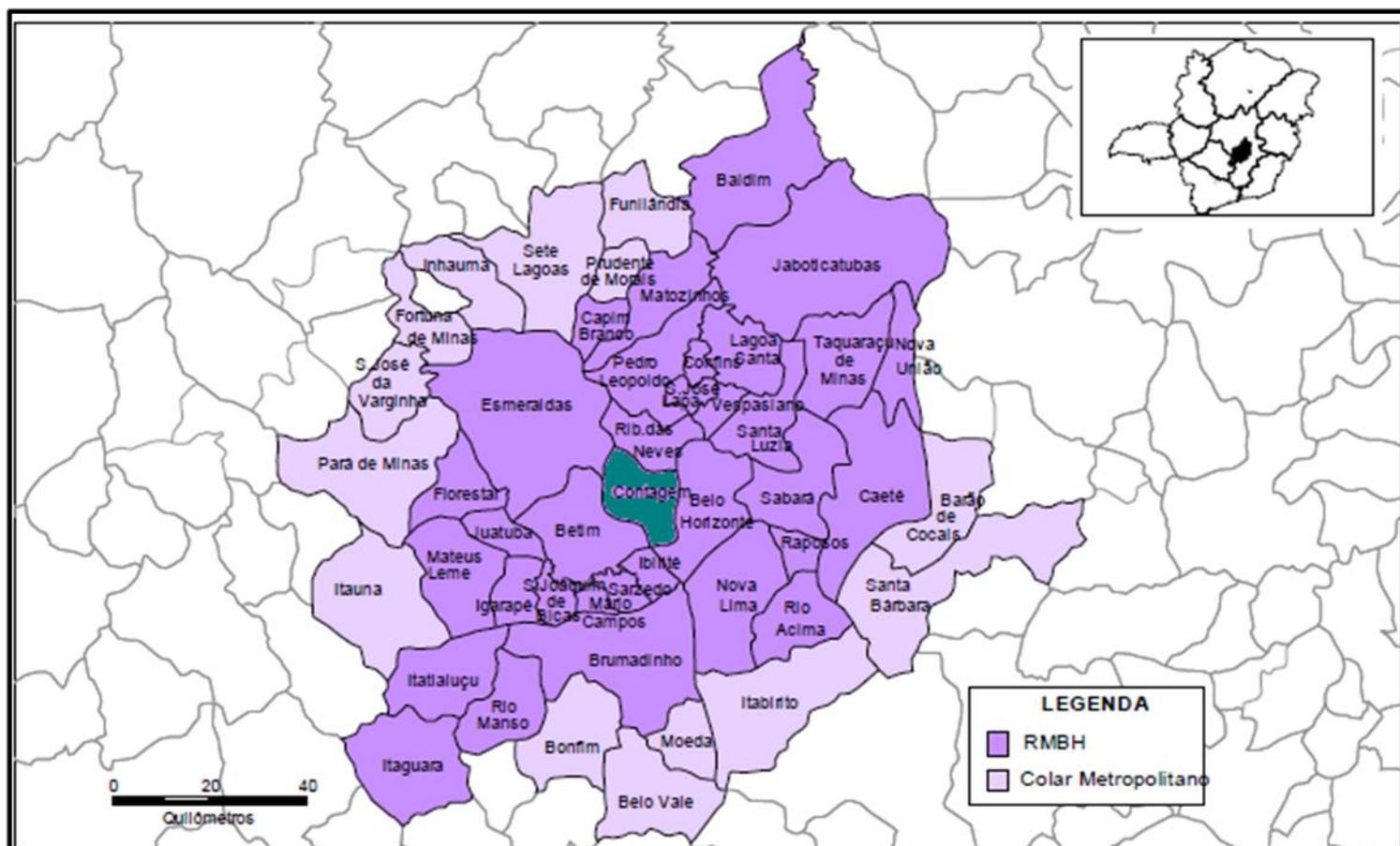
¹⁷ Para um a exposição da tematização da pobreza nas ciências sociais brasileira na vertente marxista-estruturalista, ver Zaluar (1984), Valladares (2006) e Frúgoli (2005).

¹⁸ A RMBH foi criada pela Lei Federal nº 14, de 8 de junho de 1973.

por elevadas taxas de crescimento, sempre superiores à média estadual. O crescimento demográfico não é uniforme entre os municípios da região metropolitana. Até a década de 1970, observa-se elevado crescimento, destacando-se o município de Contagem (único acima de 100 mil habitantes) e Belo Horizonte. (FJP, 2002).

Figura 1
Mapa da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) e Colar Metropolitano

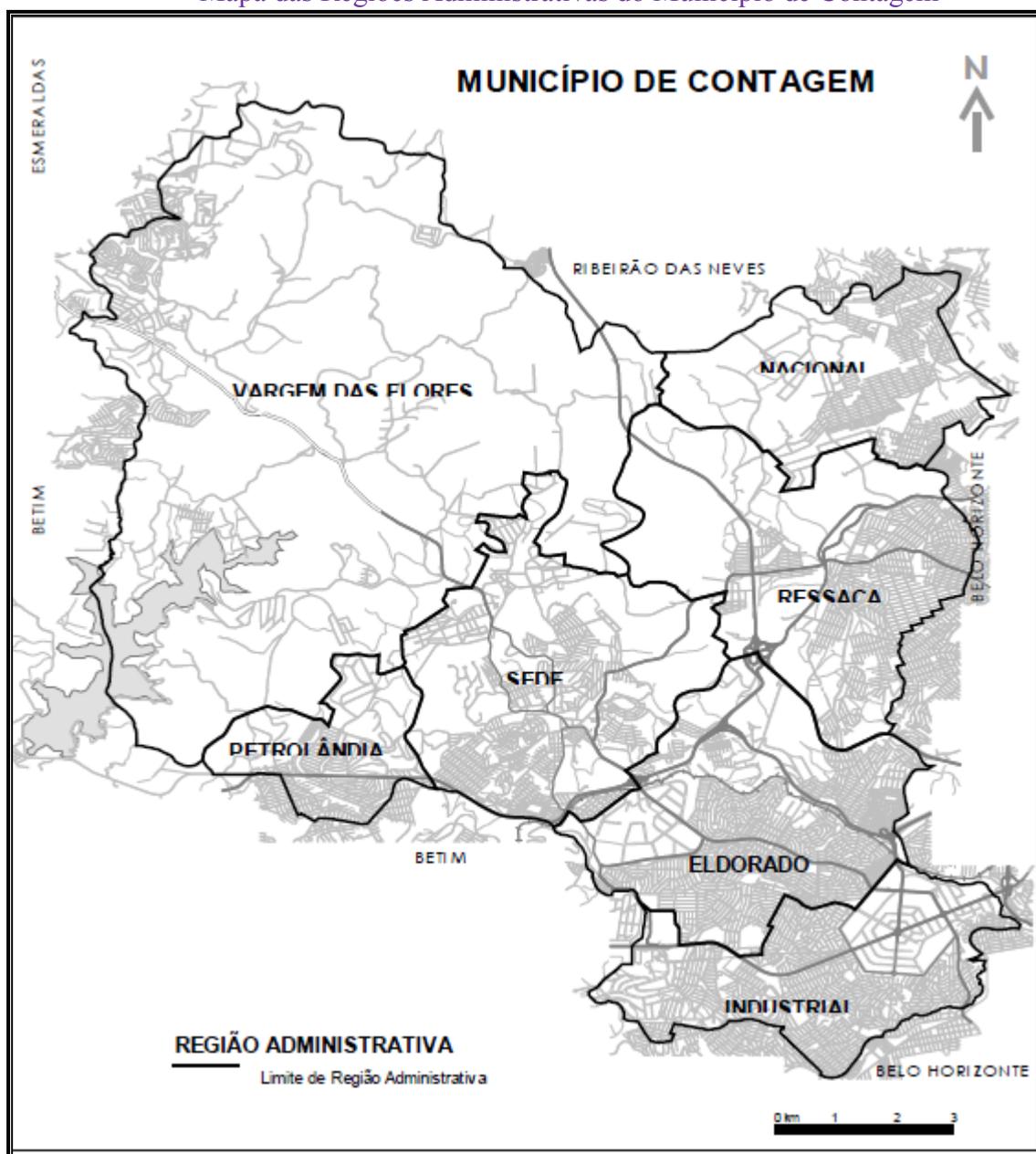
Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatísticas e Informações (CEI)



Diante dessa perspectiva, cabe destacar o discurso do Estado na preocupação com os fluxos migratórios para a RMBH. Geralmente, a voz normativa constrói

relações diretas entre o contingente de pessoas que chega às cidades, o “crescimento da pobreza” e por fim a necessidade de elaboração de políticas públicas, diga-se de passagem, comumente precárias. A migração é apontada como um dos principais fatores que incentivaram processos de periferização na região metropolitana¹⁹.

Figura 2
Mapa das Regiões Administrativas do Município de Contagem



Fonte: BIDU nº 03, 2005 (SEDUMA/PMC)

¹⁹Muitos sujeitos de pesquisa em trabalhos sobre periferias de Tereza Caldeira (1984) e Alba Zaluar (2000) eram migrantes.

O bairro ou região de Nova Contagem foi recentemente designado pela Prefeitura de Contagem, com sentidos de uma administração regional, como Vargem das Flores. A construção desse bairro, inicialmente planejado, foi iniciada em 1984 e assegurava a constituição de um conjunto habitacional para famílias moradoras da cidade de Contagem, que se encontravam em áreas consideradas de risco pela Prefeitura Municipal de Contagem (PMC). Entre 1984 e 1985 cerca de vinte primeiras casas foram entregues, mas logo o projeto foi abandonado e as ocupações se deram sem o acompanhamento do poder público municipal.²⁰

Diante da “ilegalidade” das ocupações, a maioria dos imóveis não dispõe de regularização fundiária. Além disso, segundo a prefeitura municipal o bairro está localizado na Bacia de Vargem das Flores e integra uma Área de Proteção Ambiental. Dessa forma, a regularização está condicionada ao atendimento de exigências decorrentes da legislação urbanística e ambiental municipal, estadual e federal. (PMC, 2007)

Em Contagem, os problemas habitacionais referem-se, fundamentalmente, à existência de assentamentos residenciais precários em todo o município, destacando-se o caso de Nova Contagem. O crescimento de vilas e favelas vem se intensificando, as populações mais pobres têm ocupado áreas impróprias à moradia, seja em favelas e áreas de risco, seja em áreas verdes e de proteção ambiental, especialmente na bacia de Vargem das Flores, definida como Área de Proteção de Mananciais. (Secretaria de Comunicação da Prefeitura de Contagem)

Por um lado, Nova Contagem geralmente identificada por seus moradores como um extenso bairro. A localidade teria a população de 25.227 habitantes²¹. Por outro lado, poderíamos definir Nova Contagem como uma vasta região, que abriga localidades com nomeações específicas: ‘Vila Esperança’, ‘Retiro’, ‘Vila Ipê Amarelo’, ‘Nova Contagem A’, ‘Nova Contagem B’, ‘Buraco do Rato Molhado’, Estaleiro I e II e Beira Campo, totalizando cerca de 75.000 pessoas na região.

²⁰ A partir de um referencial marxista, algumas produções compreendem o desenvolvimento de uma *periferização* ou o processo de “autoconstrução de moradias”, provocados pelo Estado e pela acumulação capital. “Sem acesso às formas tradicionais de moradia, a população trabalhadora passou a erguer ela mesma alojamentos precários em locais sem nenhum equipamento ou infra-estrutura urbana” (Bonduki, 1998, p.249).

²¹ Atlas de Desenvolvimento Humano da Região Metropolitana de Belo Horizonte (Fundação João Pinheiro, 2006)

Uma recente pesquisa intitulada “Perfil do Município de Contagem”, realizada pela Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação Geral (2007), fornece uma descrição em termos estatísticos do bairro Nova Contagem. Brevemente é possível apontar que com relação à renda *per capita* dos bairros que compõem o município, Nova Contagem é o ranqueado com o menor valor 110,83, sendo que a cidade de Contagem teria uma média de 280,59 (FJP, 2006). A partir de cortes do *Índice de Desenvolvimento Humano* (IDH), verifica-se que tanto o *índice educacional*, quanto o *indicador social* da unidade territorial Nova Contagem também são os menores de toda cidade.

Em Nova Contagem o *Agente Jovem*, o *Fica Vivo!*, e o *Juventude Cidadã* são políticas públicas do governo federal, estadual e municipal, respectivamente, que tem como público-alvo, tal como os nomes aludem, “jovens”. Não é objetivo aqui um entendimento mais apurado do modo como vem sendo construídas tais ações²². Contudo, convém dizer que apesar das diferenças na efetivação desses programas e nas atividades desenvolvidas, há semelhanças nos diagnósticos e motivações para implantação dessas políticas, os documentos de elaboração apresentam descrições e análises bem adjacentes. O “público-alvo” é caracterizado por uma imagem já estereotipada: são pobres, marginalizados, moradores da periferia e, por isso, considerados “risco social”, é preciso soluções que os “reintegrem” para que deixem de significar um risco para a sociedade, já que estão à margem dela.

Quando analisamos os objetivos explícitos de uma série de políticas públicas para juventude, na sua maioria, eles aparecem formulados utilizando o prefixo *re*: reinserção, reintegração social, resgate social ou da cidadania, ressocialização, etc. (DAYRELL, 2005). A voz do Estado diz que estão fora do eixo, do centro. Interpretação que combina uma implícita dicotomização entre moradores das periferias e do restante da cidade.

De forma subentendida, esse tipo de elaboração, compreende Nova Contagem e outras “periferias” como guetos (WACQUANT, 2004), numa abordagem de isolamento

²² Carrano e Spósito (2003) desenvolvem um mapeamento do conjunto de ações públicas destinadas à juventude e concluem que as orientações para o desenvolvimento das ações são marcadas por concepções do jovem como “risco social”. As áreas em que moram são também consideradas localidades de “risco social”, tanto os jovens moradores quanto as configurações onde residem. Além disso, tais políticas, ao serem formuladas evidenciando problemas relacionados às desigualdades sociais, têm como foco sujeitos considerados em estado de “vulnerabilidade social”.

com os demais “bairros” ou “centros” da cidade²³. A “cidade partida” ou “cidade paralela”, “cidade formal” e “informal” são nomeações que representam tal dualidade no meio acadêmico, em perspectivas analíticas que privilegiam a ausência do Estado, da cidadania, de ordenamento, por fim, ausência da cidade.²⁴

O foco das formulações da mídia a respeito de Nova Contagem está alocado numa exacerbada “exclusão” ou “carência social e econômica” dadas às condições precárias locais. A citação abaixo, encontrada em uma análise acadêmica sobre a implantação de um projeto de extensão universitária - programa de atendimento odontológico - implantada no bairro, evidencia tais representações sobre Nova Contagem:

As regiões compartilham de situações de índices expressivos de analfabetismo, baixa escolaridade, condições habitacionais desumanas, presença contínua e desafiadora do tráfico de drogas, fome, prostituição infantil, etc. Esse quadro, de desalento e miséria, impinge às famílias as situações graves de violência e risco social. O desemprego, a ociosidade, a violência e todo esse quadro de miséria humana, dificulta o desenvolvimento da consciência cidadã, princípio básico à formação humana do homem contemporâneo. (SILVA, MANSO & MONTENEGRO, 2004, p. 2).

A intenção de pontuar de forma breve, indicadores e taxas nos ajuda a problematizar o uso de indicadores sintéticos que, se por um lado viabilizam a comparação das condições econômicas, educacionais, sociais, por outro, escondem as particularidades locais. Desse ponto de vista, cabe perguntar os sentidos em estabelecer uma dimensão totalizadora da análise que pouco ou quase nada diz sobre as construções locais, os significados atribuídos, as narrativas nativas sobre a experiência urbana.

Nesse sentido, considerar a periferia e seus moradores sobre o ponto de vista de que eles precisam ser (re)inseridos consiste em considerá-los fora de um lugar em que deveriam estar. Por conseguinte, além de um prefixo, a fração “**re**”, funciona também

²³ Wacquant problematiza o conceito de *gueto* na teoria social e discute sua utilização em diferentes contextos culturais e históricos. “Articular o conceito de gueto permite-nos distinguir a relação entre ‘guetização’, pobreza urbana e segregação e, assim, esclarecer as diferenças estruturais e funcionais entre os guetos e os bairros étnicos. Também nos permite salientar o papel do gueto como um incubador social e matriz na produção de uma identidade maculada” (Wacquant, 2004, p. 159)

²⁴ Por outro lado, Antônio Rafael Barbosa (1998) desenvolve interessante e inovador trabalho sobre tráfico de drogas no interior das favelas cariocas, buscando representações que os membros do tráfico fazem de si mesmos. Ele desenvolve uma “etnografia tripartível” a partir dessa percepção socialmente difundida no Rio de Janeiro que divide a cidade entre “asfalto” e “favela” – impressão hegemônica que se mostrou como fronteira real – mais do que geográfica, social. Mas, a esses dois pólos ele acrescentou as prisões, já que para alguns dos seus protagonistas ou se está nas favelas ou na prisão.

como uma partícula que constrói o estabelecimento de relações de alteridade do Estado e dos “centros”, com a periferia. Decerto, um significado multiplicador da categoria *periferia* emana de concepções do Estado que na construção de políticas públicas, por exemplo, determina a periferia como “alvo”. Há um regime legal de alteridade que provoca profundas implicações simbólicas nos significados atribuídos à periferia na medida em que quem está na condição de “re” deveria passar por **redefinições**, **reinscrições**, **relocações**, **reestruturações** psíquicas ou sociais.

1.2 CONTEÚDOS DO *ORKUT* SOB ASPECTO DE REPRESENTAÇÕES

No início desse capítulo evidenciamos um breve panorama das distintas apreensões metodológicas e conceituais das áreas periféricas como campo de pesquisa. A partir dele, portanto, é preciso refletir sobre a construção de um olhar para o universo da Internet e seus múltiplos ambientes. Assim sendo, na medida em que a pesquisa em Nova Contagem adentrou para o *ciberespaço*, além das apreensões do trabalho de campo no bairro, em busca das representações nativas, incursões de pesquisa no campo *virtual* eram necessárias nessa mesma direção.

Nesse sentido, em que medida o debate em torno das categorias *centro* e *periferia* devia dialogar com os espaços da *web*? Figurações das cidades naturalizadas nessa dualidade são conciliáveis à idéia de *rede*, palavra tão usual na identificação da *World Wide Web* - rede de alcance mundial?

Como apresentado na introdução desse trabalho, há no *Orkut* uma expressiva comunidade denominada “*É nós no Orkut – Periferia*”. Entretanto, esse dado em si não revela experiências que pudessem desvelar significados de práticas e discursos próprios de uma presença periférica na *rede*. Aqui, parece funcionar um tipo de narrativa cada vez mais comum, inaugurado pelo movimento *hip-hop*, que busca dar centralidade à periferia, num sentido da sua “singularização” (FRÚGOLI, 2007. p. 146).

Portanto, que outras representações poderiam ser encontradas no ambiente virtual que expressassem diacriticamente a presença da periferia? Em que medida também seria interessante combinar análises teóricas sobre espaços urbanos e espaços virtuais?

Perante a escolha metodológica em se fazer uma etnografia de vivências juvenis em Nova Contagem e tendo à vista a *lan house* e as figurações do encontro e práticas de

sociabilidade²⁵ relacionadas (ou não) à Internet, outro desafio que estava colocado nesta conjuntura era a etnografia no contexto *on-line*. Como observar o ciberespaço e ali encontrar fenômenos, interações que poderiam complementar a apreensão? Reflexão interessante sobre as interfaces e dilemas da etnografia *on/offline* pode ser vista em Miller e Slater (2004)

“Há uma enorme diferença entre começar uma etnografia *on-line* a partir da pressuposição de que a Internet forma inerentemente relacionamentos ‘virtuais’ e pode, portanto, ser estudada como um cenário autocontido (ignorando os contextos *off-line*), em oposição a descobrir no meio de uma etnografia – que algumas pessoas estão tratando essas mídias como se fossem virtuais e fazendo tudo ao seu alcance para separar seus relacionamentos *on-line* daqueles *off-line*” (p. 46).²⁶

Quando no trabalho de pesquisa em Nova Contagem, avistei a *lan house* como um estimulante campo de observação, além de nessas primeiras observações na *lan* notar o intenso uso do *Orkut*, logo procurei no *site*, comunidades que faziam referências ao bairro.

Naquela época, em setembro de 2006, encontrei cinco comunidades que traziam no título menção à Nova Contagem. Naquele momento, cada uma delas tinha 249, 39, 37, 32 e 28 membros. Hoje são mais de 60 *comunidades* referenciadas ao bairro que fazem em seus títulos referências às escolas, igrejas, torcidas de futebol, grupos de dança, etc. distribuídas nas mais diversas categorias²⁷. Uma que me chamou atenção pelo título e descrição era a “*Nova Contagem Sim e Dai!!!!!!!!!!*” onde se vê escrito:

Não admitimos que ninguém fale mal de Nova Contagem, boa parte das gatinhas moram lá, e tem muito sangue bom, por isso ao falar mal do nosso bairro pense bem, tem gente te vigiando falô!!!!!!!!!!!!!!

Logo, desde o final de 2006, dentre as cinco *comunidades*, optei por acompanhar as discussões que se travavam na maior delas, intitulada “Nova Contagem”. Ela foi criada em julho de 2005, por Hilário (nome real do jovem) que é categorizado pelo

²⁵ No próximo capítulo, figurações de sociabilidade em espaços do bairro serão descritas numa busca de relacioná-las à sociabilidade na *web*.

²⁶ Sobre aspectos metodológicos da pesquisa em Ciências Sociais na Internet Cf. também Pelúcio (2007).

²⁷ As comunidades do *Orkut* estão distribuídas em 28 categorias: “Alunos e escolas”, “animais”, “entretenimento”, “família e lar”, “esportes e lazer”, “cidades e bairros”, dentre outras.

Orkut como “dono”²⁸. Em uma última consulta eram cerca de 1400 membros. Sobre a criação da *comunidade* ele me diz:

Eu comecei a comunidade foi em julho do ano passado[2005]. Quando eu entrei no orkut não tinha nenhuma comunidade de Nova Contagem. Eu pesquisei, eu recebi um convite e fiquei empolgado aquela coisa de pesquisar tudo. Aí eu aprendi a criar comunidade, criei a Nova Contagem, e meu objetivo quando eu comecei, era, sei lá, colocar só as pessoas conhecidas aqui por perto mesmo, do Vila Esperança. Eu convidei o Ricardo, meus primos e ficaram umas seis pessoas nela.

Apesar de morador da Vila Esperança, localidade que fica a cerca de 2 km da parte mais *central* de região, é a nomeação Nova Contagem que ele aciona para construir uma referência a sua origem de moradia na internet.

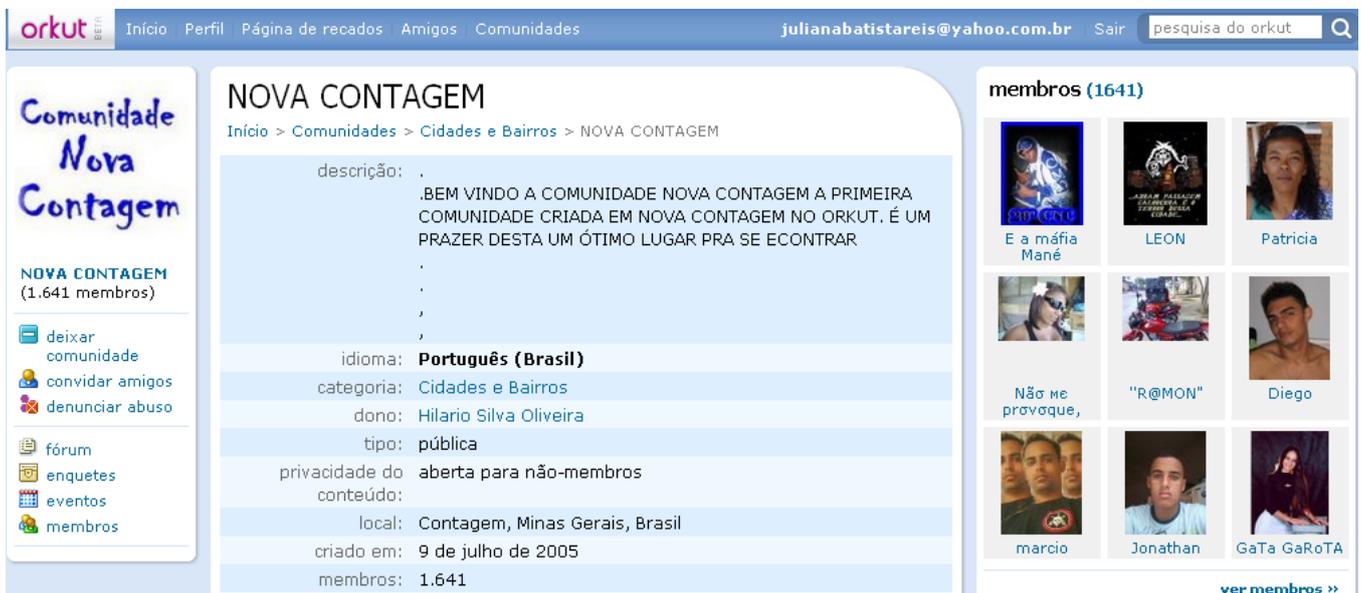


Figura. 3: Página inicial da *Comunidade “Nova Contagem”*

²⁸ *Dono* é a categoria que denomina o criador de comunidades no Orkut. Na página da comunidade é possível ver o nome do “dono” e conhecer seu perfil no site. “Mediador” é outra função possível nas comunidades, o mediador ou mediadores são indicados pelo “dono” e podem apagar tópicos e respostas de tópicos nas comunidades. No terceiro capítulo, esse jovem será melhor apresentado a partir de suas narrativas de vida.

Sobre o conteúdo da *comunidade* e a participação dos membros poderíamos dividir os tópicos de discussão em três tipos:

- 1) sobre o bairro (“*Qual o melhor lugar de contagem ou do bairro?*”, “*Qual o lugar mais bonito do bairro?*”, “*O que você mais gosta em Nova Contagem?*”, etc.)
- 2) sobre venda de produtos, informes sobre eventos locais, divulgação de outras comunidades. (“*Nova locadora de DVD*”, “*Festa da F5*”, “*participe da comunidade do Retiro*, etc.)
- 3) interativos, com brincadeiras, jogos, (“*beija ou não beija?*” ou “*qual nota que você dá para a pessoa acima?*”, “*eu pergunto, você responde*”)

É perceptível que os tópicos desse terceiro tipo (que geralmente devem ser respondidos levando em consideração o último respondente) se configuram por um tom de descontração, eles são os mais constantes, movimentados, e com um maior número de respondentes. No capítulo seguinte, amarrados às figurações de sociabilidade em espaços do bairro, é que tais tópicos serão apreendidos no intuito de compreender as interfaces das sociabilidades *on-line* e *face a face*.

Nesse momento, interessa apresentar o que é escrito a respeito de Nova Contagem na *comunidade*. Sendo assim, o conteúdo do *Orkut* é percebido como oportunidade de apreensão de narrativas juvenis sobre o bairro, visto que a grande maioria dos usuários do *site* é jovem.²⁹ Estabeleci relações de pesquisa com alguns membros da comunidade. No terceiro capítulo, minha convivência com três deles será apresentada. Em um universo de mais de 1000 membros, não conheço a grande maioria. No entanto, acredito na conveniência de compreender as postagens como entendimentos sobre o bairro que atreladas a outras fontes de pesquisa, constroem um conjunto de representações a respeito dele.

Os tópicos sobre o bairro, de maneira geral, direcionam perguntas sobre as qualidades da localidade, as preferências por Nova Contagem. São perguntas lançadas por qualquer membro aos outros participantes. Em resposta ao “*qual o lugar que você mais gosta em Nova Contagem?*” há tipos mais comuns de respostas com destaque para

29 Segundo os dados do próprio site, 61,48% dos membros tem entre 18 e 25 anos, e 12,03% entre 26 e 30 anos. Na plataforma há um link denominado “Dados demográficos” com porcentagens de alguns dados preenchidos pelos usuários: *faixa etária, tipo de relacionamento, interesses no Orkut e país de origem*. Não há a opção de identificação de idade inferior aos 18 anos, fazendo com que tais porcentagens não sejam fidedignas com a real faixa etária dos usuários, já que muitos deles têm idade inferior, além da possibilidade de falsear.

a feira e a praça do Coreto. Dentre outras respostas aparecem algumas igrejas, as escolas. No quadro a seguir, exemplos de algumas das postagens³⁰:

Para mim....

O melhor lugar do bairro pra mim são as praças embora um pouco abandonadas pela prefeitura, ainda é o melhor lugar para se passar principalmente quando vemos um amigo ou amiga passar pois matamos saudades e o dia se torna mais prazeroso

kakaKÁ

O MELHOR LUGAR DE NOVA CONTAGEM É NA F5 INFORMÁTICA, ONDE EU ENCONTRO MAIS DE 2000 PESSOAS TODO MES, É MUITO GRATIFICANTE.
O OUTRO É NAS COMUNIDADES ONDE BUSCO MUITAS FORÇAS.

O melhor lugar pra mim é a feira! Onde eu sempre encontro um conhecido, e e cheio de lugares pra ir!

AMO MUITO

EU AMO A ESC.ANA GUEDES FOI LA QUE TUDO ACONTECEU PRIMEIROS AMIGOS
PRIMEIRA PAIXA PRIMEIRO BJU *QUE DELICIA* QUE SAUDADES *-*

O melhor lugar

Olha pessoas, não sou a indicada a dizer qual é o melhor lugar aqui, porque quase não saio pelo bairro, mas mesmo assim diria que o melhor lugar é na igreja católica do A, pois é la que eu me sinto mais tranquila e em paz.....Beijossssssss

eu nun sei acho que ééééé

ólha nun posso dizer muito pq nun moro ai,
mas quando passo ed onibus eu vejo uma pracinha q tem um coreto la me parece um lugar bem legal, e
tbm pra tocar u violão com os amigos
aproveitando estarei com minha banda tocando na quadrangular q fica perto do final do 1167A dia 16/09
apareçam la
abraços

hehehehehe

o melhor lugar do bairro é sem duvida "o rato moiado".

Cc

Um dos melhores lugar,e na F5,e o outro lugar na praça do coreto,outro nessa comunidade maravilhosa!

O melhor lugar para alguém está

É sem dúvida onde vc se sente bem, onde encontra amigos mais chegados q irmãos, onde vc chega e nem pensa em ir embora, onde a sua alma se aquieta, e quando sai de lá, sai melhor do que quando entrou. Pra mim, sem dúvida, este lugar é a Igreja Batista Ebenézer do Retiro, onde te uma Rede de Jovens muito legal, sou feliz por fazer parte dela. Se vc está procurando o melhor lugar, não deixe de passar por lá!

SEM NOÇÃO

PRA MIM FICA ATE DIFICIL DIZER O MELHOR LUGAR,
POIS AMO TANTO ESSE LUGAR, MAS POSSO DIZER QUE FEIRA É MUITO BOM
(APESAR QUE TEM MAIS DE UM ANO QUE NÃO PASSO POR AI.)

Qual o lugar mais bonito do bairro

Na sua opinião, qual é o lugar mais bonito do bairro ?

Ms bonito n~sei ms legal a praç do AbC

O Lugar mais Bonito do Bairro é a Praça do Coreto, embora la esteje precisando de algumas melhorias, tais como mais Iluminação mais banquinhos e alguns brinquedos Fixo para as Crianças.

³⁰As postagens foram copiadas da *comunidade* sem a identificação dos respondentes e mantendo a formatação original.

➤ *Você é a favor ou conta para pena de morte de crimes hediondos?*
(7 respondentes)

Acompanhar a dinâmica dessa comunidade foi também maneira de apreender espaços anunciados como significativos, uma espécie de mapeamento de pontos, que geralmente estão associados a figurações de sociabilidades referenciadas em escolas, igrejas, praças, a feira e a própria *lan house*. Compor tais referências trouxe contribuições para entender interfaces de sociabilidades *on* e *off-line*, tema privilegiado no segundo capítulo.

Em determinado momento, ao acompanhar as postagens na *comunidade*, um tópico causou uma agitação por ali. Titulado como “*Preconceito rolando solto*” o participante que iniciou a conversa, apontava a existência de uma comunidade denominada “*Eu tenho medo do 1167*” e convocava os membros que ajudassem na denúncia³² da mesma. 1167 é o número que designa a linha de ônibus de Nova Contagem que tem diversos percursos no bairro e na RMBH, dependendo da letra ou informação que acompanha o número³³.

³² “Denunciar abuso” é uma ferramenta disponibilizada pelo *Orkut* em todas as *comunidades* e *perfis* de usuários. Em mensagem do *site*: “**Agradecemos por ajudar a comunidade do orkut** denunciando conteúdos que podem estar violando as nossas políticas. Selecione a opção à esquerda que melhor descreve o problema: 1) nudez/conteúdo sexual 2)spam / vírus 3) identidade/informação pessoal 4) atividade ilegal 5) ódio/violência 6)segurança da conta.

³³ Por exemplo: 1167 A, 1167B, Ypê Amarelo / Estação Eldorado / Cidade Industrial/Integração Metrô

The screenshot shows the Orkut website interface. At the top, there's a navigation bar with 'Início', 'Perfil', 'Página de recados', 'Amigos', and 'Comunidades'. The user's name 'julianabatistareis@yahoo.com.br' and a search bar are also visible. The main content area is titled 'Eu tenho medo do 1167' and includes a description, a list of community statistics, and a grid of member avatars.

Eu tenho medo do 1167
(798 membros)

participar
convidar amigos
denunciar abuso

fórum
enquetes
eventos
membros

descrição: Lol xisdê!
Essa comunidade não foi feita para falar mal de Nova Contagem!(Não me responsabilizo por loucos que discordem disso)
Brincadeiras a parte pessoal...Beijo<!
(Obs):Faltam 20 pessoas pra comunidade ficar mais cheia que um 1167!!!

REPETINDO: A COMUNIDADE NÃO FOI FEITA PARA FALAR MAL DOS BAIRROS EM QUE O ÔNIBUS PASSA!

idioma: **Português (Brasil)**
categoria: **Automotivo**
dono: .Edu [▼] .JeH .
tipo: pública
privacidade do conteúdo: aberta para não-membros
local: Contagem, MG, Brasil
criado em: 3 de janeiro de 2006
membros: 798

membros (798)

Lucas
Léo - I like my
♥PAULINHA

guma filezudo
Matheus
Nikson

Meki \$en@
Gabu
priscilla

[ver membros >>](#)

comunidades relacionadas

Figura 4: Página inicial da *Comunidade* “Eu tenho medo do 1167”

A partir desse momento, acompanhei os tópicos já abertos na “*Eu tenho medo do 1167*” que tinha cerca de 300 membros, em outubro de 2006. Muitos tópicos agitavam a comunidade, que se mostrava mais dinâmica e com um alto número de respondentes. De maneira parecida ao que foi dito sobre a “*Nova Contagem*”, as questões ou pautavam o ônibus, os moradores e a região de Nova Contagem ou eram tópicos de brincadeiras e jogos. Apesar do anúncio na descrição da *comunidade* de que ela não foi construída para “*falar mal do bairro*”, boa parte das postagens ridicularizavam a situação do transporte, qualificavam pejorativamente a região ou estigmatizavam os moradores.

Alguns dos temas iniciados nos tópicos eram: “O trocador do 1167 me assaltou”, “Medo do negão de Nova Contagem”, “Eu nunca peguei ele”, “Nomes para esse ônibus”, “O que já aconteceu com vc no ônibus 1167?”.

No quadro abaixo, algumas das postagens em variados tópicos da *comunidade*:

Eles me obrigaram a dançar segura o tcham-amarra o tcham e depois passar embaixo da cordinha, eles são maussssssssss Hhahahahahahaha!

so fiquei esmagada , mais nada 🤔

já me confundiram com uma sardinha!

só se me blindar.. colocar um pregador no nariz pra n sentir o xeiro dos preto safado.. e claro se o trocador nao for preto pq se for, ele mesmo vai me roba =/

eu sempre peguei ele e dai?não é da conta de ninguem o q eu pego ou deixo de pegar,pelo menos o bairro tem onibus ne,não é igual o seus q tem q pegar outros onibus pq os bairros não tem,,ah e pra esse trouxa ai de cima q falou q preto fede,presta mais atenção nas suas palavras pois vc vai se ferrar um dia bem gostoso pra aprender as falar as coisas corretamente viu,,e se preto fede,branco igual a vc fede mais ainda,pois o mal carater fede muito mais,e se vc ta dizendo q fede é pq ja cheirou muito ne?imbecilllllll,,,,,,
aff,to cansada desse povo sem cultura q perde a vida falando mal dos outros,cansei dessa idiotice iu,tchau e fuiiii

Eu tbm pego ele todos os dias ... e bem tranquilo a viagem !

Tem bancos novos e macios !

Tudo e limpo, tem Tv Home theater, frigobar e varias outras coisas !

Tem até aréa reservada para assaltantes e pessoas que não tem dinheiro de passagem ... coisa moderna de outro mundo !

asduhiU'HAIUSdhAIUShdiAUHsdiuahsdiuhasduihas

Pego todo dia i é confortavel...

Eu também pensava que nunca ia pegar. Até que um dia, atrasado pro colégio, tive que pegar...

Ow, vi cada coisa lá dentro! Desde pena de galinha à distribuição de pão de

queijo...huahuahuahua

O 1167 salvou minha vida acadêmica!

hauhauha regassou bial!..hauhau

faz uma comu ai "eu odeio qem zoa o 67" ou intao "eu amo o 1167"...kkkk

Eu nunk peguei ele, mas a frota está renovada, mas a cada dia + as pessoas vão aumentando, por incrível q pareça, mas nunk andarei num galinheiro como esse, é um perigo!!!

Se jogarem um rato dentro do onibus, o pessoal pega o rato enfia no espeto e faz um churrasquinho dele dentro do onibus mesmo.

Regado a guaraná Fanny e cerveja Krill

tem um negao ke fica enchendo o saco !!!!!

nova contagem he um lixo!!!!

morte a todos de nova contagem so tem ladrao e puta!!!!!!

bom pra pega 1167 tem q ta bem mau localizado (entenderam neh?!) pq c for na João Cesar ou outro lugar q passa mto onibus qm e o doido de pegar o 1167 pra ir pra algum lugar???! pega um otro neh?! =o portanto tem q tar bem longim e mau pra ter o 1167 como unica opção auhau bem... pra fala verdade nem iria pra la (inferno) mas c caso tivesse la... nem carona pros "HOME" eu num pediria, e pirigoso rola um tpo bagdá e eles atira nos "HOME" e vc ta dentro e morre junto uahau =X ... taxi tb num vai la, pq la ninguem tem dinheiro neh?! pra q q eles vaum pra la, e otra num tem nem como, qm mora la num tem dinheiro pra pega um taxi e ir pra casa uahauhu \o\... apé?! nosso deus nem rola... fica sem tenis sem bermuda sem blusa sem boné sem cueca sem VIDA as vezes =\ portanto VO DE 1167 memo q as vezes vc da akela sorte sabe?! de ta no horario de folga "deles" e vc vir maaaaaaais ou menos tranquilo dentro do 1167, longe dos 3 assaltos q podem ocorrer em cada 10 minutos la dentro ou a cada ponto hehe, mas exposto à um possivel atentado do TPO BAGDÁ neh?! eAUHAEiouaeHAEiuhiaeoHEAiuheaIOHEAieuaO viajei grandão \o\

Idiotas como esse ai acima, que falou que o povo de Nova Contagem não tem grana pra pagar taxi, deve ser um mariquinha que se esconde embaixo da saia da mãe.
Pra quem não conhece, Nova Contagem é um ponto de referencia comercial para quem mora na cidade de Esmeraldas.
Assaltos em toda parte da cidade tem, não se esqueçam do dono da eletrônica carolina, morto durante assalto em sua loja, em plena João Cesar de Oliveria (Eldorado se não estou enganado), local onde dá muitos burgayzinhos.
Frequentar o Jet Club, é pedir pra ter a carteira batida.
Aff, é tanta besteira que falam de Nova Contagem sem conhecer o lugar, e o pior é que muitos que vivem aqui, vão na onda desses cabeças fracas, e detonam o bairro.
Eu seria um idiota em dizer que aqui é uma maravilha, pois todos sabem que não é.
Falta muita coisa, mas aos poucos estamos chegando lá.
Ai, seu desinformado: Moro em Nova Contagem há 22 anos, sou micro-empresario da área de informática, e assim como eu, existem várias outras pessoas que também tem seu próprio negócio, e geram empregos.
Acho que podemos não só pagar um simples taxi, como se for necessário fazer um fretamento.
Agora vc, pobre infeliz, não deve ter dinheiro nem para pagar uma simples condução, deve ser o tipo de dá o famoso pulão, dando prejuizo ao cobrador.
Ah, procure se informar sobre o que é Xenofobia, pois é crime.

vc nao sabe qal eh o pior!!
no onibus eh perigoso vc entra i nunca mais descer!
a pe vc tem q enfrenta as favela tudo q ele passa perto!
o negocio eh nao ir de jeito nenhum!..abauh

sem educação e o se o seu boy desgraçado ..
pq vc entro na comu intao seu bosta
fala mau de nova contagem ... vem ca i fala na cara de algum moradoo
daki
duvido q vc fas isso seu bosta

Participantes da comunidade “Nova Contagem” também passaram a postar no “*Eu tenho medo do 1167*”. Nas mensagens acima, vê-se que algumas falas que rebatem os enunciados, marcam uma oposição ao que é dito sobre o bairro, confrontando os

juulgamentos “negativos”. Nesse debate, há matizes de significados que se aproximam de uma visão *a priori* de periferia, já estabelecida no discurso de senso comum e que, muitas vezes faz coro às representações que os poderes públicos têm ou ajudam a manter sobre bairros “periféricos”.

Como a plataforma é aberta, não há qualquer elemento de identidade dos participantes de cada *comunidade*, a não ser a obviedade de que eles são membros de um mesmo ambiente de discussão. Em outras palavras, não há como mapear os participantes da *comunidade x* como moradores do bairro *y*. Nesse sentido, as relações de proximidade e distância referenciadas em espaços geográficos não são facilmente cartografadas. Todavia, o que está em jogo na compreensão são as representações que acabam por definir contornos do que é uma periferia nas conceituações e classificações de usuários da rede mundial de computadores.

Por um lado, ao analisar os conteúdos verifica-se que, em alguns momentos, as categorias “*boy*”, “*playboy*”, “*burgayzinhos*” são acionadas por moradores de Nova Contagem em respostas as imagens de “*perigosos*”, “*ladrão*” destinadas a eles. Por outro lado, categorias como *periferia e favela* não são incorporadas pelos moradores nas discussões das *comunidades* para identificar o local de residência, que costumeiramente é nomeado como *bairro*. A princípio poderia refletir que:

“[...]dificilmente alguém goste de ser chamado de periferia. Por quê? Simples, periferia é uma categoria relacional, ser periferia significa estar em uma posição inferior, subordinada, *vis-à-vis* a um centro que exerce poder”. (RIBEIRO, 2006, p. 53)³⁴

No entanto, pesquisas de Pedro Guasco (2001) e Juarez Dayrell (2005) com *rappers* mostram como a idéia nativa de *periferia* é fundamental na construção de uma identidade contrastiva do bairro de moradia como espaço de solidariedade firmada apesar da precariedade de infra-estrutura urbana local. Em tais trabalhos, a noção periferia funciona, principalmente, como categoria social e menos como uma referência espacial para os sujeitos de pesquisa. Entre os *rappers* anunciar a periferia por narrativas que se configuram na visibilidade dos ambientes de moradia a partir da violência e miséria resultantes de processos desiguais na cidade, marca um tom de denúncia que tais sujeitos propagam.

³⁴ Porém, há sim quem estabeleça relações de positividade e identidade com a “periferia”. O texto mostrará a frente quem são esses sujeitos e, como são construídas representações de orgulho com a periferia.

“A idéia de periferia é fundamental na construção de uma identidade cuja legitimidade se firma em determinados pontos. Ela própria é concebida como contexto social a partir de certos aspectos geralmente negativos. Essa idéia de periferia se apóia em fatos, mas enquanto leitura da realidade, se constitui no discurso.” (GUASCO, 2001, p. 83)

O contraponto mais comum na *comunidade* “Eu tenho medo do 1167” remete a categoria do *playboy*, àqueles que subjagam a região de Nova Contagem. Como aponta Guasco, entre os *rappers* essa é “antítese perfeita da periferia”. Também nas discussões *on-line* a representação parece funcionar como indicativa de sujeitos alienados, “cabeça fraca”, arrogantes e desrespeitos em oposição a uma postura de *consciência* daqueles que moram na periferia ou reconhecem seu *valor*.

Nas pesquisas citadas com *rappers*, os sujeitos pesquisados percebem as qualidades dos moradores das periferias como condição para sobrevivência num “ambiente precário” e por isso, resultado de vivências que geram moradores fortes e heróis, em oposição à fraqueza dos *playboys*. Tais narrativas estão marcadas por leituras da realidade social construídas por relações de desigualdade política, econômica e social. Já os conteúdos postados na Internet sobre Nova Contagem, mesmo que marcados por narrativas também positivas sobre o bairro, não se pautam necessariamente na relação entre inclusão *versus* exclusão ou privilegiados *versus* pobres, como marcas da construção da “positividade” do bairro.

Também em fóruns de outras comunidades sobre Nova Contagem³⁵ vê-se uma ênfase na “positividade” do bairro. Numa pergunta que abria uma discussão “*O que Nova Contagem tem de bom?*” as respostas giravam em torno das amizades, das boas pessoas, da vizinhança, etc. O que há em comum em muitas falas é um tipo de narrativa com marcas afetivas, consolidadas na solidariedade entre a vizinhança, fortes relações de amizade e que reafirma um caráter “positivo” à região de moradia. Nesse sentido, se para os *rappers* a “positividade” da *periferia* advém das dificuldades enfrentadas em um contexto de exclusão, nas postagens da Internet tal contexto pouco justifica as qualidades de Nova Contagem.

Como já foi apontado, configurações de centro e periferia sempre dependem do estabelecimento de certa perspectiva, estão sujeitas a substantivações de diversas ordens. É preciso reconhecer tal oposição entre centro e periferia perfilhada, por

³⁵ Atualmente existem 60 comunidades relacionadas ao bairro.

exemplo, na nomeação *quebrada* que alguns jovens pesquisados utilizam para denominar Nova Contagem ou o local mais específico onde moram ali. Alexandre Pereira (2006) em pesquisa sobre pixadores na cidade de São Paulo revela o uso do termo *quebrada* entre os jovens pesquisados para definir as *periferias* em que vivem. O autor aproxima a categoria nativa *quebrada* de *pedaço* (MAGNANI, 1994) que também usamos desde o projeto inicial de pesquisa para fazer referência aos espaços do bairro em que a sociabilidade juvenil estivesse potencializada.³⁶

Ele [o termo quebrada] tem bastante similaridade, com a noção de *pedaço* que, segundo Magnani (1998) designa um espaço de sociabilidade observado originalmente em bairro de periferia de São Paulo e que, se não possui a proximidade e a intimidade do mundo da casa, também não reflete o anonimato do espaço da rua, enquanto espaço público e de passagem. (PEREIRA, 2006, p. 56)

Aqui a apropriação do termo “periferia” (e também *quebrada*) não funciona apenas como referência espacial, mas como categoria social e simbólica, principalmente.

A outra categoria pela qual expressam a sua condição é a ‘periferia’, que passa a englobar a condição de pobres (...). É manifesto que, para esses jovens, o lugar em que se vive não aparece como espaço funcional de residência ou de socialização, mas, principalmente, como espaços de interações afetivas e simbólicas, carregado de sentidos. (DAYRELL, 2005, p. 121)

Neste sentido, as qualidades positivas da periferia não se apresentam como contradição, mas como contrapeso aos aspectos negativos contextuais, ou seja, é preciso sucumbir ou reagir ao negativo. Em um *rap* que ouvi na feira³⁷, o bairro aparece como espaço de exclusão, ausência de equipamentos públicos e também como espaço de amizade e solidariedade entre as pessoas, firmadas na miséria e apesar da violência. De maneira muito menos recorrente, entre os jovens pesquisados, a identidade com a periferia está relacionada ao contraste de dois tipos de representações: a pobreza, violência e miséria numa chave e, a qualidade das pessoas noutra. Foi interessante

³⁶A categoria *pedaço* é reconhecida entre pesquisados de José Guilherme Magnani (1984). A categoria nativa portanto é também uma categoria analítica e “supõe uma referência espacial, a presença regular de seus membros e um código de reconhecimento e comunicação entre eles” (MAGNANI, 2002, p.20)

³⁷ A feira receberá um tratamento etnográfico mais adiante.

perceber como alguns jovens enfatizavam a amizade e solidariedade: “quando alguém escuta falar de Nova Contagem acha que é o fim do mundo, as pessoas não sabem que aqui tem uma porrada de gente amiga e trabalhadora”, “tem violência, tem pobreza, mas o que mais tem é gente honesta”.

“A importância das pessoas parece evidente num contexto onde os jovens não têm praticamente nada a não ser os amigos e num cotidiano em que também não há praticamente nada a fazer sem eles. Onde tudo falta, a única compensação parece ser o fato de não estar só, o que faz com que a solidariedade grupal ganhe importância” (GUASCO, 2001 p.91)

Reconheci a apropriação do signficante “periferia”, principalmente, entre jovens do movimento *hip-hop*³⁸ de Nova Contagem, representação local que vem se destacando, alocada em elaborações estéticas e musicais de sujeitos que estão dentro da periferia e que a singularizam (FRÚGOLI, 2005)³⁹. Para eles, portanto, *periferia* não é necessariamente um estigma, *periferia* é uma categoria bastante elástica (GUASCO, 2001). Sendo assim, algumas pesquisas reconhecem entre diversos sujeitos um tipo de discurso que reifica a concepção de “favela” ou “periferia” como área segregada e permeada por comportamentos distintos dos habitantes do restante da cidade.

“Em termos mais antropológicos, porém, aconteceu com o conceito de periferia o mesmo que aconteceu com o conceito de cultura, conforme escreveu Sahlins no artigo ‘*O pensamento sentimental e a experiência etnográfica*’: por que a cultura não é um objeto em vias de extinção. Segundo esse autor, no momento em que a noção de cultura é problematizada pelos antropólogos, ela é assumida pelos atores sociais; pois bem, o mesmo ocorreu com a noção de periferia. Quando deixa de ser uma categoria operativa em termos de dicotomia espacial (pois há condomínios de luxo em bairros afastados, assim como a presença de pobres e moradias precárias em regiões centrais), ela é assumida, por exemplo, no discurso dos *rappers*, com uma conotação positiva, enfatizando não já a carência, mas o pertencimento.” (MAGNANI, 2006, P. 38,39)

³⁸ Para uma análise de identidades e representações entre *rappers*, ver Dayrell (2005) e Guasco (2001).

³⁹ “Outro dado mais recente, no caso de São Paulo, refere-se aos movimentos culturais realizados por grupos juvenis ligados ao *hip hop*, que vêm redimensionando tanto suas identidades étnicas quanto as representações sobre o próprio contexto onde vivem. Estas podem, a princípio, ser entendidas, do ponto de vista antropológico, como versões particulares de categorias nativas que, uma vez refeitas esteticamente e divulgadas por meio da música, vêm ampliando certas narrativas a respeito da periferia (Guasco, 2001), o que constitui um novo campo para abordagens, **exigindo, ao mesmo tempo, distanciamento de um certo fascínio que provocam.**” (FRUGOLI, p. 145) [grifos meus]

Nesse tipo de construção simbólica sobre a periferia, tão marcada na voz dos *rappers*, é preciso compreender os jogos relacionais estabelecidos com os *centros*. O par inclusão/exclusão é explícito nessas narrativas e, portanto, o discurso da necessidade de (re) inserção, vindos do campo midiático e dos setores do Estado, está aqui também constituído.

Problematizar o uso da idéia de periferia também na rede mundial de computadores, assim como as possibilidades de interação nesse espaço foram nesse capítulo uma possibilidade de apreensão das representações sobre Nova Contagem. Talvez ao buscar modulações da temática *periferia/centro* no ciberespaço atuo na lógica apontada por Magnani, mesmo que revelando como em ambientes *on-line*, pouco avistei narrativas que acionam a categoria *periferia*. As postagens estão bastante amparadas pela idéia de bairro.

Eu vi Nova Contagem ser construída e não saí daqui nunca. Aqui todos me respeitam e eu respeito a todos. Quem fala mal desse bairro não conhece como é bom morar aqui.

Deste modo, os múltiplos ambientes de interação na rede do *Orkut* sinalizam similaridades de impressões sobre o bairro. O exercício de acompanhar o debate travado nas *comunidades* proporcionou recolher na *web* idealizações que revelam um jogo que mostra imagens que exprimem a degeneração *versus* um sentido apazível a Nova Contagem. Com isso, não pretendo corroborar representações bifurcadas entre moradores e não moradores ou findar as possibilidades de percepção de Nova Contagem nessa dicotomia. Contudo, ler as postagens nos conduz a uma percepção de construções territorializadas no interior da internet.

“O Ciberespaço, da mesma forma que o ‘espaço’ social, longe de ser um contínuo homogêneo, é territorializado e fragmentado em diferentes espaços simbólicos, constituídos e operacionalizados pelas práticas de sociabilidade que ocorrem em seu interior. Estas práticas constituem culturas locais, específicas e eminentemente heterogêneas, cuja interpretação e mapeamento é uma tarefa ainda incipiente a ser realizada pela Antropologia” (GUIMARAES JR. 1999, p. 2)

Apesar da possibilidade de desterritorialização proporcionada pela configuração do ciberespaço assim como a idéia de uma ampla rede que liga todos, ao buscar conteúdos em *comunidades* no *Orkut* muitos estão referenciados por locais das cidades e, na internet alcançamos interações de embate e conflito ou a (re)ligação de laços de vizinhança do bairro. Embora a ausência de limitações geográficas explícitas, o *global* não faz desaparecer referências da dimensão das vivências locais, podendo às vezes contribuir ainda mais para o reforço de interações locais.

Além disso, a perspectiva analítica da *exclusão/inclusão* que como já apontado, tantas vezes referencia compreensões sobre a *periferia*, parece operar de forma ainda mais insuficiente no universo *on-line*. “*Maldita inclusão digital*” é o nome de algumas *comunidades* no *Orkut* que de maneira geral compreendem e associam a popularização da internet a um empobrecimento da rede, ou seja, o uso cada vez mais maciço de usuários descaracteriza o ambiente, o transformado em um espaço de menos prestígio em função do que alguns identificam como *analfabetismo digital*. A título de exemplo, parte da descrição da *comunidade* “*Malditas lan houses*”: “(...)foi só surgir as *Malditas Lan Houses* pra começar o desgosto! *Orkut e MSN* foram invadidos e transformados em verdadeiras *FAVELAS!*”

Conseqüentemente, a idéia de *inclusão digital* tão correntemente empregada, pode ser alvo de problematizações já que condiciona dualidades e uma compreensão homogeneizante, que novamente polariza situações e acaba por (re)produzir discursos midiáticos e do imaginário social.

“Pois essa é uma das principais características das sociedades de controle: a inexistência de processos de exclusão e inclusão em espaços extensivos. Já não é possível estar fora, à margem do que quer que seja. Estamos todos na ‘terceira margem do rio’ [Guimarães Rosa, 1981], derivando, sem sair do lugar. [E daí a ambigüidade que marca os discursos sobre comunidades pobres – ‘inclusão pela exclusão’]” (RAFAEL, 2006, p. 14)

2.

SOCIABILIDADE(S)

ENTRE ESPAÇOS DO BAIRRO E DA WEB

Neste capítulo alguns espaços que foram percorridos durante o trabalho de campo são realçados, remontando experiências que pude vivenciar e observar no bairro. Como apresentado no capítulo anterior, Nova Contagem que por vezes é a nomeação usada para dizer de uma ampla região, engloba várias localidades identificadas como bairros e vilas e com nomeações específicas. Opera-se assim uma dimensão espacial de ‘pequenos bairros’ no interior do ‘bairro maior’. Apesar de ter circulado por algumas dessas vilas, como a Vila Esperança e Ipê Amarelo local de moradia de alguns informantes, concentrei minha permanência em lugares do *centro* de Nova Contagem, principalmente nas proximidades da Via Principal (VP1), avenida onde se concentra o comércio e há uma quantidade menor de residências (ver figura 7)⁴⁰.

É possível pensar em Nova Contagem como um sistema simbólico que expande ou encolhe seus referenciais espaciais. Em outras palavras, dependendo do ponto de partida, ouvia dos pesquisados nomeações mais específicas de bairros dentro do bairro Nova Contagem quando, por exemplo, necessitavam precisar a localização de algum estabelecimento. Nesse sentido, diferentes relações de *centro* e *periferia* também se configuram na região de Nova Contagem dependendo do recorte simbólico que se faça, por mais que a região do comércio seja quase sempre reconhecida como a *central*.

No projeto de pesquisa, não estabelecia um recorte sobre um grupo juvenil orientado por um mesmo estilo de vida ou linguagem, por exemplo.⁴¹ Destinei minhas primeiras idas ao campo em uma feira-livre que acontece nas manhãs de sábado e domingo em um quarteirão de uma rua perpendicular a principal Avenida de Nova

⁴⁰ Área assim definida pelos moradores em que há um comércio mais consolidado com supermercados, lojas de roupas e calçados, farmácia, etc.

⁴¹ Várias etnografias reunidas no livro “*Circuito de Jovens*” privilegiam espaços urbanos em que são apreendidas experiências juvenis e práticas particulares de sociabilidade. Em outro texto, Magnani (1992) tece críticas a utilização do termo “tribos urbanas” para referenciar grupos de jovens. “*O problema, contudo, que acarreta é que dá a impressão de descrever, de forma total e acabada, o fenômeno que se quer estudar, aceitando-se como dado exatamente aquilo que é preciso explicar*”. O conceito de *circuitos* favorece na articulação entre sociabilidade e as regularidades. (2007, p. 19).

Contagem. Optei por tal estratégia de aproximação, em um espaço que não parecia referenciar a apropriação de grupos juvenis específicos, mas parecia funcionar como ponto de interseção de boa parte da população de Nova Contagem, querendo com isso captar a dinâmica das sociabilidades daquele espaço. Nesse sentido, os sujeitos da pesquisa com os quais estabeleci relações, se assemelham por morarem numa mesma região e por de alguma forma estar envolvidos de maneira mais rotineira com a internet. Na medida em que minha rede de pesquisa ia se constituindo foi possível perceber alguns *sujeitos nós* da rede.

A feira foi uma referência constantemente indicada quando no início da pesquisa, perguntava sobre lugares de encontro e lazer locais. Os primeiros interlocutores vigoravam a idéia de que para compartilhar do bairro era necessário estar na feira. Além disso, na medida em que a pesquisa penetrou para *web* através das *comunidades* relativas ao bairro, percebi que a feira também denotava relevância na comunicação *on-line*. Quando por exemplo, os usuários citavam espaços significativos do bairro na *comunidade* “Nova Contagem”, além da existência de uma *comunidade* específica sobre essa feira.

Diante de algumas hipóteses sobre as possíveis interfaces da sociabilidade na *net* e no bairro era necessário compreender as maneiras pelas quais esses contextos se retroalimentavam, já que boa parte do conteúdo *on-line* está compromissada com relações e espaços do bairro. Em outras palavras, ‘*o que dá vida à internet?*’, ‘*a sociabilidade on-line está referenciada em vivências diárias?*’, ‘*como a experiência on-line se concretiza nos encontros na cidade, no bairro, na feira?*’

2.1 A REDE QUE CONDUZ [OUTRA VEZ] À FEIRA

*E as luzes todas da feira fazem ruídos dos muros do quintal (...)
Gente toda misturada com as luzes das barracas, com a noite e com o luar,
E os dois grupos encontram-se e penetram-se
Até formarem só um que é os dois...
A feira e as luzes das feiras e a gente que anda na feira,
E a noite que pega na feira e a levanta no ar (...)
E toda a feira com ruídos e luzes é o chão deste dia de sol...
(Fernando Pessoa)*

Sem combinar com algum morador, numa manhã de sábado estive na feira pela primeira vez. A rua, que já conhecia, reunia em um quarteirão, barracas dos dois lados e uma extensão de pessoas circulavam e permaneciam entre elas. Nos dias de semana a rua da feira é outra. A configuração de um lugar de passagem é mais evidente. As pessoas não se aglomeram para a conversa, não permanecem paradas, há um uso daquela via, como passagem e local de um comércio estabelecido.

Nas manhãs de sábado e domingo a mesma rua se transforma mesmo que referenciada também pelo comércio. Os feirantes começam a montar as barracas por volta das 7 horas e as atividades se prolongam até as 13 horas. Cerca de trinta barracas reúnem mercadorias dos mais variados tipos, frutas, verduras, salgados, xampus, cremes, perfumes, bijuterias, além de DVD's e CD's, bonés, gorros, calças, roupas, tênis, sandálias, camisetas de bandas, brincos, *piercings*. Os comerciantes me indicavam que aquele *mercado de rua* acontece desde 1999, quando alguns moradores se organizaram para comercializar principalmente frutas e verduras compradas no CEASA⁴². Em um relato, uma senhora feirante e moradora do bairro diz das transformações que aconteceram na feira. Se antes eram comercializados, principalmente produtos alimentícios, tanto hortifrutículos quanto lanches (salgadinhos, churrasco, bolos), nos últimos anos o comércio de eletrônicos, DVD's e CD's e outros artigos alcançaram o ambiente⁴³.

⁴² A CEASA-MG (Centrais de Abastecimento de Minas Gerais S/A) está localizada na cidade de Contagem.

⁴³ Os eletrônicos e CD's são revendas do Shopping Oiapoque – amplo comércio da capital onde não há emissão de notas fiscais e as mercadorias têm preço bastante reduzido, cosméticos e perfumes, comumente, são estoques de revendedoras de revistas como Natura e Avon.

Interessante perceber o caráter dessa feira. Quando os moradores me anunciavam convites para estar ali, imaginava certa configuração do espaço com venda de alimentos, principalmente. Entretanto, o ambiente também ampara o comércio de muitos artigos em torno da informática. Além dos CD's, encontra-se *pendrive*, cartão de memória para máquina fotográfica, *mouses* e outros desses produtos no local. Essa materialidade contrasta com a noção de feira como lugar do consumo e comércio de víveres, da sociabilidade imediata, que remete a um padrão de convivência ligados à espacialidade doméstica, do privado, da comensalidade, ainda que tal figuração ainda permaneça.

Adultos, crianças, jovens e velhos se encontram naquele quarteirão e uma série de atividades, para além da compra e venda, acontece neste espaço de vivência. No entanto, como aprendiz na etnografia, precisava construir um olhar de estranhamento tendo em vista aquele acontecimento, tarefa difícil na medida em que aquele episódio tinha uma conotação bastante familiar para mim. Uma imagem semelhante das feiras que acontecem em outros espaços da cidade, numa configuração que eu já havia vivenciado, principalmente, quando morava no interior do estado⁴⁴.

Porém, apesar da presença de pessoas das mais variadas idades, a circulação e permanência de jovens na feira assumem destaque naquele cenário. Algumas vezes “imitava” a permanência de alguns que permaneciam na escadaria de um comércio com visão privilegiada para a feira. Dali via alguns encontros acontecendo, grupinhos consumindo em alguma barraca de lanche e bebidas, sentados nas calçadas, circulando pela rua. Há pontos estratégicos de permanência, a escadaria é um deles de onde se avista toda movimentação, quem chega, quem caminha, os pares que se formam, o *footing*⁴⁵.

Naquele cenário, de maneira geral os jovens estão bem produzidos, aparentemente diferentes das crianças, dos adultos e velhos que vão as compras. As meninas se destacavam pela aparência: roupas curtas ou justas, mini saias, maquiagem, cabelos arrumados. Os rapazes em sua maioria com bermudões, gel ou boné nos cabelos. O clima de paquera é perceptível, há comunicação pelos corpos e olhares no

⁴⁴ Sobre o exercício complementar da prática antropológica de “*familiarizar o estranho e estranhar o familiar*”. Cf. Damatta (1974), Velho (1978).

⁴⁵ O *footing*, ir e voltar pelas ruas, ser observada pelos rapazes que permaneciam parados e paquerá-los, prática que também escutei da minha mãe e suas amigas vivenciada nos anos de 1970, em rua do centro de Itabira.

jogo das interações. A espacialidade da feira parece (re)territorializada (DELEUZE & GUATTARI, 1997)

Deleuze e Guattari são autores que a partir do conceito **território** caracterizam outros processos: **territorialização, desterritorialização e reterritorialização**. Há uma compreensão particular de território. “*O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos*” (GUATTARI, 1986, p.323). Portanto, desterritorialização e reterritorialização são movimentos de abandono de um território e reconstruções de outros com novas ou reinventadas práticas e relações, assim como acontece com a feira ou em processos de produção do bairro na internet como veremos nos próximos itens desse capítulo.

Em meio a um local destinado a comercialização de produtos e alimentos, aquele espaço é elevado por práticas e manifestações afetivas. Não é a *nighth*, permeada por festas, boates e bares, locais originalmente dedicados pro lazer noturno, encontros amorosos, as danças e o flerte na pista. Mesmo que os jovens também freqüentem festas ou lugares noturnos, ainda à céu aberto e na luz do dia, a feira parece especialmente um local de encontro juvenil no bairro. No bairro, a feira é o *point* pra *zoar, ficar, namorar, encontrar os amigos, trocar uma idéia*.

“Novos” produtos na feira, relacionados à informática e objetos de consumo voltados para a produção dos corpos (não do ponto de vista de sua reprodução e manutenção imediata, mas simbólica e os cuidados de si por meio de cosméticos, bijouterias, etc.) parecem contribuir na escala e no padrão de sociabilidade. Revela-se um outro padrão societário, não voltado para a casa, mas para a circulação de pessoas, a exposição de corpos.

Como apontado anteriormente, pronunciamentos *on-line* sobre Nova Contagem já davam pistas da centralidade de espaços públicos do bairro como ambientes de vivências de encontro, lazer e trabalho. Narrativas descobertas na amplitude do ciberespaço que destacam ruas e praças, espaços conhecidos e compartilhados na rotina local. A feira se realça como um grande *pedaço* de sociabilidade juvenil, referência comum dos moradores de Nova Contagem, onde o grupo de freqüentadores são os habitantes do bairro que adensam a rede de relações de vizinhança.

“A noção de "pedaço", elaborada a partir de pesquisas em bairros de periferia, aponta para a existência de um espaço social que se situa entre a esfera da casa e a da rua. Com base em vínculos de vizinhança, coleguismo, procedência, de trabalho, estabelece uma forma de sociabilidade mais aberta que a fundada em laços de família, porém menos formal e mais próxima do cotidiano que a ditada pelas normas abstratas e impessoais da sociedade mais ampla” (MAGNANI, 1998)

Também, logo nas primeiras visitas mais “despretensiosas” pude acompanhar algumas apresentações musicais naquele espaço. Se em um final de semana assisti a presença de um grupo de percussão, numa espécie de cortejo nas ruas próximas, noutro eram rapazes que em uma esquina da feira cantavam *raps* acompanhados de uma base tocada numa caixa de som. Além de avistar aquela rua como uma dimensão socializadora para muitos jovens, que se apropriam dela, combinando encontros, circulando em grupos, conversando (SPOSITO, 1994), era ao mesmo tempo local de visibilidade, servindo como palco para que alguns pudessem eventualmente apresentar suas danças e músicas.

“Com efeito, designadamente entre jovens das camadas médias e inferiores; a rua fornece formas simbólicas de afirmação da cultura juvenil. (...) A rua é encarada como espaço mais “livre”, tanto em termos comerciais, tanto em termos de controle social” (PAIS, 2003, p. 117)

O espaço público e o conjunto de relações múltiplas que se estabelecem nas configurações urbanas são alvo de investigação de distintas vertentes de abordagem sociológica e antropológica. Nas cidades e nas ruas se extrapolam as figurações das relações dadas exclusivamente no abrigo do parentesco e da família. Podemos apontar estudos das dinâmicas socioculturais das cidades realizados pela Escola de Chicago a partir dos anos 20. W. Foote Whyte (2005)[1943] em *Sociedade de Esquina*, apresenta as figurações de gangues que cresceram nas esquinas de Cornerville. O espaço é condição fundante e intrínseca às relações entre aqueles rapazes. Nem todos jovens pertencem às esquinas daquele bairro italiano, a sociabilidade geograficamente estabelecida tem relações inseparáveis com a estrutura do grupo.

Na pesquisa, era necessário compreender a *feira* na rua para além da visão comum de que ela inscreve a experiência de encontros dos moradores do bairro. Ao buscar na Internet uma etnografia das sociabilidades que se mostram fundamentalmente juvenis, a feira, assim como outros espaços do bairro resumiam as referências básicas da

dinâmica de conversação *on-line*. As redes de relações *on-line* estavam, mesmo que não exclusivamente, muito compromissadas com *pedaços* (MAGNANI, 1984) do bairro e poderiam iluminar minha presença como pesquisadora nesses locais.

Ao acompanhar a conversação na *comunidade* “Nova Contagem” e ainda através dos *perfis*⁴⁶ de alguns sujeitos que me tornei *amiga*⁴⁷ pelo *Orkut* era possível mapear alguns desenhos de relações ou já sobrevividas das vivências locais ou prestes a acontecer localmente. Isso não quer dizer que há uma espécie de replicação mecânica das vivências de um ambiente para o outro, ou seja, experiências vivenciadas no bairro, repetidas no contexto *on-line* e vice-versa, há também descontinuidades e dissonâncias entre as vivências. Para buscar as extensões entre as sociabilidades *on-line* e face a face se faz necessário descrever outra localidade central para os encontros.

Em um domingo passeava pelas ruas em seu entorno e em uma bem próxima à agitação da feira pude avistar uma movimentação de jovens perto de uma padaria. Muitos meninos e meninas estavam reunidos em frente aquele comércio, rodinhas de conversa e um sobe e desce de pessoas na escada, além de outros que permaneciam sentadas nos cantos da escadaria. Ali, no segundo andar funciona uma *lan house* chamada “F5”. A circulação e permanência de rapazes, moças e crianças em frente àquele estabelecimento eram dignas de apreço.

“De perto e de dentro”⁴⁸ enxerguei uma tonalidade daquele bairro que apontava práticas de convívio juvenil em torno da Internet. Para além da porta e da escadaria que nos leva à *lan*, espaços que mantinham um clima de descontração, o ambiente de espera para uso dos computadores é também marcado por certa agitação e conversas entre os que aguardam e mesmo entre os funcionários. Cabe destacar que o público mais presente na *lan* era composto por pessoas com idades que variavam em média entre 12 e 25 anos.⁴⁹

Em um primeiro momento, nas observações da dinâmica da *lan house* foi possível acompanhar particularidades e semelhanças nos usos e práticas dos jovens com a Internet. Certamente, há gradações desse envolvimento. Pude distinguir e estabelecer contato com usuários mais regulares, que estabelecem e consolidam laços de amizade

⁴⁶ Página pessoal de cada integrante do *Orkut*.

⁴⁷ Categoria do próprio *site* que define quem está adicionado ao seu perfil.

⁴⁸ Nomeação analítica definida por Magnani (2002) para o método etnográfico na apreensão antropológica das cidades.

⁴⁹ A partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) divulgada em setembro de 2006 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), verifica-se que dos 39 milhões de brasileiros que acessaram a internet em 2005, 33,9% tinham entre 15 e 17 anos de idade.

através de redes. O foco das reflexões incide, portanto, sobre aqueles que atribuem um significado eminente às interações *on-line* e logo, os que usavam habitualmente a *lan* no período das observações. Eles é que me acabaram por indicar outras *comunidades* no *site* que traziam como tema algumas pessoas, escolas, grupos de dança, música, etc. evidenciando um contínuo entre a sociabilidade na *web* e em espaços do bairro.

De tal modo o trabalho de pesquisa, aconteceu de forma multisituada, com temporalidades e intensidades distintas do campo da internet e do bairro, a partir de transformações ocorridas nos espaços em função das apropriações que eram feitas neles. Por conseguinte, para compartilhar os acontecimentos da feira e narrá-los é fundamental incorporar na análise (e até mesmo experimentar) um conjunto de práticas construídas para além dos territórios locais (mas muitas vezes referenciada nele), ou seja, na rede mundial de computadores, principalmente através do *Orkut* e do *MSN*.⁵⁰

2.2 ESTAR NA LAN

O estabelecimento em que a *lan* está localizado é bem amplo, há um espaço da recepção e caixa, um ambiente de espera com sofás e quatro salas: uma destinada à manutenção e conserto de computadores, duas para cursos de informática⁵¹, e a maior delas com cerca de treze computadores da *lan house*. O valor da hora conectada à rede é de R\$ 1,50, com frações equivalentes na utilização de tempo inferior. Sobre a intensa demanda do uso de Internet nos diz o dono do estabelecimento:

*“comprei duas máquinas e coloquei na lan house, não melhorou, ainda tem lista de espera ainda. Pensei, tá precisando de colocar mais duas máquinas. Então a gente vai colocando, duas máquinas, duas máquinas e a lista de espera continua, entendeu? Um trás mais um, entendeu? Um vai lá usa, e traz mais um ou duas pessoas.”*⁵²

Se há um aspecto que salta aos olhos é a maciça presença de jovens nas *lan houses*. De certa forma, algo parecido pode ser dito sobre os usuários do *Orkut*. 61,48%

⁵⁰ *Messenger* ou *MSN* é um programa de mensagens instantâneas que permite conversas em tempo real. Pelas caixas de diálogo os usuários podem além de comunicar teclando, compartilhar e visualizar fotos, trocar arquivos, conversar por voz (por microfone e câmera), dentre outros recursos.

⁵¹ Os cursos de informática acontecem em parceria com projetos do poder público municipal e estadual.

⁵² Geralmente, técnicos de informática ou pessoas muito envolvidas com computadores costumam chamá-los de *máquina*. Outros sujeitos da pesquisa usam a palavra computador.

deles têm entre 18 e 25 anos, e entre 26 e 30 anos a porcentagem é de 12,03, segundo os dados do próprio site⁵³. Não há a opção de identificação da idade inferior aos 18 anos. Esse fato faz com que tais estatísticas não sejam fidedignas com a real faixa etária dos usuários, já que muitos deles têm menos de 18 anos. Além disso, muitos usuários costumam se identificar por uma idade irreal. Nesse sentido, há um viés etário considerável nas dimensões *on-line* e nos espaços em que são feitas boa parte dos acessos à rede no bairro, como essa *lan*.

Vê-se um ambiente configurado por múltiplas interações e conversas, “*a gente firmou aqui manter um ambiente familiar (...), a gente tenta manter uma disciplina e um ambiente familiar*”, é o que me diz um funcionário, também morador do bairro, que descreve bem esse ambiente regado e ao mesmo tempo marcado por uma intensa sociabilidade. Muito diferente, portanto, das *lans* que eu já havia freqüentado no centro e outros bairros de Belo Horizonte que, habitualmente, são um ambiente que oferece a locação de computadores por determinado período de tempo. Presenciar aquele clima de encontro sinalizava outro regime moral distanciado daquele marcado pela impessoalidade.

Na sala da *lan* os computadores estão posicionados em três fileiras, duas delas estão frente a frente com quatro computadores cada, e a terceira de frente para uma parede. Nesta distribuição espacial vêm se, com freqüência, usuários comunicando entre si, seja com os que estão dos lados ou à frente. Muitos ficam juntos em um só computador ou circulam entre eles, é permitido que mais de uma pessoa use o mesmo computador pagando a fração de R\$ 0,50 a hora. Fones de ouvido são disponibilizados, mas pude perceber que são pouco utilizados, existe muita conversa e andanças entre quem está na sala.

Decerto, há um padrão na utilização da Internet, constatado pelas observações, conversas e entrevistas com usuários e funcionários. A grande maioria de meninas e meninos que ali freqüentam fazem uso mais intenso e habitual do *messenger* e *Orkut*, como relato um funcionário:

“Você pode notar, 90% das pessoas que vem aqui eles... primeira coisa que eles vão fazer, ver o Orkut deles, ler os recados, os scraps que estão lá, mandar e enviar recado, depois é entrar no messenger,

⁵³ Na plataforma há um link denominado “Dados demográficos” com porcentagens da faixa etária dos usuários, tipo de relacionamento, interesses no *Orkut* e país de origem.

quem tá on- line vai conversar com quem tá on- line, se tiver e-mail eles vão responder o e-mail”,

Há ainda um número menor de usuários dessa *lan* que joga em rede. Na avaliação do proprietário são os meninos mais jovens (entre 12 e 15 anos) e que geralmente chegam em grupos à *lan house*. O jogo em rede mais popular entre eles é o *Counter-Strike*, configurado por batalhas, disputas por tiros, compra de armas, que exige intensa comunicação entre os jogadores. É baseado em rodadas nas quais as equipes combatem-se até a vitória. Cada jogador da equipe que permanece em um computador comunica-se verbalmente com quem está do seu lado, orientando alguma jogada, palpitando a melhor estratégia do grupo. Não estabeleci um convívio maior com os jovens jogadores, existem grupos que se formam para as disputas, e mesmo com computadores em casa, vão à *lan*.⁵⁴ Para atender esse público, a *lan house* oferece ocasionalmente o *Corujão* “*o que a gente faz é quando eles pedem a insistir demais “ah, faz o corujão, corujão, corujão”, aí a gente deixa de uma sexta feira pro sábado que vai desgastar a máquina, mas que não vai ser constante. Mas, se for fazer constante aí as máquinas não dão conta.*”

Os diálogos travados pela Internet, especialmente pelo *MSN*, são uma das ações mais costumeiras entre muitos informantes, foi raro nas observações não ver alguém se comunicando pelas caixas de diálogo desse programa. “*Todo mundo que vem na lan house tem MSN, se não tem vai querer logo fazer um, conversar é o que mais fazem aqui.*” Assim sendo, como compreender semelhanças e distinções entre diálogos nas interações face a face e os travados pela escrita via Internet? O que tanto conversam e com quem conversam?

⁵⁴ Sobre as instâncias da fantasia, ilusão, criação de personagens no contexto *on-line* Cf. Pais (2006): “Há entre alguns jovens, um refúgio na ilusão como estratégia de fuga à realidade. Assim acontece em algumas imersões no mundo virtual do ciberespaço. Por que alguns jovens aderem tanto aos jogos informáticos? Porque, no cenário virtual de um jogo de computador descobrem-se como protagonistas. As ‘realidades virtuais’ permitem quem em sociedades dominadas por um desemprego juvenil estrutural, muitos jovens se envolvam em ‘alucinações virtuais’, ‘sociabilidades virtuais’, ‘aprendizagens virtuais’ – enfim, realidades que não o deixam de ser simplesmente porque são virtuais. Com efeito, os jogos informáticos proporcionam uma desrealização do real, mas também a concretização de novas vivências da realidade. E, assim sendo o ‘refúgio’ não deve ser entendido como uma ‘batida em retirada’, uma desvinculação social. A questão é saber se tais jogos permitirão realizar de modo virtual, aspirações dificilmente concretizáveis na realidade.” (p. 12)

2.3 “CRIAR PERFIL” – CONSTRUIR-SE EM UM AMBIENTE VIRTUAL

O fato de eu já pertencer ao *Orkut* e fazer uso constante dessa rede, certamente ajudou a captar interfaces entre o que se produz ali e nas relações não *on-line*. É interessante recuperar brevemente as possibilidades de interação nesse espaço, já que elas operam uma lógica comum de significações.

Ao entrar no *Orkut* é preciso construir um *perfil*, nomeação do *site* para a página individual de cada participante. É ali que cada pessoa se personaliza através de um conjunto de questões sobre o “*social*”, “*profissional*” e “*pessoal*”. Essas três divisões são segmentos encontrados em todos os *perfis*. As informações variam entre o local de nascimento/residência, orientação sexual, escola, trabalho preferências na TV, esportes, atividades, tipo de relacionamento (*solteiro, casado, namorando, relacionamento aberto*), etc.

Em cada *perfil* uma foto pode ser adicionada como imagem de exibição inicial do usuário. Por meio dessa foto o usuário será visível em outros locais do site, como as *comunidades*, a partir de miniaturas da foto de exibição do seu perfil. Outra maneira de exibir imagens é através do recurso *minhas fotos* em que outras imagens podem ser adicionadas e divididas em álbuns categorizados pelo próprio participante⁵⁵. *Meus vídeos* é um aparato semelhante, para disponibilizar os vídeos que estejam armazenados no *Youtube* ou *Vídeo Google*⁵⁶.

Os participantes podem adicionar outras pessoas da rede *Orkut*, mediante um convite feito na página de quem deseja que seja seu *amigo*. *Amigo* é a categoria do próprio site que nomeia os contatos dos usuários. Uma série de outros recursos configuram as páginas pessoais. Os *recados*, antes denominados *scraps* são a forma mais habitual de comunicações individuais no *Orkut*. Através deles, as pessoas podem deixar recados umas para as outras que ficarão agrupadas em uma página do *perfil* denominada *meus recados*⁵⁷.

As *comunidades* das quais cada participante é membro ficam também visíveis em seu perfil. É uma maneira de caracterizar cada pessoa, seus gostos, referências

⁵⁵ Inicialmente, *Orkut* disponibilizava um espaço de 12 fotos por usuário. Atualmente o limite é de 1000 fotos por *perfil*.

⁵⁶ O *Orkut*, *Youtube*, *Vídeo Google*, *G-mail*, *Blogger* e o *Google Maps* são do *Google* empresa que oferece serviços *on-line*. Além do site de buscas, provavelmente, o mais popular no mundo.

⁵⁷ A página de recados de cada usuário do *Orkut* era denominada *scrapbook*, quando o site não apresentava uma versão em português. O termo *scrap* ou recado é correntemente usado entre os participantes.

espaciais, estilo de vida etc. Quando se vê o *perfil* de um usuário, seis comunidades ficam aparentes e a cada dia, outras seis abrem a capa do *perfil*. Há um número elevadíssimo de comunidades disponíveis já que qualquer participante pode abrir uma. No limite, existem comunidades de uma pessoa só. Algumas são bastante populares e contam com um elevado número de membros. Um tipo bastante comum são aquelas que operam na conexão “eu amo – eu odeio”, alguns exemplos são: “*Eu amo minha mãe*”, “*Eu amo meus amigos*”, “*Eu odeio estudar*”.

Cada usuário tem acesso a informações diárias em sua página como o número de visitantes no dia anterior, na última semana e desde que é um participante. É possível conferir o nome com o *link* dos dez últimos visitantes de sua página diariamente.

Por fim, para ilustrar minimamente os recursos que operam nessa rede, existem três tipos de instrumentos pelos quais os usuários afirmam seu apreço uns pelos outros. Na figura abaixo, no canto superior direito vêem-se os *smiles* (carinhas amarelas) representando em porcentagens o quanto o participante é *legal*, os cubos de gelo (em azul) o quanto é *confiável* e os corações (vermelho) o quanto é *sexy*. É atribuída uma porcentagem de acordo com as respostas da rede de amigos. Outra ferramenta são as estrelas amarelas que representam os *fãs* do usuário, no perfil vê-se qual é esse número. Finalmente os *depoimentos* são maneiras de expor textualmente declarações a um *amigo* que também ficarão à mostra no perfil.

The screenshot shows the Orkut profile page for a user named 'Ju Reis'. The page layout includes a top navigation bar with 'Início', 'Perfil', 'Página de recados', 'Amigos', and 'Comunidades'. The user's name 'Ju Reis' is prominently displayed, along with a profile picture and a bio: 'a poesia me desbrava. com águas me alinhavo...'. Below the bio, there are statistics for 'recados' (6), 'fotos' (65), 'fotos comigo' (0), 'vídeos' (6), 'fãs' (94), and various status icons like 'confiável', 'legal', and 'sexy'. A section titled 'meus depoimentos' (my testimonials) contains two entries: one by 'Saulo' and another by 'Vivian'. To the right, there is a 'meus amigos (312)' section with a search bar and a grid of friend avatars, including names like Lid, Adriana, Dan, Tague, Inaê, Sara, Anouk Marie, and taynara. At the bottom right, there is a 'minhas comunidades (100)' section with community icons.

Figura 8: Meu perfil no Orkut

No espaço em que o usuário se identifica com um *nick*, a maioria dos usuários usam seus nomes com sobrenomes ou apelidos, outros optam por frases como “*Solteira sim, sozinha nunca*”. Outra possibilidade é a criação de um *fake*, ou seja, um *perfil* falso. Geralmente os *fakes* usam o nome de algum ator/atriz, cantor/cantora, personagem de desenhos animados para a construção do *perfil*. Outros optam por criar um personagem. Ainda que os *fakes* estejam cada vez mais presentes no *Orkut*, há *comunidades*, por exemplo, que só aceitam a entrada de *fakes*. A maioria dos membros da *comunidade* “Nova Contagem” e mais especificamente aqueles que me mantive ligada na rede, exibem seus perfis “normais”, ou seja, *não fakes* e costumam apropriar o *nick* pela forma que já são conhecidos, com nomes ou apelidos. O que não quer dizer e não impede que esses mesmos sujeitos tenham também *perfis fakes* e participem de tantas outras comunidades de interesse.

2.4 “ESSA VAI PRO ORKUT!”

Habitualmente estava com minha máquina fotográfica no bairro. Numa das primeiras vezes visitando a *lan* e fazendo algumas fotos, fui surpreendida por uma menina que pediu que tirasse uma dela e sua amiga. Logo ajeitaram os cabelos, se abraçaram e fiz o registro. Ali mesmo descarreguei o arquivo e satisfeitas com o resultado riram e disseram “*essa vai pro Orkut!*”.

Alguns meses depois, já tinha criado um laço com Aline, uma jovem de 18 anos muito freqüente na *lan*. Na medida em que algumas relações foram se construindo entre a feira e a *lan*, alguns jovens tornaram *meus amigos* no *Orkut*. Era uma maneira de construir e alimentar minha rede de pesquisa *on-line*. Foi o que aconteceu conosco. Fato semelhante ao relato anterior aconteceu quando ao chegar à *lan* avistei Aline e duas de suas amigas na escadaria. Parei para conversar perguntando se estava muito cheio lá em cima e por isso elas estavam esperando um horário. No entanto, as meninas aguardavam outra amiga que estava por vir. Sentei ali com elas que falavam de uma festa de aniversário de um vizinho, naquele sábado. Logo que sua amiga chegou, Aline me perguntou: “*Tá com sua máquina, Ju?*”. Jéssica ia fazer seu *Orkut*, mas não tinha uma foto digitalizada.

Evidente que como nativa do *Orkut*, eu sabia e compartilhava da necessidade de ter uma foto bacana no *perfil*. Em um espaço onde as pessoas se mostram para uma rede de relações em construção contínua, numa temporalidade ininterrupta é importante manter-se “bem visto”. Ninguém expõe as fotos aleatoriamente, nessa rede há aqueles inclusive que optam por exibir seus corpos sem pudor ou constrangimento.

Voltando ao relato da conversa com as meninas na escadaria da *lan*, pautada na festa de mais tarde, Aline revelava interesse em ficar com um garoto amigo do aniversariante, a possibilidade de “*dar uns beijos*” era orientada pelo fato de “*no Orkut ele não está mais namorando*”. Apesar de existir alguma desconfiança sobre como as pessoas constroem seus perfis no *site*, omitindo ou inventando informações, aquele ambiente é uma espécie de referência para as vivências face a face. Símbolos compartilhados na rede de computadores geram significados minimamente partilhados e, referenciam as atitudes e posturas das pessoas tanto quanto sinais e gestos do encontro físico.

Passei a freqüentar outra *lan*, que conheci alguns meses depois, no próximo capítulo relato como cheguei até lá. Como é uma *lan* bem menor do que a que anterior,

costumava sentar numa cadeira ao lado do *dono*⁵⁸ que sempre ocupava o computador *administrador* das outras quatro máquinas. Numa tarde havia combinado com ele uma conversa. Depois de algum tempo ali, uma menina atravessou correndo o pequeno corredor até chegar onde estávamos. Ofegante, ela pedia pra ver quem tinha virado seu *fã* no *Orkut*, já que o número tinha aumentado e ela precisava identificar a pessoa. Naquela euforia acabei perguntando o porquê e, prontamente ela respondeu que precisava retribuir. Ou seja, era preciso ser *fã* de quem havia tornado *fã* dela. De certa forma, quanto mais *fãs*, mais bem quista e popular é a pessoa, é comum a comparação de quem tem mais *fãs* ou *amigos* na rede.

Receber depoimentos é outro acontecimento considerado muito expressivo entre os usuários do *Orkut*, significando que aquele que declarou tem muito apreço por ele, visto que sua mensagem será exibida para todos que visitarem seu *perfil*.

Algumas comunidades são construídas para evidenciar qualidades dos participantes do *Orkut*, geralmente aferindo beleza ou características de amizade, afeição ou mesmo ridicularizando alguém, como por exemplo: “*Nós amamos a Paty*”, “*O Thiago é mala*”. São muito comuns também aquelas que reúnem alunos de uma mesma turma de escola, grupos de música, dança ou esporte. São inumeráveis possibilidades de recorte para a construção das *comunidades*. Ainda outras que só aprovam membros que são convidados pelos *donos* ou *moderadores* como “*As mais tops do Orkut – Contagem*”, “*As mais belas negras do Orkut (só para convidadas)*”. Na plataforma, podemos (re) configurar o social e aglutinar pessoas aliadas por uma variedade de grupos de *status*, qualidades, preferências, gostos ou por *comunidades* de um indivíduo só. Tal reconfiguração incessante em grupos de preferência nos leva a estabelecer outras formas de sociabilidade.

No interior das mais variadas *comunidades*, tanto os tópicos quanto as enquetes, podem atuar no mesmo sentido, apontando as mais “*gatas*” da escola, as mais “*metidas*”, “*os mais bagunceiros*”. Em uma *comunidade* de uma escola do bairro, os tópicos costumam levantar debates em torno das qualidades dos alunos, em outros há postagens distinguindo os melhores ou piores professores. É manifesto que a comunicação *on-line* atravessa os ambientes físicos, orientando novas conversas e posturas diante da rede, potencializando conflitos ou fazendo com que novos surjam, guiando ou desconstruindo encontros afetivos. Além disso, algumas ferramentas da *net*,

⁵⁸ Um dos jovens que será apresentado no capítulo 3.

como os recados do *Orkut* e *MSN*, viabilizam e complementam as mensagens e ligações no celular. Sendo assim, símbolos oriundos do contexto *on-line* complexificam uma rede de relações que perpassam experiências de co-presença. Um mal entendido na rede *on-line*, como a comunicação textual que dá margens a compreensões dúbias ou a descoberta do *bloqueio*⁵⁹ de alguém da lista de contatos no *MSN*, são exemplos possíveis de detonadores de desentendimentos. Outras vezes, relações de conflito do universo do bairro, elucidadas na rede mundial, ganham visibilidade entre outras pessoas, reafirmam ou reconfiguram relações de proximidade e distância.

2.5 A CONSTRUÇÃO DA PESSOA ON-LINE

A *noção de pessoa*, inicialmente formulada por Marcel Mauss [1938] (1974) é uma categoria construída coletivamente que precisa, por isso, ser apreendida em sua constituição social e cultural, não sendo assim de validade universal.

Diante de um modelo que configura uma maneira de ser visto na internet, como o que aqui foi apresentado pelo *Orkut*, vale alcançar como nesse universo as pessoas compartilham maneiras de ser. Há um conjunto de traços que fabricam os sujeitos nos ambientes da rede mundial de computadores. Interessa, portanto compreender a construção de pessoa permeada pela elaboração de um *perfil* na internet amparada por elementos definidores dos sujeitos. Há uma importância dada à quantidade de amigos, às classificações oferecidas pelo *site*, e outros inventários arquitetados e partilhados entre os usuários.

Alguns códigos próprios do *Orkut* referenciam e operacionalizam um modo de estar no mundo comum àqueles que se vinculam na experiência *on-line*. O *perfil*, que concebe e incorpora o usuário no *Orkut*, é construído através de um procedimento de *personalização* naquele espaço onde, ao expor suas preferências, vídeos, imagens e outros recursos o usuário passa a existir enquanto pessoa no contexto da plataforma *adensando sua presença* (ALMEIDA & EUGÊNIO, 2006). Há uma maximização das pessoas através de ferramentas do *Orkut* que possibilitam uma exposição maximizada

⁵⁹ Bloquear um contato do *MSN* faz com que o usuário não saiba que quem o bloqueou está *on-line* e o impossibilita de começar um diálogo.

de atributos pessoais e banais. No diálogo que se trava na internet é possível dar visibilidade a características triviais das *personalidades* dos usuários da rede.

Essa produção expandida da pessoa é possibilitada pelas ferramentas tecnológicas disponíveis, como se elas transformassem os indivíduos notabilizados por elementos que estão compromissados com a própria personalidade, inscritas no próprio corpo ou nas apreciações subjetivas de cada um: são simpáticos, agradáveis, sorridentes, etc. Em alguma medida, tais características que são bastante triviais não dizem respeito a qualquer qualidade ou arte desenvolvida que as hierarquize (ser músico, cantor, ator, poeta, escritor, cientista etc). O fato de cultivarem essas experiências já chancela e parece suficiente para viabilizar essa existência performática exuberante e maximizada do “eu”. Parece haver uma espécie de espetacularização do senso comum e da vida cotidiana. Alguns jovens pesquisados parecem se apropriar das ferramentas informáticas e da *web* de modo interessante, aprofundando e valorizando suas vivências rotineiras.

O *Orkut* se configura como ambiente onde diferentes sujeitos, a maioria jovens, constroem representações de si mesmos. Composições que combinam a participação em uma variedade de *comunidades* que auxiliam na identificação dos gostos dos usuários e publicizam atributos, vontades, desejos pessoais e minimamente os compartilha ou visibiliza a ou com outros. A noção de pessoa pode assumir a condição de uma construção *on-line* minimamente partilhada, em que há uma unidade socialmente acometida de significação entre distintos grupos sociais.

Nesse sentido, em diferentes condições sócio-econômicas e geo-espaciais, grupos juvenis bastante distintos estão interligados e integrados numa fórmula bastante comum referenciada em elementos da *web*. Os *cosplayers* estudados por Winterstein (2009), amantes de mangás (histórias em quadrinhos) e animes (desenhos animados) que se caracterizam eventualmente como personagens dos desenhos, também têm a internet como ambiente intrínseco no processo de fabricação da pessoa *cosplayer*. Em outras palavras, recursos gráficos, quadros de referência da comunicação *on-line* por *emoticons* e a convivências em *comunidades* relacionadas ao tema são fundamentais na sociabilidade do grupo. Um grupo gótico estudado por Bourdoukan (2007) em São Paulo, também referencia sua rede de relações em locais particulares da *web*, configurando *pedaços virtuais*, metáfora usada pela autora para denominar espaços na rede mundial de computadores com códigos particulares compreendidos e partilhados entre os membros da cena gótica.

2.6 ENTRE A NET E A RUA - SOCIABILIDADE(S) ON E OFF-LINE?

A quadra de basquete que freqüentei no trabalho de campo fica situada na parte *central* de Nova Contagem. Ela está em um espaço de uma Organização Não Governamental que atua a quinze anos na região e fundada por membros da Igreja Batista. A quadra é coberta e com marcações de futsal, basquete e vôlei. Alguns horários já estão reservados para atividades dessa ONG (que atende principalmente crianças) e outras instituições parceiras que desenvolvem atividades como oficinas de esporte, ações do poder público municipal ou estadual. Os moradores também marcam horários disponíveis no espaço, sendo que jovens meninos sujeitos da pesquisa fazem uso regular da quadra para a prática do basquete. No terceiro capítulo, meu encontro com um desses jovens e as relações que ele constrói no bairro e na *web* ganham centralidade.

Aqui, convém destacar como em encontros fortuitos ou combinados na feira e nessa quadra de basquete, pude presenciar recorrentes registros fotográficos ou por vídeo de acontecimentos nesses espaços. As máquinas fotográficas, câmeras, ou celulares equipados com esses recursos são objetos comuns entre eles⁶⁰.

Os que jogam basquete são meninos que têm entre 14 e 26 anos. Nesse grupo, dois deles tinham uma máquina fotográfica que levavam em todos os treinos ou jogos. Nesses momentos, eram filmadas principalmente jogadas ensaiadas, arremessos de três pontos ou enterradas, mas também situações corriqueiras não diretamente relacionadas ao basquete, como conversas ou brincadeiras entre eles.

De forma semelhante, em diferentes oportunidades pude ver jovens registrando algum acontecimento, principalmente das apresentações de grupos musicais ou de dança no espaço da feira. Tais apresentações geralmente aconteciam em cantos fora da maior agitação da feira, ou seja, em algumas das equinas do quarteirão em que ela acontece como em frente à *lan* F5 em que há uma área larga e cimentada em frente a uma papelaria.

⁶⁰Em Belo Horizonte, o Shopping Popular Oiapoque, conhecido como “Shopping Oi” concentra no centro da cidade um comércio variado. Uma espécie de camelódromo que reúne barracas com uma variedade de produtos, roupas que imitam marcas conhecidas, bolsas, mochilas, CD’s, DVD’s, equipamentos de informática. O comércio dos eletro-eletrônicos é muito conhecido e procurado, pois, os produtos são cerca de 40% mais baratos que nas lojas, já que não possuem nota fiscal.

Os encontros na feira e na quadra estão configurados pela presença da câmera digital, elemento constante e fundamental nas sociabilidades face a face e *on-line*. O registro de apresentações ganha visibilidade na internet, principalmente no *Youtube* onde os vídeos são postados e identificados, sendo que em algumas situações são nomeados com palavras chaves como: *Nova Contagem, feirinha de Nova Contagem*.

*Youtube que agora ficou famoso também, uns negocinhos que a gente vê e como é que o trem estoura assim como esse youtube. Não, realmente, youtube era anônimo bem dizer. De um tempo pra cá, acabou, expandiu, tanto que o pessoal do Orkut agora filiou também né, é tudo junto. Tudo que eu filmo eu coloco lá e vejo uma pá de vídeo doido também.*⁶¹

Desse modo, falar da Internet nos encontros face a face é outra prática muito habitual nos espaços por onde circulei. Isso acontece, por exemplo, no momento posterior ao registro da foto ou do vídeo em que quando o dono da máquina não anuncia de antemão a postagem na internet, será lembrado por um amigo que o faça. Ainda, a *net* é lembrada em momentos de confirmar algum combinado acertado pelo *MSN*; ou mesmo comentar algum conteúdo *on-line*, recentemente visualizado pelo grupo.

Nas primeiras idas à feira avistava a possibilidade de olhar estilos e culturas juvenis no bairro, sobretudo da cultura *hip-hop*⁶² ou do *axé*⁶³. Isso porque inicialmente esbarrava com uma variedade de maneiras de vestir, referenciadas principalmente por camisetas de bandas, ou gorros, bonés e camisetas endereçados ao *hip-hop* ou observava trios ou grupos coreografados por passos do *axé*.

Quando já conectada aos ambientes *on-line* que se remetiam à Nova Contagem avistei fotos e vídeos de grupos locais. Depois de alguma apresentação observada em campo, buscar na *web* pelos vídeos, ou recebia os *links* de quem havia postado. Com isso, tinha a possibilidade de encontrar outros vídeos, voltar à campo ou pelo *MSN* perguntar quando tinha acontecido algum registro musical encontrado no *youtube*.

Em vídeos que estão na *web* a feira pode ser identificada como arena de performances juvenis, seja para a dança de Xandy Gomes (de quem falo abaixo) ou performances de bandas de rock. Observar tais performances pela internet provoca

⁶¹ Há cerca de um ano o *Orkut* e *Youtube* são gerenciados pelo *Google*.

⁶² Uma série de trabalhos têm como objeto de investigação os elementos que compõe o *hip-hop*: break (dança), grafite, DJ e rap. Cf Guasco, 2001, Dayrell, 2005, Pereira, 2005).

⁶³ O *axé-bahia* é um gênero musical originário da Bahia que se caracteriza por danças coreografadas e muito popular, principalmente no carnaval e micaretas ou carnavais fora de época.

outras questões que não aquelas quando se está em presença dos sujeitos de pesquisa e vivencia-se o contexto no qual o vídeo foi produzido. A apropriação coletiva daquele espaço avistada nas expressões simbólicas e apresentações de grupos/cantores/dançarinos de rap e axé, evidencia “(...) que a condição juvenil, além de ser socialmente construída, tem também uma configuração espacial.” (PAIS, 1993 apud DAYRELL, 2006).

Um dos vídeos que me foi apontado é de um jovem bastante popular na feira. Já tinha visto ele dançando por lá ao som de músicas de Axé. Mas, foi só depois que soube que ele tinha uma *comunidade* no *Orkut*, quando conversava sobre a feira numa *lan* que soube das interfaces da sua visibilidade local e na rede:

ele então esse negocio dele na feira, ele fica dançando e não sei o que.. aí o pessoal vai brincando com ele, nossa Alexandre você dança igual Alexandre Pires e não sei o que ... Então nisso eles criaram a comunidade pra ele (...)Quer ver a comunidade? “Eu sou fã do Xandy Gomes”. Ele chega aqui e pergunta ‘tem mais alguém fazendo parte?’. Ele olha e me diz ‘você que já fez curso de segurança’, porque eu já fiz curso de segurança, ‘você vai fazer minha segurança porque eu vou fazer show na praça do ABC hoje’.

Nesse contexto, importante pontuar que algumas produções acadêmicas tratam a sociabilidade mediada por computadores e aquelas ocorrida em co-presença usando os pares *on/off-line* ao invés de virtual/real já que,

“(…) o par real/virtual coloca em oposição esses termos, e o que se constata é que as interações ocorridas no universo dito virtual são bastante reais, e muitas vezes se pautam nas ocorridas na sociabilidade *off-line* e vice-versa” (GUIMARÃES JR. 1999 e 2004, THOMSEN et al. 1998 e DORNELLES, 2004 apud PELUCIO, 2005, p. 10).

Por outro lado, usar *on/offline*, para além do sentido de indicar o formato da interação (mediado ou não por computadores), pode acabar contribuindo com uma dicotomização que se mostra bastante diluída nas experiências observadas. Usar tal binário coopera na manutenção da idéia de que há universos inteiramente diferentes, sendo que a sociabilidade face a face (ou *off-line*) que acontece no bairro é muitas vezes permeada pela sociabilidade que designamos como *on-line*. Decompô-las é destinar um olhar para as experiências em cada contexto (*on/off*) de forma muito distinta. Não é preciso estar com o computador ligado para estar *on-line*, exposições subjetivas se dão tanto face a face quanto na *net*. De fato, cada um está sempre ligado a sua rede de

relações e falar sobre internet nos encontros face a face é também assunto que mobiliza muito esses sujeitos.

Se o ciberespaço não é avistado como ambiente disjunto e independente de outros locais em que a sociabilidade já se realiza, os elementos constituintes do ensaio clássico sobre a sociabilidade de Georg Simmel (1983) parecem oportunos na compreensão das interações pela Internet. Como o modelo clássico de interação lúdica pode adquirir sentido no contexto da sociabilidade na *lan house* e na Internet?

Simmel estabelece que na demarcação dos objetos de interesse sociológico devemos buscar os problemas não na *matéria* da vida social, mas em sua *forma*, visto que os variados conteúdos, interesses e expectativas que preenchem as interações humanas, não são sociais; “São fatores de sociação apenas quando transformam o mero agregado de indivíduos isolados em formas específicas de ser com e para um outro – formas que estão agrupadas sob o conceito geral de interação.” (SIMMEL, 1983, p. 166). As formas, no entanto, é que dão o caráter social às interações, logo, é sob elas que identificamos tal natureza social das sociações humanas, se excluirmos os conteúdos religiosos, políticos, econômicos, etc.⁶⁴

A sociabilidade, nos diz Simmel, surge como um estrutura sociológica muito peculiar das outras sociações, em que também é necessária a demarcação de forma e conteúdo:

“Esse processo funciona também na separação do que chamei de conteúdo e forma da vida societária. Aqui, a ‘sociedade’ propriamente dita é o estar com o outro, para um outro, contra um outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberadas de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmos e pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços. É isto precisamente o fenômeno que chamamos sociabilidade.” (SIMMEL, 1983, p. 168)

Os homens penetram na sociabilidade munidos com a “*pura humanidade*” ou o “*impulso da sociabilidade*” já que no contato sociabilístico as qualificações objetivas e subjetivas de cada personalidade estão afastadas. Há, portanto limiares subjetivos e objetivos no contexto da interação que podem, se exagerados, não permitir a sociabilidade como princípio central, mas apenas conexão formalista e superficialmente

⁶⁴ Principalmente nos textos “Requisitos universais e axiomáticos da sociedade” (1973) e “Como as formas sociais se mantêm” (1983) Simmel esclarece a abstração sociológica entre forma e conteúdo da vida social, assim como as bases epistemológicas da existência social e as condições para a socialização.

mediadora. (SIMMEL, 1983, p. 171). O essencial na sociabilidade, definida pelo autor como *forma autônoma ou lúdica de socição*, é a interação por ela mesma.

A *conversa* é componente capital na circunscrição da sociabilidade no ensaio clássico de Simmel. Para o autor na vivência da sociabilidade a conversa é a forma mais pura e elevada de reciprocidade e o único caso em que o propósito existe nela mesma. Os diálogos travados pela Internet, especialmente pelo *MSN*, são uma das ações mais costumeiras entre muitos informantes, foi raro nas observações não ver alguém se comunicando pelas caixas de diálogo desse programa. “*Todo mundo que vem na lan house tem MSN, se não tem vai querer logo fazer um, conversar é o que mais fazem aqui.*” Assim sendo, como compreender semelhanças e distinções entre diálogos nas interações face a face e os travados pela escrita via Internet? O que tanto conversam e com quem conversam?

“*É ficar conversando, conversando de tudo, qualquer coisa é isso mesmo*” assim a prática da conversa *on-line* é definida por um garoto, entendimento análogo ao modelo teórico que concebe o propósito da conversação nela mesma e inferiormente no seu conteúdo, ou seja, a conversa é relação que não pretende ser nada além de relação; e nos termos de Simmel “Para que a conversação satisfaça como mera forma, não se pode permitir que nenhum conteúdo ganhe importância por si mesmo” (SIMMEL, 1983, p. 177) As figurações da sociabilidade através do *MSN* parecem implicar do mesmo modo “*numa conversação puramente sociável, [em que] o assunto é simplesmente o meio indispensável para a viva troca de palavras revelar seus encontros*” (p. 177). Há ainda o próprio prazer da descoberta de um palavreado gráfico, da linguagem virtual, permeada por códigos e imagens.⁶⁵

O dono da *lan house* reconhece essa interconexão entre os encontros, namoros e amizades intermediados pela *web* e as interações face a face no seu estabelecimento. Esse lugar de encontro não é consequência de alguma intenção do dono da *lan*, mas um tipo de figuração das relações entre alguns usuários que habitaram aquele espaço e o tomam como referência na experiência social. Preocupado em manter ali um ambiente minimamente regrado, até mesmo porque ele constata uma vigorosa propensão entre os jovens à sociabilidade, ele aponta uma estratégia de “regulação”:

⁶⁵ Uma minuciosa compreensão da linguagem gráfica, abreviações, caracteres e *emoticons* (desenhos que expressam emoções) utilizados na comunicação pela *net* é feita por Pelúcio (2006) que desenvolve uma metodologia nomeada por ela como “etnografia no ciberespaço”, desenvolvida em seu estudo sobre travestis que se prostituem.

“É... Eu até pus uma câmera ali e vou por outra, porque os jovens vem. E onde tem jovens tem como se diz o negócio... onde tem fogo tem fumaça. Aí eles ficavam na escada. Conhecia lá dentro, depois pegava na escada e começava a ficar lá na escada. Aí eu pensei vou ter que cortar isso, daqui uns dias pode vir uns pais pode vir reclamar, aí eu pus uma câmera na escada. Eles paqueravam e ficavam aqui na escada paquerando. Só que cortou, nessa escada aqui, só que eles continuam naquela escada que não tem câmera, eles são muito inteligente. E agora tem que por um outra câmera naquela escada (...) Não tem como mesmo, acontece mesmo, já aconteceu, até de aluno meu aqui, aluna, não tem como mesmo, paqueram e na hora acaba ficando mesmo”.

São corriqueiros os casos de jovens que “ficaram”⁶⁶ no mundo *off*, após estabelecer contatos *on-line* e combinar encontros “reais”. No horizonte de uma comunicação pela Internet mais “fácil” e “direta” como definiram alguns informantes, abre-se um cenário de experiências novas e complementares tendo em vista uma comunicação e conduta através do “bate-papo” que visa atrair e conquistar. Pela Internet parece operar uma modalidade de aproximação com códigos próprios do teclado, mas que também são acionados em outros espaços de convivência juvenil. Muitos meninos, especialmente, ressaltam a importância de circular, estar em constante movimento na feira, “*andar de cima em baixo pra achar alguém pra beijar*”, ou o importante nas festas é “*pegar muitas meninas*”.

⁶⁶ Para uma reflexão das configurações do afeto evidenciadas pela prática do “ficar” e “zoar” Cf. Almeida, 2006.



Figura 9: Fórum “Jogo do Beijo” na Comunidade “Nova Contagem”

Novos elementos que compõe uma singular abordagem no investimento das relações afetivas, que são também reconhecidos como habituais “*ih, são muitos casos aqui [da experiência do ficar], através de jogo, através de MSN, é o que mais tem aqui, esse mesmo que eu te falei da lan house, nunca vi... Esse aí relaciona com todo mundo, namora com todo mundo, esse aqui então é mestre nisso*”.

Neste processo de comunicação e transmissão de mensagens pela Internet marcados pela sedução e projetados na conquista, as conversas são permeadas por códigos, emoções, símbolos e estratégias. Ademais, orientados pela obra de Marcel Mauss (1974,1979) e pelos dados avistados há a necessidade de uma indispensável compreensão das configurações desses sentimentos juvenis enquanto configurações sociais. Lembrando que no quadro teórico-metodológico de Mauss as emoções e sentimentos são elementos centrais no emaranhado das dimensões sociais, biológicas, psicológicas e da comunicação do humano.

“Só há comunicação humana através de símbolos, de sinais comuns, permanentes, exteriores aos estados mentais individuais que

simplesmente são sucessivos, através de sinais de grupos de estados considerados a seguir como realidade.” (MAUSS, 1974, p. 190)⁶⁷

Nessa conjuntura, sensibilidades e afetividades contemporâneas, marcadas pela efemeridade (ou não), em que os sujeitos recorrem ao uso da tecnologia como forma particular e inovadora na abordagem e agenciamento do outro - “(...) até paquerar mesmo, às vezes ele tá afim de chegar naquela menina assim, ou naquele menino que através da Internet você consegue fazer isso e pessoalmente talvez a timidez não deixa”, é o que narra um jovem. Em outras palavras, compreender o inter jogo entre as ligações corporais quando se está em presença e as estratégias de “chegar” (termo nativo que significa abordar, pedir um beijo) pela textualidade. Sendo assim, os dados etnográficos estão bastante distanciados de uma percepção como a de Stuart Hall que destaca que “*Nossa participação na chamada Internet é sustentada pela promessa de que nos possibilite em breve assumirmos ciberidentidades, substituindo a necessidade de algo tão complicado e fisicamente constrangedor como é a interação social.*” (HALL, 1997, p. 23).

Orientada pelas narrativas enunciadas pelos sujeitos e pelo que presenciei acontecer nestes dois espaços é reconhecível uma dinâmica das relações em que o encontro entre jovens parece marcado pelo estabelecimento de laços, “*e esses laços têm em si mesmos sua razão de ser.*” A *lan house* revelou-se na pesquisa etnográfica como espaço muito oportuno para as socializações. Embora haja uma fluidez, dinamicidade e rotatividade dos usuários e dos usos que fazem da Internet naquele local, a *lan* constitui-se como lugar significativo da construção de uma malha de relações e vínculos juvenis.

Merece consideração o envolvimento *on-line* entre sujeitos que vivem em uma mesma localidade, dado que sugere uma estreita combinação entre as relações *on-line* e as interações face a face, “(...) *no meu orkut mesmo tem muita gente só de Nova Contagem, Vila Esperança, daqui. Final de semana fica todo mundo on line pra conversar.*” Nesse sentido, em reflexão sobre a *sociabilidade urbana*, Frúgoli (2007)

⁶⁷ Sobre relações entre conceitos centrais na obra de Simmel e Mauss, *sociabilidade e reciprocidade*, Heitor Frúgoli (2007) sinaliza semelhanças entre os autores. “*Como, para Simmel, as diferentes formas de sociabilidade remetem, portanto, à noção de ação recíproca, é inevitável contrapor, pontualmente, seus escritos com os de Marcel Mauss (1872 – 1950), autor das reflexões clássicas sobre o conceito de dádiva regidas pelo princípio básico da reciprocidade, através das quais se fundamenta, relacionamente, o social e o próprio humano. (...) De certo modo, para Simmel a dádiva visaria não a separação, e os objetos que lhe servem de intermediários seriam dotados de um caráter acessório (uma espécie de suporte ocasional da intenção do compromisso social), idéias até esse ponto em consonância com Mauss.* (FRÚGOLI, 2007, p.12)

alcança um aspecto interessante no desenvolvimento da teoria da sociabilidade de Simmel, que avigora a probabilidade do estabelecimento de relações entre *iguais*.

“Ainda que em Simmel as formas de sociabilidade constituam uma esfera marcada pela suspensão momentânea de posições sociais, paradoxalmente as mesmas também permitem uma leitura na direção da formação de círculos “intraclassistas”, implícitos na idéia de que tais relações só poderiam efetivamente transcorrer no interior de um estrato ou segmento social, tornando-se insuportável ou dolorosas quando vividas entre membros de classes sociais distintas, já que pressupõem um mínimo de valores (ou ‘capital cultural’ compartilhados. Nesse caso, a qualidade de ser praticada ou jogada ‘entre iguais’ desliza (ou oscila, se quiserem) entre uma construção artificial e uma condição prévia.” (FRÚGOLI, 2007, p. 13)

Há casos em que as interações e os vínculos são mantidos exclusivamente no universo “virtual”, mesmo que os sujeitos (re)conheçam a proximidade geográfica com seus pares da relação *on-line*, não podemos limitar a relação entre *on* e *off-line* exclusivamente pela “sobreposição”. Avistei casos em que a ligação entre jovens é criada e mantida unicamente pela Internet, como expõe um rapaz que se comunica regularmente com uma menina pela *web* “*É, mas eu conheço mesmo só pela Internet e pelo telefone, porque eu já conversei também pelo telefone. Ela é daqui de Nova Contagem e faz faculdade também.*” Este menino imputa um significado especial a esta amizade⁶⁸, por isso essa garota é a única moderadora da *comunidade* por ele criada no *Orkut*. Ele ainda relata sobre as relações estabelecidas pela Internet tendo como mote de referência a residência no mesmo bairro

“Geralmente eu não gosto muito, na Internet, não gosto muito de conversar com os outros porque é, sei lá... eu converso com a pessoa se ela pergunta alguma coisa eu falo, mas pra mim marcar encontro, pra conversar, isso eu nunca gostei disso não. Mas tem, as vezes eu tô andando na rua eu vejo a pessoa aí “oh, você é fulano de tal” aí a pessoa “ah, tá” aí começa a conversar, “eu que tô criando” “o site, nó tá ficando bacana o site”, “ah é você o criador da comunidade, eu não sabia”, né, aí eu na sou muito de conversar com as pessoas, mas qualquer um ali na comunidade, se eu falar com eles vai ter um grande encontro que eu pretendo um dia fazer, todo vão, tem gente até que não mora em Nova Contagem que falou que se eu fizer um

⁶⁸ Cláudia Rezende produz uma “teoria nativa da amizade” em interessante pesquisa com jovens ingleses em Londres, revelando algumas categorias no campo das amizades. “(...) a relação de amizade põe em foco noções culturalmente construídas de pessoa. Estudar discursos e práticas de amizade implica analisar como as pessoas pensam a si próprias e aos outros, negociando espaço pessoal, identidades de gênero e classe, por exemplo.” (REZENDE, 2002, p. 85)

encontro com todos os membros da comunidade eles vem pra poder participar...”

Por um lado passa a existir uma propensão à sociabilidade entre indivíduos que estão próximos territorialmente, moradores de uma determinada área da cidade que, de modo inclusivo, estão inseridos numa mesma comunidade do *Orkut*, discutindo temas, emitindo opiniões, compartilhando vivências do bairro. Essas figurações de comunicação e sociabilidade na *web*, referenciadas pelo bairro apontam um contexto de estreitamento das sociabilidades, ou, ao menos de *reconhecimento* que se opera no espaço territorial comum de vizinhança em função da Internet, seja a partir do discernimento dos indivíduos pelas fotos que exibem no ciberespaço, e outros compartilhados travados na *web*. Nesse sentido, a própria categoria *vizinhança* precisa ser repensada, visto que entre moradores de Nova Contagem, além do reconhecimento que pode se dar “por intermédio de vínculos construídos no dia-a-dia do bairro” (MAGNANI, 1993, p. 50), os usuários podem se reconhecer pela vizinhança *on-line*, construída a partir de relações de proximidade em uma *comunidade* virtual. Alguns membros da *comunidade* no Orkut não residem em Nova Contagem, outros nasceram ou viveram por algum momento no bairro e não mais são moradores, outros ainda tiveram ou têm parentes ali. Assim, há uma sociabilidade *on-line* que também territorializa aqueles não moradores de Nova Contagem e reterritorializa os moradores em territórios da internet.

De forma que não se deve confundir a reterritorialização com o retorno a uma territorialidade primitiva ou mais antiga: ela implica necessariamente um conjunto de artifícios pelos quais um elemento, ele mesmo desterritorializado, serve de territorialidade nova ao outro que também perdeu a sua. Daí todo um sistema de reterritorializações horizontais e complementares (GUATTARI & ROLNIK, 1996, p.41)⁶⁹

⁶⁹ Rogério Haesbaert e Glauco Bruce (2002) em artigo titulado *A Desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari* apresentam noções centrais na obra desses autores, visando, principalmente, o debate sobre a multiplicidade de formas de des-re-territorializações contemporâneas. “*Deleuze e Guattari afirmam que a desterritorialização relativa diz respeito ao próprio socius. Isto significa dizer que a vida é um constante movimento de desterritorialização e reterritorialização, ou seja, estamos sempre passando de um território para outro, abandonando territórios, fundando novos. O cotidiano, a dinâmica mais comum é passarmos de um território para outro. É uma des-reterritorialização cotidiana, onde se abandona, mas não se destrói o território abandonado.*”(2002, p. 12)

Ao mesmo tempo, para alguns o ambiente *on-line* amplia a rede de relações para além do bairro, talvez não intensificando as relações de vizinhança e amizade advindas do bairro de moradia, mas alongando laços que os afasta do bairro.

“Tem até um menino que ele trocava muita idéia com um outro que estava até jogando aqui agora. Ai ele conheceu ele né, pessoalmente, foram no shopping, conheceram, beleza, e aí gostaram. Aí ele acabou conhecendo a irmã dele. Aí acabou levando um lancezinho, nem chegou a namorar, mas foi um lancezinho com a irmã dele, saiu daqui. Foi morar uns dias na casa da irmã dele, morar não, passar uns dias...”

Por fim e como já dito, em poucos casos há o predomínio de certa autonomia ou exclusividade nas comunicações e sociabilidade pela Internet, o que mais avistei foi um embaralhamento das vivências *on* e *off-line*. Em um recurso do *MSN*, designado *compartilhar uma mensagem pessoal com seus contatos* alguns informantes que estão na minha lista costumavam deixar frases do tipo *“Estou na feira”*, *“Quem anima festa da praça do coreto?”* Os conteúdos das conversas *on-line* não se figuram como vazios ou falsos, parecem simular, reproduzir, ou melhor dizendo, alimentam-se da “realidade”; são reelaborações do contorno da sociabilidade “real”, na medida que estão quase sempre identificados por experiências na vida dos espaços “socializadores” daquele bairro como a escola, a própria feira, as festas, e mesmo a *lan house*. Entretanto, a feira e os encontros nas ruas locais são eventos marcados pela temporalidade e espacialidade pontuais, a vivência no universo *on* pode ocorrer a qualquer hora, espaços como a feira, a *lan* e a quadra podem ser recriados seja pelos vídeos, fotos e conversas sobre os ambientes. No bairro, a Internet favorece e auxilia os laços de sociabilidade entre muitos jovens, ela é mais uma via que propicia e antes ainda, facilita o encontro, ou na expressão de Simmel a *“liberdade de se prender”*.

Pode-se pensar que há uma contribuição da interpretação de Simmel sobre as cidades modernas, para interpretação do universo da Internet. Por um lado é comumente caracterizado e interpretado por vertentes do pensamento comum, da mídia e da academia como possibilidade da exacerbação do indivíduo e do anonimato, mas, pode também ser alcançado como espaço em que se permeiam inúmeras configurações de relações entre pares, relações de encontro e sociabilidade. As falas de Elias & Dunning (1992) e de um funcionário da *lan house* complementam essa inferência.

“Cada ser humano, na sua constituição global, é orientado no sentido dos outros – para a estimulação emocional entre seres humanos vivos -, e a estimulação agradável deste gênero, a estimulação que se recebe por estar reunido com outros, quer seja de fato que por meio da sua própria imaginação (...)”. (ELIAS, DUNNING, 1992, p. 158)

“Pode passar 50 anos, o mundo evoluir que as pessoas vão querer se encontrar, seja na sua casa, aí eu não sei como vão ser as relações humanas daqui há 50 anos ou seja pessoalmente, mas as pessoas vão querer se comunicar porque o talento do humano é a comunicação, a capacidade de se entender. Então aonde que chega essa reflexão, que a Internet então aproveitou dessa necessidade”

No universo *on-line* o espaço da feira e os encontros que ali se estabelecem tornam-se ainda mais manifestos, visto que reconheci práticas que já vivenciava em presença no bairro no ciberespaço. Por um lado, comunicações e sociabilidades juvenis na internet estão compromissadas com Nova Contagem, seja para falar da região ou acertar encontros que se darão em lugares dali. Por outro, os enlaces constituídos na rede de computadores (como por exemplo, conhecer *on-line* um *amigo* do *amigo* para depois encontrá-lo face a face, visualizar quem está *namorando* na rede, se contrapor a certas postagens) também provoca e orienta mudanças nas relações que se concretizam no bairro.

As *comunidades* aglutinam e unem pontos locais, (re)aproximam participantes que possuem relações mais *chegadas* (como dizem muitos meninos quando se referem aos seus amigos, os *chegados*). Assim formam-se redes ainda mais locais em uma dimensão *off-line* e unidas por um sentimento de pertencimento dos membros que ali se ligam seja pelo bairro, pela escola, por um grupo que assumem visibilidade em um nível global. Por isso, *“mesmo uma rede ampla continua a ser local em todos os pontos”* (LATOURET, 1994, p. 114)

3.

ENTRE (PONTOS) E (NÓS) DAS REDES: JOVENS, RELAÇÕES DE VIZINHANÇA, AMIZADE E TRABALHO

*Acessando a internet
Você chega ao coração
da humanidade inteira
Sem tirar os pés do chão
(Zeca Baleiro)*

Diante do que foi descrito e compreendido nos capítulos anteriores percebe-se que as condições e sociabilidades nos diferentes espaços de Nova Contagem bem como as narrativas juvenis, caracterizam-se por algumas semelhanças e também pela variedade. Há diferentes graus da dimensão da Internet na vida das pessoas que encontrei. Algumas situações observadas podem explicitar diferenças entre jovens vizinhos e suas vivências de sociabilidade no bairro, na cidade, nas *lans*, na *web*.

Neste momento pretendo adensar a reflexão sobre as diferentes configurações de sociabilidade descritas no capítulo anterior. Entretanto, o ponto de partida para a reflexão são três rapazes com os quais estabeleci relações de pesquisa mais próximas e permanentes. Nesse sentido, tendo como recurso o uso da dimensão biográfica, as narrativas de vida de Hilário, Son e Zé acabam por revelar sentidos para as suas relações de trabalho, lazer, amizade situadas no bairro, na web e em outros ambientes em que eles constroem suas vivências.

Acredito que as distintas maneiras pelas quais encontrei e construí conexões com esses sujeitos acabam por indicar gostos e habilidades pessoais, tramas de afinidade que estabeleceram comigo e outras pessoas. Em outras palavras, além das falas dos sujeitos que são fundamentais para análise, a própria forma como me mantive ligada a eles evidencia alguns sinais ou identidade(s) no desenho dos laços que estabelecem com outros sujeitos e que procurei destacar.

3.1 A INTERNET COMO CAMPO DE POSSIBILIDADE NAS TRAJETÓRIAS E PROJETOS - "QUEM MEXE COM A INTERNET FICA RICO SEM SAIR DE CASA"⁷⁰

Meu primeiro contato com Hilário não aconteceu em Nova Contagem, nossa primeira conversa foi *on-line*. Numa das primeiras incursões em campo, em agosto de 2006, depois de ter presenciado aquela grande movimentação de jovens na *lan house*, resolvi pesquisar a existência de algum site sobre o bairro. Nessa busca, através do *Google*⁷¹, descobri o www.novacontagem.com, página ainda em construção e quase sem conteúdo. No site havia o contato do *webdesigner*. Prontamente pensei em adicioná-lo à minha lista do *MSN* já que o e-mail disponível era do *hotmail*⁷².

Num primeiro momento ponderei se a iniciativa de uma primeira aproximação *on-line*, com um provável informante, poderia ser precipitada. Talvez causasse desconfiança e receio receber uma mensagem instantânea de uma desconhecida se identificando como pesquisadora ou interessada no bairro. Porém, na expectativa de estabelecer contato com o criador do *site* e considerando que seu endereço estava disponível, apostei nessa estratégia de um primeiro encontro de pesquisa⁷³.

Assim que o adicionei percebi que Hilário estava *on-line*. Ele recebeu e aceitou imediatamente meu convite para estar na sua lista e pôde também me ver conectada. Seu *nick*⁷⁴ - "*Hilario www.novacontagem.com*" - já revelava a ligação com o site. Logo me apresentei já explicando o motivo pelo qual havia adicionado e como consegui seu endereço. Foi nessa primeira conversa, quando contei a ele que comecei buscando pelas

⁷⁰ "Quem mexe com a internet fica rico sem sair de casa. Quem tem computador não precisa de mais nada" - Trecho da música "Estudar pra quê?" interpretada pelo grupo Pato Fu.

⁷¹ Além do site de busca - www.google.com.br -, provavelmente o mais popular no mundo, o Google é uma empresa que oferece serviços *on-line*. Dentre eles os mais conhecidos são o *Youtube*, *Orkut*, *G-mail*, *Blogger* e o *Google Maps*.

⁷² As contas do correio eletrônico *Hotmail* (www.hotmail.com) são integradas ao *MSN* e geralmente seus usuários usam o programa.

⁷³ Uma série de trabalhos aponta os alcances e limites da pesquisa na Internet e das relações pesquisador/pesquisados. Cf. Pelúcio (2006), Lemos (2001), Dornelles (2004). "Como em qualquer trabalho de campo é preciso se construir laços de confiança com os membros da comunidade que se deseja pesquisar, assumindo de forma clara o que se deseja compreender. No entanto, há inúmeras questões que podem inviabilizar esta aproximação virtual, a linguagem é uma delas." (PELÚCIO, 2006)

⁷⁴ *Nick* ou nome de exibição que tem ainda uma mensagem pessoal visível aos contatos da lista.

comunidades no orkut, que pude confirmar que era ele também o “dono”⁷⁵ da maior comunidade sobre Nova Contagem no site de relacionamentos.

Ju - diz: oi, te adicionei através do site nova contagem, ok?!

- Hilario www.novacontagem.com diz: ok www.novacontagem.com vai entrar no ar em menos de 30 minutos

- Hilario www.novacontagem.com diz: onde vc mora?

Ju - diz: meu nome é Juliana, e tô fazendo uma pesquisa sobre ncontagem, principalmente sobre os jovens e seus lazeres, sabe...

Ju - diz: eu moro em BH... trabalhei em 2005 em ncontagem, no fica vivo

- Hilario www.novacontagem.com diz: estou montando o site do nosso site

- Hilario www.novacontagem.com diz: por enquanto não tem nada no site

- Hilario www.novacontagem.com diz:mas

- Hilario www.novacontagem.com diz: pretendo mostra nova contagem como ela é

Ju - diz: pois é, eu vi... por isso tô muito interessada em trocar uma idéia...

- Hilario www.novacontagem.com diz: digo, como ele é

- Hilario www.novacontagem.com diz: so um minuto ja volto

Ju - diz: sim!

- Hilario www.novacontagem.com diz: Eu sou agente de saude e tecnico de informatica trabalho na comunidade. fiz um site pros irmaos mauricios tambem www.ioapes.pop.com.br mas agora partir pra criar um site nao meu mas de todos de nova contagem e preciso muito de informações daqui pra poder ter sucesso

Ju - diz: claro... é uma ótima idéia... se eu puder contribuir de alguma forma

Ju - diz: essa minha pesquisa é de mestrado, e meu interesse é principalmente com a juventude de ncontagem, seus divertimentos e lazeres, e tenho acompanhado uma galera q joga basquete, uns meninos do rap...

- Hilario www.novacontagem.com diz: muito bom

- Hilario www.novacontagem.com diz: sabe

- Hilario www.novacontagem.com diz: o site é pra mostrar tudo q tem aqui de bom para que as pessoas de outros lugares possam ver q nova contagem e excelente pra se trabalhar

Ju - diz: legal mesmo!

Ju - diz: eu tô impressionada com a quantidade de comunidades no orkut de ncontagem, foi uma surpresa pra mim! e seu site é + uma...

- Hilario www.novacontagem.com diz: se vc tiver algo e quiser enviar por email ficaria agradecido tipo fotos depoimentos reportagens etc ate divulgação de eventos faço no site tudo gratuitamente

- Hilario www.novacontagem.com diz: eu quem creie a comunidae oficial do bairro

- Hilario www.novacontagem.com diz: tem mais de 400 pessoas la

Ju - diz:olha q legal! eu tô na comunidade tb

- Hilario www.novacontagem.com diz: e eu nao convidei ninguem pra entrar todos entraram sozinhos

Ju - diz:então, eu tenho tirado algumas fotos aí, mas não estão nesse computador, posso te enviar depois

- Hilario www.novacontagem.com diz: sim email - contato@novacontagem.com

A partir dessa conversa inicial era muito comum encontrar Hilário *on-line*, quase sempre quando me conectava ao *MSN* ele estava conectado. Ele sempre se mostrou disponível e a vontade para as conversas *on-line* e desde o começo era notável sua

⁷⁵ Como apontado anteriormente, *dono* é a categoria do próprio *Orkut* que define o criador da comunidade. É o responsável pela coordenação do espaço, tem autoridade para apagar tópicos de discussão, privar o conteúdo da comunidade para não membros, dentre outras funções de moderação.

intensa relação com a informática, plataformas da *web*, habilidades com ferramentas de construção de sites e programação de computadores. Mesmo me apresentado prontamente como “pesquisadora”, optei por não ser tão formal nas conversas, preferindo usar abreviações, “rs”(risos) e eventualmente *emoticons*⁷⁶, ou seja, busquei escrever da maneira como normalmente converso com meus amigos.

Por aproximadamente um mês nossas conversas se deram pelo *MSN* mesmo que no mesmo período eu permanecesse com incursões pelo bairro. Geralmente falávamos sobre questões do bairro e mesmo como tínhamos passado o dia. Em outros momentos trocamos fotos de Nova Contagem, já que quando contei que registrava algumas situações, Hilário teve interesse em colocá-las no *site*.

Na maioria das vezes, no trabalho de campo eu circulava entre as duas *lans house* e a quadra de basquete da Casa de Apoio, equipamentos que ficam na parte mais *central* de Nova Contagem. Hilário mora na parte alta do bairro, na Vila Esperança e costumava freqüentar esses locais aos finais de semana. Como anunciado no Capítulo 1, a Vila Esperança está cerca de 2 km do *centro* de Nova Contagem, de onde é possível avistar a vila que está topograficamente numa região mais elevada.⁷⁷

Foi curioso perceber que na medida em que ia estabelecendo vínculos e conversando com outros moradores do bairro, a exemplo de um senhor, funcionário da sub-prefeitura⁷⁸, costumava ouvir o nome de Hilário. Sua rede parecia bem ampla, seja pelo fato dele vender computadores e fazer serviços de manutenção, assim como por ser grande incentivador do uso de um discador de Internet que paga ao usuário pelas horas conectadas. Fiquei surpresa nas três vezes em que quando perguntava sobre uso de computadores e Internet, as pessoas citavam Hilário como o jovem que vendeu computadores, disponibilizou ou incentivou o uso do *Orolix*⁷⁹.

Numa tarde de quarta-feira combinei de encontrá-lo em sua casa, na Vila Esperança. Era a primeira vez que íamos nos encontrar pessoalmente.

⁷⁶ Desenhos que expressam emoções, como :) –feliz, sorrindo ;) – piscando - : P – fazendo careta, mostrando a língua.

⁷⁷ Os locais nomeados como “vilas” dentro de Nova Contagem, sendo elas Esperança e Renascer, são regiões menos valorizadas na região. Destacam-se por serem áreas onde a maioria das ruas ou becos não são pavimentados.

⁷⁸ A sub-prefeitura de Contagem – Regional Várzea das Flores - é um equipamento público que reúne alguns serviços locais para os moradores de Nova Contagem: atendimento do Conselho Tutelar, pedido de caçambas para entulho, matrícula nas escolas municipais, etc.

⁷⁹ Orolix é provedor/discador de acesso gratuito à internet que remunera os usuários pelo tempo de conexão. De acordo com o tempo da conta, os usuários são classificados em categorias: bronze, prata, ouro e diamante. Em cada uma delas, a hora conectada equivale a R\$0,12, R\$0,22, R\$0,27, R\$0,32 a hora, respectivamente. A frente outros dados sobre o uso do *Orolix* serão apresentados.

Ju - diz: vc anima da gente trocar uma idéia essa semana?
 -- Hilario diz: até q horas vc trabalha
 Ju - diz: eu tô por conta da pesquisa... meu trabalho tem sido esse! rs
 Ju - diz: então é só vc marcar...
 -- Hilario diz: rs e que trabalho no posto de saúde ate as 16 horas de segunda a sexta
 Ju - diz: por mim não tem problema ser depois disso...
 -- Hilario diz: se pudesse um dia destes ai da semana la pras 16 e 30
 -- Hilario diz: ai da tempo de mim chegar até ai
 -- Hilario diz: tipo casa de apoio etc
 -- Hilario diz: onde vc fica
 Ju - diz: eu fico "rodando"...
 Ju - diz: deixa eu pensar...
 Ju - diz: é pq assim... eu vou na casa de apoio pra encontrar os meninos do basquete
 Ju - diz: não sou funcionária lá...
 Ju - diz: a gente tinha q pensar num lugar q eu pudesse gravar nossa conversa
 Ju - diz: claro, se vc não se incomodar! rs
 -- Hilario diz: incomodo nenhum
 -- Hilario diz: deixa eu ver
 -- Hilario diz: vc pode vim no vila esperança fica perto da avenida principal perto de onde o onibus passa
 -- Hilario diz: 3 ponto de ônibus, perto de uma oficina de motos
 Ju - diz: sei onde...

Mesmo sem ainda ter vivenciado a experiência cada vez mais comum e tão noticiada pela mídia, de conhecer pessoas pela internet e posteriormente marcar um encontro, e ainda que a situação pudesse parecer embaraçosa, a conversa na casa de Hilário foi muito confortável. Logo que cheguei a sua rua, um beco sem calçamento e de difícil acesso à pé, como havíamos combinado, liguei em seu celular dizendo que já estava por perto. Fui recebida por ele e por sua mãe que assistia TV na sala, e foi ali onde começamos a conversar.

Optei por não elaborar um roteiro de entrevistas. Levando em conta nossas conversas *on-line*, tinha interesse em ouvir mais e melhor sobre vários casos sobre sua relação com a internet e sua percepção de Nova Contagem, que Hilário já me apontava, dessa forma nosso diálogo foi conduzido.

Era explícita a relação que o jovem de 24 anos estabelecia entre as plataformas e recursos da *web* com o bairro. Com certo orgulho, já pelo MSN ele contava sobre a criação da *comunidade* do *Orkut* sobre Nova Contagem e foi por aí que nossa conversa começou.

Eu comecei a comunidade foi em julho do ano passado. Quando eu entrei no orkut não tinha nenhuma comunidade de Nova Contagem.

Eu pesquisei, eu recebi um convite e fiquei empolgado aquela coisa de pesquisar tudo. Aí eu aprendi a criar comunidade, criei a Nova Contagem, e meu objetivo quando eu comecei, era, sei lá, colocar só as pessoas conhecidas aqui por perto mesmo, do Vila Esperança. Eu convidei o Ricardo, meus primos e ficaram umas seis pessoas nela.

Com o tempo o *Orkut* foi se tornando cada vez mais popular. Fato que pode ser notado, por exemplo, pelo crescimento dos membros da *comunidade* do bairro. Depois de um tempo, outras comunidades surgiram, também com referências ao local, mas Hilário se orgulha da sua ter se mantido com um alto número de pessoas, enquanto as outras “*só queriam fazer concorrência*”

Hilário mora desde os sete anos de idade na Vila Esperança, quando seus pais e mais três irmãos foram para a região sem quase nenhuma infra-estrutura. Sua família foi para o bairro há mais de 17 anos, ele e sua mãe contam das dificuldades que encontraram na chegada ao bairro: “*Aqui quando a gente mudou pra aqui não tinha casa, era mato mesmo, não tinha casa, nada. A gente começou com barraco de lona, depois fez dois cômodos, depois foi aumentando até chegar as outras casas aí. Mas foi logo no início mesmo, na época da invasão*”.

A família estima muito a escolarização dos filhos, tanto que nessa primeira conversa, ele e sua mãe me contam sobre sua trajetória escolar enfatizando o fato do jovem ter estudado “*numa escola considerada das melhores de Contagem*”, localizada no bairro Eldorado (região comercial e bastante valorizada da cidade onde estão dois shoppings center). Entretanto, Hilário apontava a condição necessária que todos os filhos estudassem e trabalhassem. Durante o ensino médio, ele trabalhava como telemarketing. Em 2001, cursava o 3º ano do Ensino Médio quando foi reprovado, no mesmo período foi demitido da empresa em que trabalhava. Ao procurar por um novo trabalho, ele diz que perdeu várias chances de emprego por não ter concluído o Ensino Médio. No ano seguinte, conta que optou por cursar o Técnico em Informática na FUNEC – Fundação de Ensino de Contagem, na modalidade Ensino de Jovens e Adultos, em regime de suplência. Nesse tempo, adquiriu seu primeiro computador, uma máquina usada da sua tia:

Eu não sabia... Eu sabia os cursos básicos, mas ligar os trem lá atrás eu não sabia, mexer, instalar nada. Aí o primeiro dia eu deletei a pasta do Windows do computador, aí não ligou mais, aí consertou. Mas eu comecei com o Pentium 100, fiquei aí praticamente 1 ano conectando. Depois eu comprei um celeron, um melhorzinho novo né, e tô usando ele até hoje, já tô pensando em comprar mais.

A partir de 2002, ele inicia uma aproximação escolarizada com a informática, que durou um ano e meio. Em 2003, assumiu a função de agente de saúde. Quando se deu nossa primeira conversa em sua casa, Hilário já apontava a vontade de poder dedicar-se exclusiva e profissionalmente aos computadores. Seu pai é porteiro de um condomínio em Belo Horizonte e sua mãe trabalha também como agente de saúde do mesmo posto. Hilário já havia contado pelo *MSN* que trabalhava no posto de saúde da Vila Esperança como agente de saúde. Nessa função, ele tinha como tarefa percorrer várias casas na região, atestando a saúde dos moradores para marcar consultas no posto ou a visita de um médico às casas. A configuração do seu trabalho contribuía ainda mais com sua popularidade mais especificamente naquela vila, mas também em outras áreas de Nova Contagem.

Depois de cerca de um ano usando a Internet esporadicamente, ele conta que soube de alguns provedores que pagavam ou davam prêmios aos usuários que usassem seus discadores. *“Eu pesquisava no Google, ‘como ganhar dinheiro na Internet’, era minha forma de pesquisa.... Aí eu descobri esse[o orolix], aí eu falei ‘a, será que isso paga mesmo?’”, fiquei duvidando, aí eu falei ‘vou fazer um teste’. Testei e depois de 30 dias deu 70 reais, aí eu ganhei...*

Em 2005, a *Orolix*, remunerava em R\$ 0,24 a hora conectada durante horários normais e R\$ 0,12 em horários reduzidos (após as 21h e aos finais de semana). Naquela época, na avaliação de Hilário não compensava o esforço. Todavia, ele me conta que em 2006, a Telemar lançou um pacote que reunia serviço de telefonia fixa e móvel, com tempo ilimitado de ligações locais:

Quando foi em fevereiro do ano passado, lançaram o “Oi conta total” da Telemar. Com o lançamento do “Oi conta total” eu vi lá que você pagava 149 reais por mês, podia ficar a vontade na internet, fazer ligação a vontade, falar 100 minutos no celular, tudo por 149 reais (...). Peguei a calculadora fui fazer as contas e falei “espera aí!”. A Orolix passou a pagar 48 centavos, eu fui fazer as contas e esse trem tá dando é 300 e tantos reais, ué, se eu ficar o mês todo. Se eu fosse ficar o mês todo, com discador conectado, ficar sem desconectar eu ia ganhar 300 e poucos reais por mês... Pagava a Telemar e sobrava pra mim uns 150 ou mais.

A partir desse momento, Hilário passa a investir mais fortemente no projeto de receber dinheiro por estar conectado à internet. Para tanto, incrementou suas estratégias

para potencializar os ganhos. Quando tivemos a última conversa a respeito desse provedor ele tinha duas linhas telefônicas em casa, sendo uma paga por ele e outra por sua mãe. Próximo à sua casa, nos fundos de uma oficina de motos, em parceria com um amigo vizinho da Vila Esperança, tinham juntos mais quatro linhas no plano “Oi Conta Total”. Nesse espaço, a primeira vista vê-se uma espécie de ferro-velho, uma área com peças de carros e motos, mas ao fundo, em uma salinha, os meninos montaram um local para manter os computadores conectados ao provedor e também ofereciam outros serviços de venda e manutenção de computadores.

Os meninos apontam outras formas de obter ganhos com a informática. É Hilário quem me diz: *depois que o governo lançou esse negócio de computador “PC pra Todos”⁸⁰, você vê muita gente comprando computador*. Esses computadores vêm instalados com o *Linux*, um sistema operacional livre, mas menos usual. Em regra, os jovens instalam o *Windows* nesses computadores acabam por disponibilizar o discador da Orolix já que o usuário que indica um novo integrante à Orolix recebe 20% de acréscimo nos rendimentos. A mesma estratégia é usada quando fazem consertos nas máquinas.

Os planos profissionais de Hilário são totalmente voltados para projetos que envolvem Internet. Na região em que mora, na Vila Esperança, não existe até então alguma *lan house*. A expectativa do jovem é que a *Oi/Telemar*, empresa responsável pela telefonia na região, ofereça o serviço de banda larga, o que garantiria uma melhor distribuição de conexão entre vários computadores.

Retomando as questões relacionadas aos laços de sociabilidade que Hilário estabelece em espaços da *web* e do bairro é notável como tais experiências estão imbricadas e se retroalimentam. A motivação inicial de criar a *comunidade* sobre o bairro era reunir seus conhecidos. O crescente número de participantes possibilitou que ele ampliasse uma rede de relações no próprio bairro. A partir da visibilidade como *dono* da *comunidade* e designer do site sobre Nova Contagem, sem estabelecer relações presenciais com o “*Comando Nova Contagem*” - grupo de torcedores do Cruzeiro -, Hilário mantém vínculos com alguns dos membros interessados em projetar uma página da referida facção torcedora.

⁸⁰ ‘PC para todos’ é como é popularmente conhecido o projeto do Governo Federal ‘Cidadão Conectado - Computador para Todos’ que faz parte do Programa Brasileiro de Inclusão Digital, iniciado em 2003. Os computadores são financiados e devem ser comercializado pelo preço máximo de R\$1.400,00. É destinado, em princípio, a pessoas que tenham renda de três a sete salários mínimos Cf. <http://www.computadorparatodos.gov.br/>

A partir de relações estabelecidas no contexto do bairro seja pelo trabalho como agente de saúde ou técnico em informática, Hilário alarga uma trama de comunicação pela web. De maneira análoga, a partir da internet ele inicia laços que se estendem para o bairro, quando é eventualmente reconhecido e abordado na rua “*ah é você o Hilário! você o criador da comunidade, né?!*” ou quando andando pelo bairro identifica algum participante da *comunidade*. A *comunidade* e o *site* sobre Nova Contagem são uma maneira de criar uma imagem de si, visto que ele continuamente revela a importância de criador desses espaços virtuais sobre o bairro.

A idéia de “campo de possibilidades” desenvolvida por Gilberto Velho (1994) é uma espécie de mediador da dimensão biográfica nas sociedades contemporâneas, por isso, auxilia na compreensão dos projetos de vida elaborados por Hilário. A partir de uma perspectiva biográfica, apresentar um jovem que tem domínio dos recursos da rede mundial de computadores e da informática, ajuda-nos acessar a trajetória por onde tem se movido. Nessa perspectiva, inspirado por Schutz, Gilberto Velho lembra que as condutas individuais devem ser observadas e relacionadas com os multipertencimentos dos sujeitos. (VELHO, 2006, p. 195)

“(…) o projeto não é um fenômeno puramente interno, subjetivo. Formula-se e elaborado dentro de um campo de possibilidades, circunscrito histórica e culturalmente, tanto em termos da própria noção de indivíduo como dos temas, prioridades e paradigmas culturais existentes.” (VELHO, 1981, p.16)⁸¹

3.2 UMA REDE AMPLA: ENTRE BASQUETE, TRABALHO E IGREJA

Como já registrado no começo do trabalho de campo, uma estratégia da entrada no bairro, na busca de aproximação com jovens que poderiam me sinalizar, para além da feira, espaços de sociabilidade do bairro, foi participar dos treinos e jogos de basquete com alguns meninos que se encontravam duas vezes por semana numa quadra pertencente a uma ONG que atua em Nova Contagem.

⁸¹ O sociólogo português José Machado Pais, numa perspectiva muito semelhante à de Gilberto Velho, também inspirado em Schutz desenvolve na obra “Ganchos. Tachos e biscates” reflexões sobre os *mundos de vida* de jovens portugueses. “*O objeto de estudo deste livro consiste na descoberta dos “mundos de vida” de jovens que procuram modos vários de inserção profissional ou formas inventivas de ganhar dinheiro.(…) Mundos de vida tomados, pois, como horizontes de vivências espontâneas, simbólicas e significativas.*” (p. 15)

Adotei uma maneira diferente de me aproximar desse grupo, mesmo que três deles já me conhecessem em função do trabalho como técnica do Programa Fica Vivo!, não me apresentei inicialmente como pesquisadora⁸². Em 2005, como técnica do Programa acompanhava as diversas oficinas que acontecem em Nova Contagem. Como tenho uma trajetória de prática de basquete, naquela época já participava de alguns treinos nesta oficina. Além disso, com o andamento da pesquisa e ao estabelecer relações com esses meninos, pude vivenciar outros encontros para jogos que não estavam vinculados aos horários da oficina do Fica Vivo!.

O fato de compartilhar com eles o gosto pelo basquete, fez com que estabelecêssemos rapidamente uma relação de troca nas conversas sobre times e jogadores da *NBA*, possíveis jogadas, marcações e posicionamentos em nossos jogos. O inverso aconteceu, eram geralmente eles que me perguntavam sobre minha trajetória no esporte, onde treinei, com quais times já joguei. Se num primeiro momento eles vinham curiosos saber da minha relação com o basquete, a partir de um tempo as relações dentro e fora da quadra eram muito naturais.

Esta convivência me proporcionou ir de encontro a Son, jovem de 22 anos que poucos conhecem como Emerson. Já concluiu o Ensino Médio e trabalha como auxiliar administrativo numa empresa de transporte público coletivo. Ele se destacava entre os demais, não só pela elevada estatura, contribuir na organização dos treinos e na divisão dos times ou por ser um dos melhores jogadores do grupo, mas, sobretudo pela sua simpatia e um estilo de *zoador* com o restante dos meninos.

Neste convívio, pude notar a paixão que Son tinha pelo basquete. Chegava sempre muito animado aos treinos, usava bermudas e camisetas de times norte-americanos e tênis apropriado para a modalidade. Foi muito comum ouvir nos grupinhos de meninos os comentários sobre jogadas da *NBA* assistidas pelo *Youtube* e aquelas filmadas por eles no contexto dos jogos. Son era aquele que conversava com todos, indicava vídeos e sites, inventava apelidos e caçoava de situações, mas também muito respeitado e popular naquele grupo e entre outros do bairro. No período da pesquisa convidei Son e Moicano (outro jovem do grupo) para assistirmos um jogo do campeonato brasileiro de basquete que aconteceu na “Arena Telemig Celular” ginásio

⁸² O programa Fica Vivo! – Programas de Controle de Homicídios – é uma política da Secretaria Estadual de Defesa Social a partir da Superintendência de Prevenção à Criminalidade. Em Nova Contagem, o programa foi implantado em 2005. A proposta consiste em atender jovens entre 12 e 24 anos, em regiões que foram mapeadas por apresentarem um significativo índice de letalidade juvenil. A principal forma de atendimento dos jovens se configura na participação de oficinas de diversas linguagens artísticas e modalidades esportivas.

do time “Minas Tênis” localizada na Zona Sul de Belo Horizonte. Son, que circula bastante pela Região Metropolitana de Belo Horizonte já conhecia o bairro do ginásio que está em uma região “valorizada” de Belo Horizonte, diferente de Moicano que admirava o bairro de Lourdes.

Son mora em Nova Contagem há 18 anos. Sua família mudou-se para lá quando ele tinha quatro anos de idade, entretanto, freqüentava o bairro desde que nasceu, pois tinha parentes na região. Son fala com muita afeição sobre Nova Contagem, dos amigos que possui desde a infância, da saudade dos tempos de “moleque” na região. Se reconhece como um cara popular em Nova Contagem *“Eu era o cara mais popular do colégio, e doido”*

Mora com sua mãe, duas irmãs e um irmão. Seu pai foi assassinado há quatro anos em Nova Contagem. Mas, já havia saído de casa para morar com outra mulher também no bairro, no período de sua adolescência. Sobre ele, o jovem faz relatos apaixonados e de muita identificação, apesar das suas *tretas*. *“Meu pai podia estar matando alguém que eu dizia benza pai...”* Além disso, o jovem identifica alguns valores como a importância e dedicação ao trabalho, desde muito cedo, e a sua popularidade herdadas do seu pai.

Eu sempre trampei, desde que eu era moleque no tropical... meu pai sempre mostrou o valor do trabalho. Todo mundo ficava louco com férias de colégio, eu não, eu sempre gostei de vender picolé e chup-chup.

Da mesma forma, Son relata com recorrência a questão de ter sido usuário de drogas (cocaína, maconha e álcool), e esses também são fatos que o jovem remete ao pai, como alguém que o iniciou no consumo de álcool. *“Eu lá em casa fui o único que fumei 4 anos, bebi... eu era muito parecido com meu pai”*. Entretanto, aponta como período problemático da sua vida os nove anos em que foi dependente de drogas.

A conversão à igreja protestante Peniel⁸³ é outro momento marcante da sua vida, já que ele sempre aponta as transformações que passou após o *“verdadeiro encontro com Jesus”*. A igreja, os cultos, acampamentos, encontros de jovens são especiais momentos de sociabilidade desse jovem que tem vários contatos com bandas de *rock*,

⁸³Igreja protestante fundada em 1972, em Belo Horizonte. Foi instituída por um pastor que se desligou da Igreja Batista da Lagoinha - igreja de grande visibilidade em Belo Horizonte. www.ministeriopeniell.com.br

punk rock, trashrock relacionadas à igreja. A música é inclusive outro norteador da sua vida, apaixonado pelo rock'roll, ele gosta de ir a shows, acompanhar ensaios de bandas de seus amigos da igreja que ele identifica como “só nego doido, só nego doido”.

Sua socialização com computadores e internet aconteceu na casa de amigos que tinham computador, mas especialmente em *lans* do bairro. Da mesma forma, ele reconhece que entre seus amigos a iniciação se deu de maneira parecida. “*A pessoa que nunca fez curso e destrincha o computador todinho. Você sempre tem um amigo, vizinho que sabe tudo... meu professor foi o público da lan house*”.

A Internet é recurso de comunicação com seus amigos da igreja, do basquete e de trabalho. Não estabelece contato com “desconhecidos” na rede a não ser que se identifiquem com algo que ele goste (música, igreja, basquete). Ele diz usar a rede para conversar com contatos já estabelecidos, trocar fotos, combinar jogos, falar à toa no MSN. A *net* é mais um recurso para que ele estabeleça encontros.

Só contato com amigo e profissional. Pesquisa é muito difícil... O que mais é na nossa vida? É amigo e família, sua vida é isso... mas eu uso muito pra trocar idéia... mas, uma vez por semana só... eu não tenho muita paciência pra computador... e mais orkut e msn. Eu uso muito pra trocar idéia...

Portanto, na vida de Son não há o predomínio de certa autonomia ou exclusividade nas comunicações e sociabilidade pela Internet, o que mais se percebe é um embaralhamento das vivências *face a face* e *online*. Os conteúdos das conversas *on-line* alimentam-se da “realidade”; são reelaboraões do contorno da sociabilidade real na medida em que estão quase sempre identificados por experiências da sua vida em espaços “socializadores” daquele bairro como o basquete e a igreja.

Os contatos que estabelece pela Internet com outros membros da Igreja estão especialmente relacionados a um projeto de futuro do jovem de viajar pelo mundo realizando *missões cristãs* para propagação do evangelho e trabalho voluntário com populações que vivem em condições precárias. No momento de uma conversa que tivemos, uma amiga sua estava na Guiana. Dar visibilidade para seus projetos pela internet é algo que Son também concebe. “*Pensei em fazer uma comunidade no orkut pra falar dos meus projetos...*”

A sociabilidade iniciada num contexto da igreja é ampliada em espaços do grupo na *web*, seja na *comunidade* da igreja através dos fóruns de discussão, ou mesmo no site que oferece recursos de comunicação em tempo real. A internet é corriqueiramente

usada para marcar encontros, combinar a ida ao culto e ainda conhecer *crentes* de outros lugares do país. Ele vê essa dinâmica de comunicação *on-line* e o uso rotineiro da *web* como algo “obrigatório... é igual ter geladeira, fogão! Uma coisa que num tempo atrás era luxo”⁸⁴

A sociabilidade *on line* não parece algo episódico, é constitutiva das relações de sociabilidade face a face. Dizer do “embaralhamento” desses contextos não deve ter o sentido de “confusão”, *mas* sim de reordenamento dos elementos da sociabilidade presentes na “realidade”. “*Você pode conversar com um pessoa que tá no Japão, no Eldorado ou que é seu vizinho... meu medo maior é isso, de ser tudo através da internet.*” Além disso, o jovem aponta para como em algumas circunstâncias a internet promove relações *on-line* mais rotineiras do que encontros e conversas em co-presença. “*Um amigo meu que foi pro Japão... eu conversava mais com ele quando ele tava lá do que aqui*”.

3.3 TRABALHO E AMIZADES: TUDO NUM MESMO LUGAR

Meu encontro com Zé Maria aconteceu em sua *lan house*. Sua *lan* está localizada na parte central de Nova Contagem, na avenida principal (VP1). Até determinado momento, centrava o trabalho de campo entre a “F5”, maior e mais conhecida *lan house* da região, a quadra de basquete e a rua da feira. Em um dia que a *lan* estava bastante cheia, com várias pessoas esperando na ampla sala com sofás, conversava com um dos funcionários e uma jovem, assídua freqüentadora do local. Após subirem a extensa escada que dá acesso ao espaço, duas meninas assustaram com a quantidade de pessoas que já estavam a espera, mal entraram na *lan* quando uma delas disse “*vamô lá no Zé Maria!*”. Foi quando soube que duas ruas abaixo de onde estávamos, havia outra *lan*.

Mesmo tendo passado por diversas vezes nessa rua, não sabia que nos fundos de uma locadora de DVD’s funcionava uma *lan house*, visto que não existia nenhuma placa ou cartaz indicando. Nesse mesmo dia, descí até o local com Marcela, a menina com quem conversava na F5.

⁸⁴ Quando ouvi essa fala, logo lembrei uma colocação em minha banca de qualificação quando o Prof. Piero problematizava o uso do termo *tecnologia* para identificar computadores. Numa mesma percepção, esse jovem classifica os computadores como tão populares quanto outros eletrodomésticos, ou seja, não funciona como marca de distinção.

É preciso atravessar um corredor ao lado da loja de DVD's para chegar numa espécie de barracão que fica na parte dos fundos do estabelecimento. O local era destinado para locação residencial, que ficava a cargo da proprietária de toda edificação e da locadora. Cinco computadores estavam distribuídos em dois cômodos. Dois deles ficavam num cômodo que funcionava também como cozinha. Um deles era sempre ocupado por Zé ou um de seus amigos, funcionava também como *administrador* que monitorava as outras máquinas e o tempo de permanência dos usuários. Os outros três computadores estavam dois dispostos de frente para uma parede do cômodo e o outro voltado para a parede oposta. Apesar dos cinco computadores, quase sempre havia uma média de 15 pessoas no espaço.

Mesmo que acompanhada por Marcela, chegar à lan e permanecer ali em alguns dias me trouxe certo embaraço. Era como se estivesse visitando a casa de Zé visto que todos que ali estavam se conheciam, conversavam e *zoavam* bastante uns com os outros⁸⁵. O clima jocoso e afetuoso evidenciava o estreitamento íntimo das relações daqueles meninos, e por um tempo me senti muito estrangeira e até mesmo desconfortável no espaço, já que eles pareciam também me ignorar. Na primeira visita me apresentei como pesquisadora para Zé, que me recebeu com muita presteza, aos poucos fui alcançando as relações entre os freqüentadores, em sua maioria *chegados* dele, como ele costumava identificá-los. Nas idas à *lan* procurei outra estratégia, ao invés de permanecer a esmo por ali, passei a sentar perto de Zé que numa postura hospitaleira me inseria nos contextos, revelava o encadeamento de algum caso que era conversado entre eles, me introduzia e explicava sobre os jogos em rede já que tinha pouco conhecimento sobre os mesmos.

Quando nos conhecemos, Zé tinha 24 anos e há dois meses havia inaugurado a *lan house* a partir de uma *sociedade* com a proprietária da loja em frente. Antes da *lan*, ele trabalhava como vendedor em uma farmácia do próprio bairro.

Sobre sua ligação com o bairro me contara de uma relação de transtornos e facilidades em morar no seu antigo endereço, um beco não pavimentado. Por um lado, ele valorizava o fato de estar na parte mais central de Nova Contagem, por outro, tinha dificuldades em receber correspondências, principalmente na época em que cursava um curso de eletrônica à distância. “*Eu tive sempre dificuldade de ser morador aqui do*

⁸⁵ *Zoar* é uma categoria nativa e muito usual entre os jovens em diferentes contextos, significa zombar, fazer alguma brincadeira com algum colega, bagunçar. Para uma reflexão das configurações do afeto evidenciadas pela prática do “ficar” e “zoar” Cf. Almeida, 2006.

bairro, porque onde é que eu morava antigamente aqui, era como se diz, um espaço limitado. Eu estava assim, no centro, na melhor parte da região, mas estava excluído por causa do endereço, morava na VL 4.”. Mesmo a *lan* estando localizada numa área comercial e valorizada do bairro, ali naquela parte *central* há becos e ruas em que o acesso de serviços dos Correios e empresas telefônicas é restrito, como acontece com o endereço residencial de Zé.

Ele sempre foi muito ligado com vídeo-game e foi essa paixão que fez com que vislumbrasse largar o trabalho como vendedor de farmácia na aposta de investir em uma loja com vídeo-game no bairro. Daí vem sua relação com a informática, mesmo sem computador em casa, Zé fanático com games ia à casa de primos e amigos para jogar também em computadores. No planejamento de abrir tal loja, convencido por um amigo, avaliou que investir em uma *lan* seria mais favorável. “*Aí eu vi que com esse negocio de internet banda larga, sempre teve um chamativo, aí eu parei né com farmácia, videogame, esse negócio, e falei, eu vou tentar agora com computador*”.

Entretanto, conseguir uma linha com internet em banda larga é extremamente difícil para os moradores de Nova Contagem. Uma série de regras era indispensável para a aquisição do serviço, como o tempo mínimo de três meses de uso de uma conta telefônica, além da disponibilidade do serviço estar restrita a determinados becos ou ruas. Algumas vezes ouvi esse tipo de queixa de outras pessoas, algumas se movimentavam com abaixo-assinados e mesmo na *comunidade* do Orkut lêem-se tópicos reivindicando a disponibilização da conexão banda larga.

Aí de novo eu tornei a encontrar barreira, velox aqui, Nossa Senhora! Aí eu já fui encontrar barreira nesse negócio, de ter uma conexão banda larga (...). Pessoal da telemar já estava tomando birra de tanto eu ligar, falei “mas é vocês mesmos que tá proporcionando isso aí. Aí também eu desisti e falei “ah, dessa vez eu não mexo mais não”⁸⁶.

Porém, os comerciantes da área mais central de Nova Contagem, encontram menos problemas na aquisição do provedor de banda-larga. Além da *lan* F5, os dois supermercados da Avenida Principal e a locadora de DVD's usufruíam do serviço. Num combinado de parceria com a dona da locadora Zé entrou com os computadores e a mão de obra, ela com o espaço e a conexão, o que tem dado a ele

⁸⁶ Na época a empresa “Telemar” (Hoje “Oi”) era a única responsável pela prestação de serviços de telefonia fixa na região. “Velox” é o provedor de internet da mesma empresa.

um bom retorno financeiro. Além disso, a *lan* possibilitou ampliar uma rede que mistura trabalho e lazer em dinâmicas e lugares associados.

Na medida em que ia conversando com Zé no espaço da *lan* era interessante perceber sua centralidade naquele espaço, não simplesmente como alguém que detém os computadores e organiza o funcionamento local, mas como uma figura fundamental nos processos de socialização e transmissão de saberes sobre o universo da internet.

Ele também tece algumas interpretações sobre a dinâmica da *lan* e as relações das pessoas com a *web*. Diante dessa reflexão é que ele descarta a possibilidade de dedicar e oferecer cursos de informática, até porque além da F5, ações do poder público e de instituições religiosas proporcionam esse tipo de atividade. Ao mesmo tempo o espaço se configurava marcado por aprendizados sobre os signos do *Orkut*, as ferramentas do *MSN*, o universo de conteúdos do *Youtube*, entre outros aprendizados que passam a incorporar elementos corriqueiros nas relações entre ele e clientes da *lan*.⁸⁷

Tem muito isso aqui, no entanto eu fui conquistando uma outra clientela por causa desse lado, que eles não tem noção nenhuma... eles falam assim “ah não porque eu queria criar meu site”, aí eu ah não, você vai criar seu site, vai vender alguma coisa, algum produto seu na internet?, “não, pra mim conversar com meus colegas que já tem”, eu falo “não, aí já é um e-mail, um messenger, um orkut, alguma coisas sim” “ah não, é isso mesmo”. Aí vem aqui e vai aprendendo na prática, aí depois acaba trazendo um irmão, um primo, não sei quem que também já não sabia nada, não tinha conhecimento. Tem dois rapazes aqui que eu não sei qual é o milagre deles não terem chegado aqui até agora. Aí você já viu, eles chegam aqui e de 5 em 5 minutos eles me chamam, mas assim, em vista do que eles chegaram aqui, porque tudo é eu que tinha que ir lá fazer: comunidade, endereço de site, pra entrar no messenger, tudo era eu que tinha que fazer e aí vão aprendendo.

Zé reconhece que por estar o tempo todo na *lan* acaba exercendo a função de um instrutor, diferente daquela postura “tradicional” de alguém que ensina as ferramentas do pacote *Windows*, digitação e outros conteúdos comuns em cursinhos de informática. Iniciar os usuários nas plataformas e programas mais usados, construir contas de correio

⁸⁷ “São as socializações que se dão nos espaços intersticiais das instituições: as socializações informais que produzem aprendizagens informais.” (PAIS, 2001, p. 315)

eletrônico, *Orkut*, *MSN*, ajudar na elaboração de currículos são atividades triviais no seu dia a dia de trabalho. Por outro lado, esse mesmo espaço de trabalho viabiliza seu encontro com amigos para os jogos em rede e baixar filmes que serão vistos em sua casa no fim de semana. “*eu estava na época sem a gravadora de DVD, aí falei assim “ah não, precisava de uma gravadora de DVD”, eu não agüento esse trem de ir lá na feira e 5 reais um filme, locação 3,50, sendo que se eu tiver o meu não sai por 2 reais pra eu ficar pra mim.*”

Nesse ambiente, o dono da *lan* reconhece que por receber tantos amigos em seu trabalho, nem sempre cobra uma quantia válida ou adequada por algum serviço. Muitos usuários da *lan* usam os computadores e internet sem que o pagamento seja feito naquele momento, ou pagam uma quantia inferior ao preço do serviço. Por outro lado, seus projetos de futuro estão relacionados investimentos e profissionalização com a informática, porém são planejados para fora da região que mora e trabalha atualmente, ou seja, em bairros próximos de Nova Contagem.

Então aqui no então, em questão de informática, até isso aqui no bairro já é mais difícil, tanto em questão de peça, nada você encontra aqui, então tudo tem que ser fora. Por enquanto não estou me dedicando totalmente a venda de peças, também tô precisando de um capital, pra começar... Manutenção eu já faço. Aí quando é um colega meu conhecido eu já nem procuro ganhar em cima, falo com ele assim, me dá uns cinco reais que eu mexo aí pra você... que isso aí tem muita gente aqui que tá adquirindo computador, mas tá vindo... igual eu te falei, eles sabem mais assim da Internet, mas da peça em si não conhece (...). Quería estender em outro local, Darcy Ribeiro ou Icaivera que não tem ninguém que mexe com a informática, bairro muito grande, a mesma situação...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Criar meu web site
Fazer minha home-page
Com quantos gigabytes
Se faz uma jangada
Um barco que veleja?
Gilberto Gil*

Como anunciado no começo dessa dissertação, para o desenvolvimento da pesquisa fez-se constantemente necessária a ponderação do uso de categorias usuais do imaginário social, do discurso normativo, da sociologia e antropologia urbana na interpretação das *periferias*. A chegada e trajetória no campo e as mudanças em torno das questões iniciais de pesquisa evidenciaram as transformações no trabalho em função da via etnográfica.

Ao adentrar para o universo do ciberespaço e dos ambientes de sociabilidade na *web*, novas perguntas orientaram as possíveis relações entre o ciberespaço e a produção dos espaços da cidade e dos bairros. Em que medida haveria no mundo *on-line* distinções entre *centro(s)* e *periferia(s)*? A idéia da *Internet* como uma rede, e por isso uma configuração sem centro ou núcleo, é apropriada mesmo quando o que pode se revelar na *web* é uma espécie de modulação de vivências cotidianas?

A configuração de um “objeto” a ser etnografado em dois contextos aparentemente descontínuos, ou seja, no chão do bairro Nova Contagem, a partir do encontro com jovens em espaços locais e a partir de trajetórias de cursos e permanências em espaços da internet foi desafiadora. Tal experiência permitiu encontros com os jovens na feira e na *lan*, principalmente, e o estabelecimento de uma rede de pesquisa por um tipo de conectividade também *on-line*. Nesse sentido, o trabalho permite o debate da *web* como campo e instrumento de pesquisa nas Ciências Sociais.

Na medida em que meu olhar alcançava o entrelaçado de vivências juvenis na internet e no bairro, a tematização da sociabilidade foi central perante diversas formas de agregações possíveis nas *comunidades* do Orkut. A partir de recursos de plataformas na internet e com novos elementos da comunicação *on-line* introjetados no cotidiano de cada um, acontecem impactos nas relações intersubjetivas e as necessidades que daí se depreendem. Processos de socialização na *lan house*, a iniciação e o aprendizado de significações do convívio no ciberespaço contribuem na elaboração de dimensões

cognitivas e uma rede de significados na rede (fãs, fotos, ícones, perfil). Tais elementos consagram articulações com a vida cotidiana no bairro dialogando com uma construção de uma noção de pessoa. A própria espacialidade das *lans* se presta também a um lugar de encontro, aspecto um tanto diferente de *lans* mais impessoalizadas em que as pessoas procuram o serviço.

Por um lado percebe-se uma propensão à sociabilidade entre indivíduos que estão próximos territorialmente, moradores de uma determinada área da cidade que, de modo inclusivo, estão inseridos numa mesma comunidade do *Orkut*, discutindo temas, emitindo opiniões, compartilhando vivências do bairro. Essas figurações de comunicação e sociabilidade na *web*, referenciadas pelo bairro apontam um contexto de estreitamento das sociabilidades, ou, ao menos de *reconhecimento* que se opera no espaço territorial comum de vizinhança em função da Internet, seja a partir do discernimento dos indivíduos pelas fotos que exibem no ciberespaço, e outros compartilhados travados na *web*. Nesse sentido, a própria categoria *vizinhança* precisa ser repensada, visto que entre moradores de Nova Contagem, além do reconhecimento que pode se dar “*por intermédio de vínculos construídos no dia-a-dia do bairro*” (MAGNANI, 1993, p. 50), os usuários podem se reconhecer pela vizinhança *on-line*, construída a partir de relações de proximidade em uma *comunidade* virtual.

Nota-se que a construção de pessoas desses jovens, atravessada pela *web* e pelo bairro é marcada pela exacerbação de características comuns de cada um deles. O ambiente *on-line* não é independente, mas mobiliza outros esforços simbólicos para produzir diversas modalidades de interação. Numa figuração que possibilita ampla exposição da *persona*, todos se celebrizam na internet, há uma maximização de qualidades presentes no domínio de todos, no senso comum. (características como “legais”, “confiáveis”, “bonitos”, etc.)

Por fim, foi possível enxergar também na internet um interessante espaço de diálogo sobre o bairro. A partir de debates travados no *Orkut* foram apreendidas representações e significações sobre o bairro, geralmente, denominado pelos “de fora” como *periferia*. Por outro lado, muitos dos jovens pesquisados, especialmente através de conteúdos postados sobre Nova Contagem na *web*, não classificam a localidade como *periferia*. Como apresentado na introdução desse trabalho, há no *Orkut* uma expressiva comunidade denominada “*É nós no Orkut – Periferia*”. Entretanto, esse dado em si não revela experiências que pudessem desvelar significados de práticas e discursos próprios de uma presença periférica na *rede*. Aqui, parece funcionar um tipo

de narrativa cada vez mais comum, inaugurado pelo movimento *hip-hop*, que busca dar centralidade à periferia, num sentido da sua “singularização” (FRÚGOLI, 2007. p. 146). Nesse sentido, é preciso desconfiar e problematizar a popularização da nomeação *periferia*, sobretudo quando usada como descritor que homogeneiza uma diversidade de lugares e sujeitos e constrói um lugar de alteridade para os moradores de “periferia” como àqueles que no contexto de exclusão precisam se **re**inserir. Tal discurso, atualmente (re) elaborado pelo viés da necessidade da chamada “inclusão digital”, mostra-se incompatível com práticas e construções acompanhadas nessa pesquisa que revelou múltiplas dimensões da Internet na vida de jovens “pobres” ou “de periferia”, pelo modo que apropriam-se e configuram toda uma rede intrínseca de relações no espaço urbano e na *web*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABRAMO, Helena. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Escrita, 1994.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papyrus, 1994.

ALMEIDA, Maria Isabel & EUGÊNIO, Fernanda(orgs). *Culturas Jovens. Novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

BARBOSA, Antônio Rafael. *Um abraço para todos os amigos: algumas considerações sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro*. Niterói: EDUFF, 1997.

_____. "Humanidade por excesso e as linhas de fuga que se abrem para o gueto". In: *Sexta-Feira*, nº 8, São Paulo, Editora 34, 2006.

BONDUKI, Nabil. *Origens da Habitação Social no Brasil*. São Paulo: Estação Liberdade/FAPESP, 1998

BOURDIEU, Pierre. "A juventude é apenas uma palavra". In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.

BOURDOUKAN, Adla. Y. "Carpe Noctem - Góticos na Internet". In: Magnani, José Guilherme; Mantese, Bruna. (Org.). *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo, Ed. Terceiro Nome, 2007

CALDEIRA, Tereza P. R. *A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. "Olhar, ouvir, escrever". *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

CANCLINI, Nestor Garcia. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. *Culturas Híbridas*. São Paulo, EDUSP, 2000.

DAMATTA, Roberto. *A Casa & a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAYRELL, Juarez. *O rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

DELEUZE, G. e GUATTARI. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 5*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

DORNELLES, Jonatas. *Antropologia e Internet: quando o "campo" é a cidade e o computador é a "rede"*. Horiz. antropol. [online]. Jan./June 2004, vol.10, no.21

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010471832004000100011&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0104-7183.

DURHAN, Eunice. “*A pesquisa antropológica com populações urbanas*”. In CARDOSO, Ruth. *A Aventura Antropológica. Teoria e Pesquisa*. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

ELIAS, Norbert & DUNNING, Erick. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

_____. & SCOTSON, John *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.

FOOTE WHYTE, William *Sociedade de Esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

FOUCAULT, M. *A Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1986

FRÚGOLI JR, Heitor. “O Urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia” In: *Revista de Antropologia*, São Paulo: USP, 2005. Vol. 48, nº 1. pp 133-165

_____. *Sociabilidade Urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

GUASCO, Pedro. *Num país chamado periferia: identidade e representação da realidade entre os rappers de São Paulo*. Dissertação (Mestrado)-Departamento de Antropologia, FFLCH/USP-USP, São Paulo, 2001

GUATTARI, E e ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

GUIMARAES JR., Mário J. L. *Sociabilidade no Ciberespaço: Distinção entre Plataformas e Ambientes* <http://www.cfh.ufsc.br/~guima/papers/plat_amb.html>. Trabalho apresentado na 51ª Reunião Anual da SBPC – PUC/RS, julho de 1999

_____. *De pés descalços no ciberespaço: tecnologia e cultura no cotidiano de um grupo social on-line*. Horiz. antropol. [online]. jan./jun. 2004, vol.10, no.21,p.123-154.Disponível

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832004000100006&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0104-7183.

_____. *O Ciberespaço como Cenário para as Ciências Sociais*. 1999 Trabalho apresentado no Grupo Temático "A sociedade da informação e a transformação da sociologia" do IX Congresso Brasileiro de Sociologia, Porto Alegre. http://www.cfh.ufsc.br/~guima/papers/ciber_cenario.html.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos. Ensaio de antropologia simétrica*. Coleção TRANS. RJ: Ed. 34, 1994.

HAESBAERT, Rogério e BRUCE, Glauco. “A desterritorialização nas obras de Deleuze e Guattari”. *GEOgraphia*, Niterói, v. 7, 2002.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, FAGED/UFRGS, v. 22, n° 2, p. 15-46, jul./dez, 1997.

HEILBORN, Maria Luiza. *Conversa de portão: Juventude e Sociabilidade em um subúrbio carioca*. Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1984.

MAGNANI, José Guilherme. *Festa no Pedação: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

_____. Os circuitos dos jovens urbanos. In: *Tempo Social*. Vol.17, n.2, pp. 173-205, 2005.

_____. Trajetos e trajetórias: uma perspectiva da antropologia urbana. In: *Sexta-Feira*, n° 8, São Paulo, Editora 34, 2006.

_____ & TORRES, Lilian L. (org). *Da metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo, Edusp/Fapesp, 1996.

_____ "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista brasileira de Ciências Sociais. (ANPOCS), vol. 17, n.º 49. pp. 11-29. 2002.

_____ & SOUZA, Bruna M. (org). *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo, Ed. Terceiro Nome, 2007.

MARTINS, José de Souza. *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo> Paulus, 1997.

MAUSS, Marcel. "Relações reais e práticas entre a psicologia e a sociologia" e "Uma categoria do Espírito Humano: a noção de 'pessoa', a noção do 'eu'". In *Sociologia e Antropologia* volume I. São Paulo: Edusp, 1974.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. "Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad". In: *Horizontes antropológicos*. Porto Alegre, v. 10, n. 21, 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010471832004000100002&lng=pt&nrm=iso>.

PAIS, José Machado. *Vida Cotidiana, Enigmas e Revelações*, São Paulo, Cortez, 2003.

_____. *Ganchos, Tachos e Biscates*. Jovens, Trabalho e Futuro. Porto: Ambar, 2005.

_____. "Buscas de si: expressividades e identidades Juvenis" In: Maria Isabel Mendes de Almeida e Fernanda Eugénia (Org.), *Culturas Jovens. Novos Mapas de Afeto* (pp. 7-24). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

PERALVA, Angelina. “O jovem como sujeito sócio-cultural”. *Revista Brasileira de Educação*. Mai/Jun/Jul/Ago 1997 n.º 5 Set/Out/Nov/Dez 1997 n.º 6.

PEREIRA, Alexandre. *De rolê pela cidade: os pixadores em São Paulo*. Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2005.

PELÚCIO, Larissa. *Na rede com os t-lovers. Uma experiência sobre o uso da Internet para estabelecer contatos com homens que gostam de travestis. Relatório de Pesquisa Apresentado à FAPESP*. Mimeo, 2005.

_____. *Nos Nervos, Na Carne, Na Pele - uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de Aids*. Tese de doutorado. Pós- Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de São Carlos, 2007.

REZENDE, Cláudia. “Mágoas da amizade: um ensaio na antropologia das emoções *Mana* Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 69-89, 2002.

REIS, Juliana Batista dos Reis. *Juventude e Políticas Públicas: reflexões sobre o Agente Jovem em Belo Horizonte*. Monografia. Belo Horizonte, FAFICH/UFMG, 2005.

RIBEIRO, Gustavo Lins. “A criação da ‘periferia’ brasiliense: do concreto geral ao modernista”. In: *Sexta-Feira*, nº 8, São Paulo, Editora 34, 2006.

ROSA, Thaís Troncon. *Fronteiras em disputa na produção do espaço urbano: a trajetória do Gonzaga de favela à bairro de periferia*. Dissertação de mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2008.

SARTI, Cynthia. *A família como espelho. Um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas: Autores Associados, 1996.

SILVA, D., MANSO, H & MONTENEGRO, A. *Universidade e sociedade: uma nova cidadania*. Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, Belo Horizonte, 2004.

SILVA, Vagner Gonçalves. *O antropólogo e sua magia* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006

SIMMEL, Georg. *Sociabilidade*; um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAIS FILHO, Evaristo (Org.) *Simmel*. São Paulo: Ática, 1983.

SPOSITO, Marília P. *A sociabilidade juvenil e a rua; novos conflitos e ação coletiva na cidade*. *Tempo Social*. Revista Sociologia da USP. São Paulo, v.5 n. 1 e 2, p.161-178., 1993.

_____. (org.) *Espaços públicos e tempos juvenis: um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras*. São Paulo, Global, 2007.

_____ & CARRANO, P. Juventude e Políticas Públicas no Brasil. In: Revista Brasileira de Educação. nº 24, São Paulo:ANPED , 2003.

TOLEDO, Luis Henrique. “Short cuts: histórias de jovens, futebol e condutas de risco”. *Revista Brasileira de Educação*. Mai/Jun/Jul/Ago 1997 n.º 5 Set/Out/Nov/Dez 1997 n.º 6.

_____. “Posfácio – Corporalidade e Festa na metrópole”. In: MAGNANI. *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo, Ed. Terceiro Nome, 2007.

VALLADARES, Lícia do Prado. *A invenção da favela. Do mito de origem da favela.com*. São Paulo: FGV Editora, 2006.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas.*, Rio de Janeiro:Jorge Zahar, 1994.

ZALUAR, Alba. *A Máquina e a Revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

_____. *Condomínio do diabo*. Rio de Janeiro: Editora Revan/UFRJ editora, 1994.

_____; ALVITO, Marcos. *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

ZENI, Bruno. “Literatura e periferia no Brasil: uma breve antologia”. In: *Sexta-Feira*, nº 8, São Paulo, Editora 34, 2006.

WAIZBORT, L. *As aventuras de Georg Simmel*. S. Paulo: Editora 34, 2000.

_____. *Georg Simmel: sociabilidade e moderno estilo de vida*. In: *Sociabilidades/ Laboratório de Análises da Sociabilidade Contemporânea*. São Paulo: Deptº. de Sociologia, FFLCH, USP, 1996, p. 25-35.

WACQUANT, Loïc. “Que é gueto? Cosntruindo um conceito sociológico”. *Rev. Sociologia. Política*. Curitiba, 23, p. 155-164, nov. 2004

WASELFISZ, Julio Jacobo. *Relatório de desenvolvimento juvenil*. Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). Instituto Sangari. Brasília, 2007.

WINTERSTEIN, Claudia Pedro. *Mangás e Animes: Sociabilidade entre cosplayers e otakus*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de São Carlos, 2009.